



## Os Guarani. Palavra e caminho

**Bartomeu Melià**

“A história de um guarani é a história de suas palavras”

E mais:

**Roberto Liebgott e Iara Bonin**

O contínuo caminhar guarani

>> **Roberto Machado:**  
A geografia deleuziana  
do pensamento

**Antonio Brand**

O dilema das fronteiras na trajetória guarani

>> **Nancy Cardoso Pereira:**  
O papel das mulheres  
na indústria

# Os Guarani. Palavra e caminho

“A partir do século V ou VI de nossa era, se conhecem aldeias de índios guarani nas matas do centro e noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”, atesta o antropólogo **Pedro Ignácio Schmitz**, jesuíta, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos e sócio-fundador da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).

No ano em que são lembrados os 400 anos da fundação das primeiras reduções jesuíticas, a edição da **IHU On-Line** desta semana busca compreender melhor a história, a cultura, a vida e a luta deste povo.

Contribuem, nesta edição, **Maurício da Silva Gonçalves**, ex-cacique e atual coordenador do Conselho de Articulação do Povo Guarani, **Roberto Antonio Liebgott**, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário - Cimi/RS e sua esposa, **Iara Tatiana Bonin**, doutora em Educação e professora na Universidade Luterana do Brasil - Ulbra; **Guillermo Wilde**, antropólogo e professor na Universidad Nacional de San Martín - UNSAM, na Argentina; **Graciela Chamorro**, professora de História Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados, MS; **Valéria Faria Cardoso**, professora de Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat; **Pedro Ignácio Schmitz**, professor e diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas na Unisinos; **Maria Cristina Bohn Martins**, professora do curso de Pós-Graduação em História na Unisinos; **Antonio Brand**, professor na Universidade Católica Dom Bosco, MS, **Antonio Cechin**, irmão marista e militante dos movimentos sociais e pastorais do Rio Grande do Sul; e **Bartomeu Meliá**, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos.

Esta edição é também um pequeno subsídio para o **Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani**, que inicia no dia 12 de agosto, na Unisinos. O evento é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, PPG em História, Instituto Anchietano de Pesquisas, Grupo de Pesquisa (CNPq) Jesuítas na América e do Colégio Anchieta e prepara o **XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, que ocorre nos dias 25 e 28-10-2010, São Leopoldo, RS.

Uma entrevista com a teóloga e filósofa **Nancy Cardoso Pereira**, outra com a tradutora do livro *Novos Princípios de Economia Política*, de Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi, **Fani Figueira**, e outra com o filósofo **Roberto Machado**, sobre *A geografia deleuziana do pensamento*, tema de sua conferência no **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana** completam esta edição.

A vida de **Marcio Rillo**, reitor da UNIFEI - Centro Universitário da FEI, em São Bernardo do Campo, São Paulo, falecido, repentinamente, no dia 24 de maio, é lembrada por dois de seus colaboradores.

A todos e a todas um bom feriado, uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Bartomeu Melià: “A história de um guarani é a história de suas palavras”

PÁGINA 09 | Roberto Antonio Liebgott e Iara Tatiana Bonin: O contínuo caminhar guarani

PÁGINA 15 | Pedro Ignacio Schmitz: Uma história marcada por lutas e resistências

PÁGINA 18 | Guillermo Wilde: Os guarani e o território latino americano: uma relação histórica

PÁGINA 22 | Graciela Chamorro: Uma trajetória marcada pela Palavra

PÁGINA 25 | Valéria Faria Cardoso: O idioma guarani e suas variações

PÁGINA 27 | Maria Cristina Bohn Martins: O protagonismo indígena guarani ao longo da história

PÁGINA 30 | Antonio Brand: O dilema das fronteiras na trajetória guarani

PÁGINA 35 | Antonio Cechin: São Sepé Tiaraju: exemplo heróico guarani

PÁGINA 40 | Maurício da Silva Gonçalves: Guarani: um povo em constante transformação

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 43 | Nancy Cardoso Pereira: O papel das mulheres na indústria

» Livro da Semana

PÁGINA 46 | Fani Figueira: “Novos Princípios de Economia Política”, de Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi

» Memória

PÁGINA 49 | Marcio Rillo (1953-2010)

» Coluna do Cepos

PÁGINA 52 | Andres Kalikoske: Televisão e violência simbólica

» Destaques On-Line

PÁGINA 54 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 57 | Roberto Machado: A geografia deleuziana do pensamento

» IHU Repórter

PÁGINA 62 | Ana Montana Boessio



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## “A história de um guarani é a história de suas palavras”

Segundo Bartomeu Melià, a palavra representa tudo na vida dos guarani e é por meio dela que eles estabelecem uma educação comunitária que está a serviço de todos

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

O pesquisador Bartomeu Melià convive com os guarani desde 1969 e os define como “grandes caminhadores”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a IHU On-Line, ele conta como era a rotina ao lado desse povo. “Passávamos boa parte do dia caminhando por aquelas selvas sem fim. Percorríamos as armadilhas para ver se algum animalzinho havia caído nelas, buscávamos mel, cortávamos alguns palmitos, visitávamos os vizinhos, alguns muito longe, via as mulheres ir à roça buscar mandioca. Pelo caminho, era frequente tocar flauta”.

Segundo Melià, o caminhar é provavelmente um hábito “que rememora a migração” e tal prática também faz parte da vida espiritual dos guarani. “Se caminha também espiritualmente, nos longos rituais. Entre os Pãi ou Kaiwá, por exemplo, o ‘mborahéi puku’, o ‘canto longo’, é uma marcha durante 13 ou mais céus para assim entrar na casa do Nosso Avô no fim. As longas estrofes, no estilo de salmos, eles as comparavam, quando me traduziam seu sentido, às marcas dos quilômetros de uma rodovia”, destaca.

De acordo com Melià, “a terra sem males dos guarani seria, nada mais e nada menos, ‘a terra da liberdade de todos os homens’”. E enfatiza: “O caminho à terra sem males não desviaria do paraíso, mas, pelo contrário, faria começar aqui e agora essa utopia, em um caminhar esforçado e livre, sem alienação e sem opressão”.

Melià é pesquisador do Centro de Estudos Paraguaios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em Ciências Religiosas pela Universidade de Estrasburgo, conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawenawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Ele esteve na Unisinos em 2006, por ocasião do Seminário Internacional A globalização e os jesuítas. Neste ano, Melià retorna à universidade para participar do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Na ocasião, ministrará a palestra A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, no dia 26-10-2010. Mais informações no sítio do IHU (<http://migre.me/KAtK>). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a origem da língua guarani? Ela sofre variações de acordo com a localização dos guarani?**

**Bartomeu Melià** - A história não escrita da língua guarani começa há cerca de 3.000 anos. Mas há 5.000 anos, na selva das línguas americanas, já se levantava um tronco do qual brotariam, com o tempo, muitos ramos. Desse tronco, que chamaremos de tupi, surgem oito famílias de línguas, sendo uma delas o tupi-guarani.

“Digno de notar-se é o fato de que quase todas as línguas do tronco tupi até agora reconhecidas se encontram na região do Guaporé, isto é, do alto

Madeira. Esse fato sugere que, talvez, o centro de difusão do Proto-Tupi deva se localizar na área do Guaporé”, diz Aryon D. Rodrigues<sup>1</sup> (1964:103). Com maior ou menor número de falantes, as

<sup>1</sup> **Aryon Dall'Igna Rodrigues**: linguista brasileiro. É o mais renomado pesquisador e conhecedor das Línguas Indígenas no Brasil. Possui trabalhos publicados desde o início da década de 1940. É o principal pesquisador e responsável pela sistematização de conhecimentos acerca de classificação genética das línguas brasileiras, sobretudo do Tronco tupi (sobre o qual escreve há cinco décadas). É autor, igualmente, de uma importante e bem sustentada hipótese de um nexu TUPI-KARIB. Criou e dirige o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) na UnB (Universidade de Brasília). (Nota da IHU On-Line)

línguas da grande família tupi-guarani, que são faladas até hoje, são umas 28, sem contar os dialetos e as variedades que existem no seio de algumas delas, como a guarani. São guarani as línguas do povo Pãi-Kaiowá no Brasil, do povo Avá - Nandeva no Brasil - e do povo Mbyá, que se estende pela Argentina, Brasil e Paraguai. São guarani também os Guarayos e os Ava - conhecidos como Chiriguaná - da Bolívia. O guarani paraguaio é um caso à parte, pois é língua indígena colonial de uma nação que não se reconhece como indígena, apesar de suas origens.

Como e por que se chegou a tan-

ta diversidade apesar da unidade de origem? No caso da língua guarani, na qual subsistem pelo menos seis variedades dialetais, como vimos, a explicação mais coerente e científica postula a existência de movimentos migratórios que afastavam os diversos grupos de seu lugar de origem e os distanciavam entre si. A “nação” guarani é o resultado dessas ondas migratórias, embora não exista acordo até hoje para determinar seu lugar de origem, nem as rotas de sua migração, nem mesmo os tempos em que tais migrações ocorreram.

Muitos arqueólogos - não todos - admitem que uma onda migratória chegou até a bacia do rio Paraguai e por ele desceu até o Paraná, subiu por este e, seguindo as ramificações de seus afluentes, chegou até o litoral atlântico, enquanto outros grupos saltavam para a bacia do rio Uruguai e adentravam até o Jacuí. A migração chegou a enfrentar os climas mais frios do delta do Rio da Prata, segundo Pedro Ignacio Schmitz<sup>2</sup> (1991). Ali, porém, podia-se plantar e colher milho, mas não mandioca. É significativo que a palavra “avati” - milho - tenha sido a primeira palavra guarani registrada em uma carta em castelhano de Diego García, de 1530.

**IHU On-Line - Como o senhor descreve a cultura milenar guarani, fundamentada na ancestralidade histórica, política e organizativa?**

**Bartomeu Melià** - Quase todos os guarani que eu conheço se referem à sua própria cultura, àquela que os identifica como povo, como um “ñande reko”, que significa “nosso modo de ser, nosso costume, nosso sistema e condição, nossa lei e hábito”. É claro que cada um desses diferentes povos coloca traços específicos em seu modo de ser: sua língua tem características próprias que a outra, de outro povo guarani, não tem. Ao escutar um índio Mbyá falar, distinguem-se em seguida traços fonéticos que os diferenciam, por exemplo, de um Paĩ ou de um Avá. Diga-se o mesmo de sua cestaria, de sua cerâmica, de seus rituais religiosos, do lugar de culto, de seus instru-

<sup>2</sup> Confira, nesta edição, uma entrevista com Pedro Ignacio Schmitz. (Nota da IHU On-Line)

**“Como povos agrícolas, não é estranho que Deus seja concebido como Pai Grande, Avô Primeiro e Sem Fim. Não é de se admirar, pois, que, uma vez convertidos ao catolicismo, a expressão de “Ñande Ru” - nosso Pai - não fosse em nada estranha”**

mentos musicais etc. Mesmo assim, é possível falar de um índio guarani genérico e uma cultura guarani. Ele é migrante, mas ao mesmo tempo é agricultor, vive em comunidades ou aldeias, sua organização social fundamental é a família extensa, governa-se mediante assembleias - “aty” - pequenas ou grandes, reconhece líderes religiosos e/ou políticos, tem uma religião baseada na palavra inspirada Pelos de Cima [Los de Arriba], palavra que se faz sacramento também mediante o canto e a dança, e se rege por eventuais profecias, entre as quais a chamada busca da terra sem males teve preponderância.

**IHU On-Line - Como são e a quem são dirigidas as orações dos guarani? Quem são seus deuses e qual é o significado de seus cultos e rituais?**

**Bartomeu Melià** - Como povos agrícolas, não é estranho que Deus seja concebido como Pai Grande, Avô Primeiro e Sem Fim. Não é de se admirar, pois, que, uma vez convertidos ao catolicismo, a expressão de “Ñande Ru” - nosso Pai - não fosse em nada estranha. Há outros espíritos ou entes divinos com nomes diferentes, segundo os vários povos guarani. O mais conhecido foi Tupã, deus do trovão, mas também existem Jakairá, protetor da natureza e dos cultivos, e Karaí, o protótipo dos

profetas. Alguns, como Kurupi, o duende do meio-dia, passou inclusive para o folclore colonial. As almas dos defuntos, as que ficam junto do lugar do enterro, se convertem em fantasmas temíveis que é preciso aplacar e das quais é preciso se manter longe, enquanto que a alma-palavra, essa não morre. Certamente, essa é uma visão um tanto superficial por ser sintética. A realidade, pelo que suspeitamos, é muito mais complexa.

**IHU On-Line - Entre os guarani é comum a prática do “caminhar”, definida, na língua guarani, como “guata”. O que esse “caminhar” significa espiritualmente? Isso, de alguma maneira, está relacionado com a busca da terra sem males?**

**Bartomeu Melià** - “Guata” é caminhar, andar, viajar ou passear, segundo o primeiro dicionário de 1639, “Tesoro de la lengua guarani”, do jesuíta Antonio Ruiz de Montoya.<sup>3</sup> Na realidade, o caminhar faz parte da vida do guarani, que são grandes caminhadores. Comecei a visitar e conviver com os guarani em 1969. Passávamos boa parte do dia caminhando por aquelas selvas sem fim. Percorriamos as armadilhas para ver se algum animalzinho havia caído nelas, buscávamos mel, cortávamos alguns palmitos, visitávamos os vizinhos, alguns muito longe, via as mulheres ir à roça buscar mandioca. Pelo caminho, era frequente tocar flauta. Toda a selva estava cheia de caminhos, de pessoas que se cruzam com os caminhos dos animais.

Já não existem selvas agora, e ca-

<sup>3</sup> Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): padre jesuíta e linguista peruano, um dos pioneiros nas missões do Paraguai. Ingressou na Companhia de Jesus em 11 de novembro de 1606. Foi ordenado em Santiago del Estero em fevereiro de 1611. Foi superior das missões entre 1636 e 1637, e procurador na Europa, em 1639. Escreveu alguns clássicos para o estudo das missões indígenas na Companhia no Paraguai, entre elas: *Conquista Espiritual* (1639), *El tesoro de la lengua guarani* (1639) e *El arte y vocabulario y el catecismo*. No Peru existe a Universidade Antonio Ruiz de Montoya. O tema *O feminino e o corpo no vocabulário de Montoya* será abordado por Graciela Chamorro no XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. A programação completa está disponível no sítio do IHU, em <http://migre.me/Ksna>. (Nota da IHU On-Line)

minhar pelos intermináveis campos de soja não tem graça nenhuma, além do perigo para a saúde que isso provoca. Os próprios produtores de soja vivem da soja, mas evitam viver na soja.

O caminhar é provavelmente um hábito que rememora a migração. Mas se caminha também espiritualmente nos longos rituais. Entre os Pãi ou Kaiwá, por exemplo, o “mborahéi puku”, o “canto longo”, é uma marcha durante 13 ou mais céus para assim entrar na casa do Nosso Avô no fim. As longas estrofes, no estilo de salmos, eles as comparavam, quando me traduziam seu sentido, às marcas dos quilômetros de uma rodovia. O próprio “mito dos gêmeos”, mito das origens, é concebido como uma marcha através do mundo e da cultura, para chegar no fim à casa da Mãe, onde há grande abundância de alimentos e onde nos encontramos com o Pai mediante o ritual em que as maracas fazem escutar vozes d’O Alto.

**IHU On-Line - Qual é o modelo de educação seguido pelos guarani? É uma educação da palavra e pela palavra?**

**Bartomeu Melià** - Efetivamente. Para o guarani, a Palavra é tudo, tudo para ele é palavra. E a palavra nunca é a de um só. Portanto, é uma educação comunitária e ao serviço da comunidade, embora haja também uma palavra própria, poética, que chega pela inspiração, mas é colocada ao serviço de todos, especialmente nas celebrações rituais. Pelo que observei, o menino e a menina são socializados desde muito pequenos não só pelos pais e pelas mães, mas eles são postos em condições para que possam estar abertos às palavras que receberão por meio dos relatos que escutam no pátio da aldeia ou em sua casa, mas sobretudo por meio dos cantos rituais. Toda essa atividade é feita em um ambiente de tranquilidade e paz, sem gritos, nem golpes. Chama a atenção como os pais de crianças de dois, três ou quatro anos as fazem raciocinar com paciência quando fizeram algo incorreto. O ambiente é de grande liberdade. A história de um guarani é a história de suas palavras, palavras escutadas e pa-

**“Curiosamente, o conceito de terra sem males outorgou aos guarani um caráter de modernidade notável. Do conceito, apropriaram-se não só os antropólogos, mas também ecologistas, filósofos, sociólogos, historiadores, poetas e teólogos”**

lavras ditas, palavras inspiradas e palavras rezadas, palavras pronunciadas em uma assembleia e palavras apenas sussurradas na vida íntima.

A educação escolar formal obedece a outro sistema que costuma trazer resultados desastrosos, sobretudo quando o docente vem do mundo dos brancos. No Brasil, no entanto, são agora numerosos os professores indígenas,<sup>4</sup> alguns com formação universitária. São conscientes das grandes possibilidades que a escritura e o uso dos meios de comunicação digital oferecem, e se tornaram especialistas em seu manejo - muito mais do que eu, com certeza -, mas também estão muito preocupados com os efeitos contrários que esses meios podem trazer ao sistema guarani. Essa problemática foi discutida nesta semana no VIII Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas, na Universidade Federal da Grande Dourados (25-29 de maio de 2010).

**IHU On-Line - Qual é o significado da busca da terra sem males para os índios guarani? De que maneira essa busca é vista como fator essencial para se entender o povo guarani e sua visão de mundo?**

<sup>4</sup> Sobre este tema confira a entrevista de Antonio Brand publicada nesta edição. (Nota da IHU On-Line).

**Bartomeu Melià** - Curiosamente, o conceito de terra sem males outorgou aos guarani um caráter de modernidade notável. Do conceito, apropriaram-se não só os antropólogos, mas também ecologistas, filósofos, sociólogos, historiadores, poetas e teólogos. A Missa da terra sem males<sup>5</sup>, de Dom Pedro Casaldáliga<sup>6</sup> e Pedro Tierra, é em si um poema admirável e apaixonado. Do guarani, foi amplamente divulgada a imagem de quem busca, incansável e profeticamente, essa terra sem males. Falar de guarani se tornou quase sinônimo da busca da terra sem males. Desse modo, uma experiência indígena se tornou exemplar e paradigmática para se pensar e trabalhar uma realidade mais ampla e geral, como é o projeto - a utopia - de uma sociedade mais solidária e humana. Segundo os versos de Casaldáliga (1980):

Os pobres desta terra  
queremos inventar  
essa Terra sem males  
que vem cada manhã

E é verdade que as palavras “yvvy marane’ÿ” - terra sem-mal - assim como “ka’a marane’ÿ” - selva ou monte sem-mal - constam já no “Te-

<sup>5</sup> No dia 25 de outubro de 2010, durante a abertura do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade será realizado em Unisinos um grande espetáculo, chamado *Missa Terra Sem Males*. Com texto de Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra e música de Martín Coplas, a apresentação conta com a participação de mais de 100 figurantes e com a presença de grupos indígenas guarani. O XII Simpósio Internacional IHU busca refletir sobre a experiência missioneira jesuítica nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai. Para saber mais acesse <http://migre.me/BigU> (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> D. Pedro Casaldáliga: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da IHU On-Line, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da IHU On-Line)

soro”, de 1639, mas com um sentido mais ecológico e realista. Trata-se de um solo intacto, de um monte ou selva não trabalhado, de onde ainda não se tirou madeira. Por analogia, “kuña marane’ÿ” é mulher virgem, e o epíteto foi aplicado pelos missionários à Virgem Maria. O caminho à terra sem males não desviaria do paraíso, mas, pelo contrário, faria começar aqui e agora essa utopia, em um caminhar esforçado e livre, sem alienação e sem opressão. A terra sem males dos guarani seria, nada mais e nada menos, “a terra da liberdade de todos os homens”, como entendeu também Casaldáliga.

### **IHU On-Line - Essa interpretação concorda com a realidade etnográfica e o processo histórico dos guarani?**

**Bartomeu Melià** - Em princípio, sim. Mas é preciso esclarecer que nem todos os guarani falam da terra sem males. Aos Mbyá, parece ser uma novidade inventada por antropólogos e renegam o conceito, embora tenham outras palavras que seriam equivalentes.

A verdade é que os guarani escolheram climas úmidos, com uma temperatura média entre 18 e 22° C, se localizaram preferencialmente nas orlas de rios e lagunas, em lugares que não excedem os 400 metros acima do nível do mar, habitando bosques e selvas típicas da região subtropical.

Mas a ecologia guarani não é só natureza, nem se define pelo seu valor exclusivamente produtivo. Com uma expressão que lhe é muito característica, o guarani se refere ao seu território como “tekoha”. Pois bem, se o “teko” é o modo de ser, o sistema, a cultura, a lei e os costumes, o “tekoha” é o lugar e o meio em que se dão as condições de possibilidade do modo de ser guarani. Com os próprios dirigentes guarani, é preciso dizer que sem “tekoha” não há “teko”. O “tekoha” ideal é um monte preservado e pouco perturbado, reservado para a caça, a pesca e a coleta de mel e frutas silvestres. Além disso, há manchas de terra especialmente férteis para nelas se fazer as roças e os cultivos. E, por fim, um lugar onde será levantada a grande casa comunal, com um grande pátio aberto, ao redor do qual cres-

cem alguns pés de banana, de tartago, de algodão e de urucu. São esses espaços: monte, roça e aldeia, que dão a medida da boa terra guarani.

Há até muito pouco tempo - antes que chegasse a rápida deterioração ecológica da região -, caminhar pelos caminhos de um “tekoha” guarani e descansar em suas casas era ver um espetáculo e escutar uma sinfonia. Essa é a terra boa que o guarani, caminhante, horticultor e aldeão, procurou incansavelmente para nela cultivar e viver.

Com boa produção agrícola, pode-se ter abundante comida, e a possibilidade de fazer festa é muito maior. O fundamento da terra guarani acaba sendo, desse modo, a festa, onde se compartilha a alegre bebida da chicha - “kaw” -, e onde há uma festa guarani aí está, no fim das contas, o centro da terra e a terra boa e perfeita à qual se aspira.

Para o guarani, há uma relação direta entre terra sem males e perfeição da pessoa. O caminho de uma leva à outra. E assim como a terra sem males é real e está neste mundo, a perfeição, que, em seu grau de excelência, inclui o não-morrer - que não é simplesmente a imortalidade -, também é real na terra. A terra sem males como terra nova e terra de festa, espaço de reciprocidade e de amor mútuo, produz também pessoas perfeitas, que não saberiam morrer.

Historicamente, o guarani tem uma experiência inegável do mal na terra: é a festa impossível, a perfeição inalcançável. São numerosas as tradições que falam de catástrofes e cataclismos que já aconteceram e são sempre possíveis. As diversas metáforas da destruição da terra e de seus males podem receber uma leitura natural e desmitificada: se trataria de prolongadas secas, esgotamento do solo, diversas pragas de animais daninhos, eclipses do sol e da lua, inundações, ataques de inimigos... Não é essa, no entanto, a interpretação indígena. O mal na terra, essa “coisa deforme”, nunca é um fenômeno natural nem uma circunstância meramente ecológica. É algo que afeta e destrói o modo de ser guarani.

Os Paÿ e Kaiowá contemporâneos assinalam como causas que podem

provocar a destruição da terra a violência e, em especial, o homicídio, as faltas cometidas contra a ordem moral, quando são negados a colaboração e o amor mútuo, e também a ofensa moral, quando não há reconciliação.

O mal atual consiste nos montes, nas cercas das fazendas que cortam os caminhos e reduzem a nada as terras indígenas, no egoísmo dos brancos e na falta de religião destes mesmos. É por isso que os cataclismos de sempre estão à espreita para se abater sobre o mundo: ventos de furacão, tempestades, incêndios, inundações, desgraças de todo o tipo, em forma de mortes repentinas, enfermidades incuráveis, fomes e mal-estar social.

O mal da terra não é de agora. Não há dúvida de que foi com a entrada do sistema colonial que o mal irrompeu com força inusitada e formas inéditas. Pestes, escravidão, cativo e perseguições foram os quatro cavaleiros do apocalipse colonial. A história colonial é, para o guarani, uma progressão de males que parece não ter fim nem limite. O pior de todos os males coloniais será simplesmente negar a terra aos guarani. Ir aonde? Desaparecem as selvas e os montes, tudo se torna campo, e o campo é exigido pelo branco para as suas vacas. Toda a terra se torna mal. O “mba’e meguã” - a coisa ruim - cobre tudo.

Migrante e, portanto, frequentemente “trans-terrado”, o guarani, nunca antes havia sido tão des-terrado. Agora, em busca da terra sem males, ele só teme o dia em que só haverá mal sem terra. Então, não haverá nem terra nem palavra.

Estive com frequência em assembleias e em rituais em que os discursos e as rezas expressam a dramática busca do povo guarani, em vista à recuperação da terra sem males. Certamente, se apresentam dificuldades enormes, principalmente para reconstituir um território guarani, que, por outro lado, seria de grande valor para o Brasil inteiro e para toda a região do Rio da Prata. Os guarani continuam lutando nessa busca. Isso lhes dá um sentido de ser, eles mesmos, profecias vivas e de ser, para todos nós, memória de futuro.

## O contínuo caminhar guarani

Para os índios guarani, não há distinção entre vida natural e sobrenatural. Por isso, explicam Roberto Antonio Liebgott e Lara Tatiana Bonin, os acontecimentos cotidianos têm, além de uma base objetiva, um viés subjetivo

POR PATRICIA FACHIN

“O povo guarani se considera eleito, mas precisa viver em um mundo imperfeito. Cada pessoa precisa aprender a conviver e a estabelecer um equilíbrio entre duas naturezas que a constituem - a humana e a divina. É esta ambivalência que constitui o desafio da vida humana, e que impele o guarani a superar sua natureza finita e buscar a perfeição que lhe aproxima da condição divina. Aprender a conviver e a conhecer os outros seres que habitam os limites do seu território é uma das estratégias deste povo. Talvez, por isso, suas atitudes não sejam propriamente de conflito e de enfrentamento aberto, mesmo quando há invasões em suas terras”. É assim que Roberto Antonio Liebgott, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário - Cimi/RS, e sua esposa, Lara Tatiana Bonin, doutora em Educação e professora da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra, definem o povo guarani. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a IHU On-Line, eles enfatizam que a marca distinta dos guarani “é a sua mobilidade”. Nesse sentido, “a vida guarani pode ser pensada como um ‘contínuo caminhar’”. Segundo eles, tal estilo de vida, caracterizado pela mobilidade colabora para “a produção de saberes, para a circulação maior de bens, de sementes, de ervas medicinais, e ainda proporciona às pessoas o desenvolvimento de certas capacidades que são consideradas importantes para assegurar o bem-viver”.

Lara Tatiana Bonin é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, mestre em Educação pela Universidade de Brasília - UnB. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, realizou o doutorado também em Educação. Por sete anos, atuou no Conselho Indígena de Roraima; e, por onze, no Conselho Indigenista Missionário - CIMI. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quem são os guarani? Quantos subgrupos fazem parte desta etnia indígena e quais suas características?**

**Roberto Antonio Liebgott e Lara Tatiana Bonin** - O povo Guarani era, de acordo com muitos relatos históricos, constituído por mais de quatro milhões de pessoas. Ocupava especialmente a região de mata úmida dos Rios da Bacia Platina, tendo chegado até a Bacia Amazônica.

Este povo, também denominado Awá (termo que, em português, significa *gente*) é parte do grande tronco linguístico Tupi, e pertencente à família Guarani. São hoje mais de 280 mil pessoas, subdivididas em grupos (parcialidades), assim definidos: Kaiowá (também referidos na literatura acadêmica

como Kaiová, Kayová ou Paï-Tavyterã), Nhandeva (referidos ainda como Xiripá e Ava Katu Ete), os Mbyá e ainda Guaraíos (Bolívia). As comunidades estão distribuídas em mais de 400 aldeias em quatro países da América do Sul. Seu território tradicional atualmente se estende sobre grande parte do Brasil, principalmente no sul, ao norte da Argentina, oeste da Bolívia e em todo o Paraguai. Há mais de quatro milhões de falantes de guarani e, no Paraguai, tornou-se uma das línguas oficiais.

Entre as parcialidades do povo guarani, existem diferenças importantes, relativas aos costumes, expressões linguísticas, rituais, estilos de pensar e de viver. No entanto, pode-se dizer que existem unidades agregadoras, a partir das quais, eles se articulam (sem,

contudo, confundirem-se) e mantêm intensa intercomunicação. Dentro de uma mesma parcialidade, também há distinções - que tem a ver com idade, gênero, lugar social, local de moradia, entre outros aspectos.

Tudo isso nos leva a reconhecer, mais uma vez, a pluralidade de maneiras de viver, que decorre das múltiplas histórias vividas por estes grupos e das relações que vão estabelecendo entre si e com os demais. Não há, portanto, um único e definitivo “jeito de ser guarani”, e não seria possível “traduzir” seu estilo de pensar e de viver em poucas palavras. É necessário considerar as específicas e variadas situações em que eles vivem, as mudanças que se processam em suas práticas cotidianas, como efeito de muitos fatores, as alternati-

vas que eles vão construindo para continuar vivendo em coletividades, no dinamismo de suas experiências riquíssimas de vida.

### Guarani na América Latina

Em termos de localização, de modo geral, os Kaiowá vivem hoje em pequenas parcelas de seu território tradicional, no Mato Grosso do Sul, com uma população superior a 40 mil pessoas. Os Nhandeva vivem no Sul do Brasil, Paraguai e Argentina, enquanto que os Mbya, que são em maior número, vivem na Argentina, Paraguai e Brasil, concentrando-se, de modo especial, no Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (há um grupo familiar que vive hoje no estado do Pará). Os Mbya são conhecidos pela grande mobilidade, que corresponde a uma forma de percepção e de ocupação do território, mas também representa um estilo de relação constituído entre as pessoas que habitam esses lugares.

**IHU On-Line - Que aspectos culturais são próprios da tradição guarani? O que vocês destacam na história deste povo desde a sua origem?**

**Roberto Antonio Liebgott e Lara Tatiana Bonin** - Podemos destacar dois aspectos importantes da cultura guarani. O primeiro diz respeito à dimensão sagrada, que está presente no cotidiano da vida destes grupos. Esta é uma questão complexa, não sendo possível resumir sua cosmologia (amplamente descrita por Curt Nimuendajú<sup>1</sup>, Bartomeu Meliá<sup>2</sup>,

1 Curt Unckel Nimuendaju (1883-1945): etnólogo de origem alemã que percorreu o Brasil em meio aos índios por mais de quarenta anos. Quando jovem foi aprendiz na fábrica de lentes Zeiss na Alemanha. Nascido Kurt Unckel, naturalizado em 1921 com o nome de Curt Nimuendaju, nome dado pela tribo Apapokuva-Guarani em 1906. (Nota da IHU On-Line)

2 Bartomeu Meliá: jesuíta espanhol Bartolomeu Meliá, pesquisador do Centro de Estudos Paraguios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004).

**“Em uma comunidade guarani, é indispensável a existência de uma casa de reza, a Opy. Nela, estreitam-se os vínculos com o Sagrado, realizam-se os rituais mais importantes, estabelecem-se as condições para se ter saúde, realizam-se os processos de nomeação e de cura”**

Pierre Clastres<sup>3</sup>, Graciela Chamorro<sup>4</sup>, entre outros pesquisadores) em poucas palavras. No entanto, uma consideração importante pode ser feita nesta direção: para os guarani, não há uma distinção absoluta, ou uma linha divisória que separa aspectos da vida natural e sobrenatural.

Confira a entrevista *As missões jesuítas nos sete povos das missões*, concedida por Meliá à edição 196 da **Revista IHU On-Line**, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Meliá profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, nesta edição, uma entrevista com Meliá, intitulada xxxxxxxxxxxxxxxx. (Nota da IHU On-Line)

3 Pierre Clastres (1934-1977): importante antropólogo e etnógrafo francês da segunda metade do século XX. É conhecido sobretudo por seus trabalhos de antropologia política, suas convicções anarquistas e anti-autoritárias e por sua pesquisa sobre os índios Guayaki do Paraguai. (Nota da IHU On-Line)

4 Graciela Chamorro: historiadora paraguaia. Estará na Unisinos em 27-10-2010, participando do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Na ocasião, abordará o tema *O feminino e o corpo no vocabulário de Montoya*. Confira, nesta edição, a entrevista *Uma trajetória marcada pela Palavra*, concedida por Chamorro à IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

Assim, as ações cotidianas são marcadas por certa ritualidade, as explicações para os acontecimentos têm uma base objetiva e também subjetiva, as razões para algumas práticas e condutas são de ordem material e também espiritual.

De acordo com muitos pesquisadores, que têm realizado estudos acadêmicos em diferentes épocas, o povo guarani se considera eleito, mas precisa viver em um mundo imperfeito. Cada pessoa precisa aprender a conviver e a estabelecer um equilíbrio entre duas naturezas que a constituem - a humana e a divina. É esta ambivalência que constitui o desafio da vida humana, e que impele o guarani a superar sua natureza finita e buscar a perfeição que lhe aproxima da condição divina. Aprender a conviver e a conhecer os outros seres que habitam os limites do seu território é uma das estratégias deste povo. Talvez, por isso, suas atitudes não sejam propriamente de conflito e de enfrentamento aberto, mesmo quando há invasões em suas terras.

Em uma comunidade guarani é indispensável a existência de uma casa de reza, a *Opy*. Nela, estreitam-se os vínculos com o Sagrado, realizam-se os rituais mais importantes, estabelecem-se as condições para se ter saúde, realizam-se os processos de nomeação e de cura. E, nos rituais, sempre está presente o cachimbo - *petyngué*, com o qual fazem uma espécie de defumação, que possibilita a purificação, em alguns casos, e permite a transformação de um certo objeto comum, em objeto guarani. Também, nos rituais, observa-se o uso do bastão de taquara - o *taquapy* - da flauta, do violão, da rabeça, do maracá, que são alguns dos instrumentos que elevam o canto e dão força comunicativa aos rituais. Tudo isso é parte indispensável para o bem-viver, na concepção Guarani.

### O valor da palavra

Um segundo aspecto diz respeito à palavra, que, para os guarani, é um importante elemento de constituição da pessoa e de elaboração contínua de seu modo de viver. Estudiosos como Curt Nimuendajú e Bartomeu Meliá

afirmam que os guarani são “o povo da palavra”, e a prática de escutar e de falar configura sua organização social, política, religiosa. Graciela Chamorro afirma, ainda, que a espiritualidade guarani é uma “experiência da palavra” ancorada em uma complexa teologia que só se pode observar frente a um estudo profundo e prolongado.

É pela palavra que a pessoa guarani vai sendo constituída, e essa produção se inicia antes mesmo do nascimento de um novo ser, ou de sua concepção propriamente dita. Para eles, a vida se inicia quando um componente divino é enviado e se coloca a caminho, até chegar e fazer morada em um corpo guarani. Essa porção divina é enviada em forma de palavra-alma e se torna pessoa à medida que vai sendo pronunciada, lida, inventada, através de palavras que são proferidas pelos pais, pelos líderes religiosos, pela comunidade, em diferentes momentos cotidianos e rituais. Observa-se, assim, que a palavra é um componente central no dia-a-dia dos guarani e ela se converte em conselhos e ensinamentos (dos pais para os filhos, dos anciãos - *karaí* - para os jovens, e assim por diante). Uma das maiores preocupações dos pais é assegurar o desenvolvimento da criança e se faz necessário dizer que eles são extremamente afetivos e cuidadosos com ela, tratando-a como um hóspede querido, para que, então, acostume-se com a vida na condição finita e humana. Ao longo da vida, uma pessoa guarani precisa aprender certas condutas que lhe permitam aproximar-se cada vez mais de sua porção divina, e, portanto, da palavra que expressa a sua alma. Assim, o respeito a várias regras, no dia-a-dia, assegura que nela se mantenha e se aprimore as características divinas - ser generoso, escutar a palavra dos outros, compartilhar, ser leve, manter-se alegre, são manifestações de divindade. O contrário pode também ocorrer quando, por exemplo, as pessoas desrespeitam as regras sociais e, neste caso, a porção humana prevalecerá, e elas estarão cada vez mais próximas dos animais.

O significado central da palavra na vida dos guarani pode ser pensado, ainda, pelas formas como eles defi-

**“Observa-se, assim,  
que a palavra é um  
componente central  
no dia-a-dia dos  
guarani e ela se  
converte em conselhos  
e ensinamentos (dos pais  
para os filhos, dos  
anciãos - *karaí* - para  
os jovens, e assim por  
diante)”**

nem e organizam a chefia: pode-se dizer que o poder de alguém nestas sociedades não se estabelece pela coerção de um chefe que possui o direito de ser ouvido, e sim pela capacidade oratória desse chefe, que tem o dever de falar, de ser convincente naquilo que diz, utilizando, para isso, as palavras com sinceridade e falando com o coração. Os guarani nos falam continuamente que a palavra deve expressar a verdade, o bom sentimento, e deixar ver aquilo que somos. E, por acreditar nisso, eles são notáveis no exercício da tolerância, da diplomacia e do respeito pelos outros. Eles acreditam que a palavra tem o poder de construir o entendimento quando proferida com sinceridade, por isso, a principal forma de luta política desse povo se dá por meio do discurso - sempre que convidado a falar, elabora sua intervenção de modo a estabelecer o entendimento e o respeito (parte, quase sempre, de uma fala mais elogiosa, que valoriza o interlocutor), e só então apresenta sua reivindicação, para que esta possa ser efetivamente ouvida e compreendida. Ocorre que, na dinâmica das relações políticas da sociedade ocidental contemporânea, a palavra não funciona, necessariamente, como expressão da verdade e da mútua compreensão e, talvez, por isso, muitas vezes, os discursos guara-

ni não são vistos como formas de luta e nem como expressões de um firme posicionamento.

É importante destacar, ainda como aspecto relevante, a dinamicidade da língua: os guarani mantêm, de um modo geral, a comunicação cotidiana em sua própria língua, sendo o português e o espanhol línguas utilizadas para estabelecer relações com os outros. Em cada uma das parcialidades da etnia guarani, a língua falada apresenta diferenças importantes, de pronúncia, de estilo, de expressões, em função da realidade cultural, social e política nas regiões onde vivem.

**IHU On-Line - Que vínculo os índios guarani mantêm com a terra?**

**Roberto Antonio Liebgott e Iara Tatiana Bonin** - Embora este povo possua vínculos ancestrais com um amplo território, eles vivem, em grande maioria, em pequenas porções de terra, com áreas que variam entre 5 e 500 hectares. No Brasil, a situação mais complexa é a do Mato Grosso do Sul, onde poucas áreas estão efetivamente demarcadas, sendo que uma grande parcela da população Kaiowá vive confinada em pequenas reservas e/ou em acampamentos de beira de estradas. No Rio Grande do Sul, também existem diversas comunidades Mbyá vivendo às margens das rodovias. É preciso dizer, antes de mais nada, que esta não é uma opção dos guarani, e sim uma condição que a eles foi imposta em função do modelo de ocupação e de desenvolvimento regional e nacional.

Viver em pequenas porções de terra não é adequado a um povo para quem a terra é fonte de vida, é lugar onde se restabelecem elos entre eles e seus ancestrais, onde se celebra a vida, onde se cultiva a porção divina que vive em cada pessoa, e onde se organiza o viver. Sobre ela, estrutura-se o *nhande rekó* - o modo de ser guarani.

Ainda em relação aos vínculos dos guarani com a terra, é importante lembrar que uma marca distintiva deste povo é sua mobilidade. Neste sentido, a vida guarani pode ser pensada como um “contínuo caminhar”. Eles se movimentam num amplo território,

hoje compartilhado com muitas outras pessoas (e constituído também pela presença de cidades, de fazendas, de plantações, de matas). No entender de muitos estudiosos que se dedicam à cultura guarani, a mobilidade não se refere apenas a um modo de relacionamento com a terra, mas constitui também o *nhande rekó*, que prevê a mobilidade das pessoas e das famílias entre os grupos e a mobilidade dos grupos no interior do território mais amplo. Como estilo de vida, a mobilidade colabora para a produção de saberes, para a circulação maior de bens, de sementes, de ervas medicinais, e ainda proporciona às pessoas o desenvolvimento de certas capacidades que são consideradas importantes para assegurar o bem-viver. Neste perambular constante, os guarani vão incorporando elementos de distintas regiões e culturas aos seus modos de viver, e vão também restabelecendo laços de parentesco, de colaboração, de partilha, aspectos fundamentais para a cultura e para a tradição deste povo.

Os guarani possuem vínculos com um território geográfico amplo, não mais contínuo como no passado, que é compartilhado por diferentes sociedades e no qual eles se mantêm perambulando, estabelecendo intercâmbios, formando aldeias em locais estratégicos, constituindo referenciais simbólicos e práticos. As formas de ocupação acontecem, portanto, através de deslocamentos concretos desses grupos, mas também pressupõem uma dimensão religiosa.

**IHU On-Line - Por que alguns guarani vivem à beira das estradas, e especial na região Sul do Rio Grande do Sul? Que aspectos antropológicos explicam esse fato?**

**Roberto Antonio Liebgott e Lara Tatiana Bonin** - Os vínculos dos guarani com seu território são profundos e envolvem elementos materiais e espirituais, conforme assinalamos anteriormente. Para os guarani, a vida, em toda a plenitude e potencialidade, só pode se concretizar em um *tekoha* - um espaço específico onde se pode viver ao estilo guarani. De acordo com Bartomeu Melià, um *tekoha* não é um lugar qualquer,

**“Quando os guarani ocupam um espaço ínfimo, à beira de uma rodovia, o que estariam nos dizendo? Quase sempre essa ocupação é, na verdade, o limite mais próximo que eles conseguem estar de uma área mais ampla, identificada como um tekoha”**

e sim um espaço assim identificado com a intervenção dos espíritos, que orientam o olhar do xamã (o *Karai*). Neste lugar é que se dão as condições para que se realize o modo de ser guarani, e ele deve apresentar uma série de características que envolvem aspectos ambientais, sociais e sobrenaturais. É necessário que o *Karai* sonhe com este local e, em geral, um *tekoha* deve ter água e matas, campos, animais, ervas, espaço para plantar e cultivar alimentos (o milho, a mandioca, batata doce, amendoim, feijão, melancia, abóbora).

Neste sentido, quando os guarani ocupam um espaço ínfimo, à beira de uma rodovia, o que estariam nos dizendo? Quase sempre essa ocupação é, na verdade, o limite mais próximo que eles conseguem estar de uma área mais ampla, identificada como um *tekoha*, e que quase sempre se situa “do lado de dentro” das cercas que dividem certas propriedades.

Na atualidade, há uma intensa mobilização deste povo para que se realize a demarcação de suas terras, embora eles não utilizem estratégias de impacto e visibilidade, tal como fazem outros povos que ocasionalmente bloqueiam estradas, ocupam sedes de órgãos de assistência etc. Existem

cerca de 150 terras guarani a serem demarcadas no Brasil, e esta é uma responsabilidade do governo federal. No entanto, os poderes públicos têm agido de maneira negligente, desrespeitando prazos para os procedimentos demarcatórios, omitindo-se em conflitos que colocam em risco a vida de algumas destas comunidades e deixando de cumprir os preceitos constitucionais que estabelecem, clara e irrefutavelmente, o direito dos povos indígenas às terras que tradicionalmente ocupam. Em todo o ano de 2009, o governo Lula emitiu apenas um decreto de homologação de terra para o povo guarani. O decreto, assinado em 21/12/2009, homologa a demarcação da terra indígena Arroio-Korá, no Mato Grosso do Sul, com 7.175 hectares. Infelizmente, dois dias depois, na véspera do dia de Natal, o ministro Gilmar Mendes, do STF, concedeu liminar aos fazendeiros, e os indígenas não puderam comemorar nem mesmo esta única homologação.

#### **A luta pela terra**

Também devido à luta por suas terras e por serem obrigadas a viverem confinados em pequenos espaços territoriais, várias lideranças indígenas têm sido vítimas de violências. O povo guarani é o que mais sofre violências no Brasil. O estado do Mato Grosso do Sul, onde vive o maior contingente populacional deste povo, continua sendo recordista de violências e desrespeito aos direitos indígenas. Em 2009, o estado continuou se destacando no número de assassinatos de lideranças indígenas: foram 33 vítimas de assassinatos, mais da metade dos casos de todo o país.

A prioridade do governo federal, evidenciada em diversas decisões tomadas nestes últimos anos, tem sido a de incentivar grandes empreendimentos econômicos, mesmo que estes possuam grandes impactos local, regional, ecológico e social. Infelizmente, muitas das obras construídas ou projetadas incidem sobre terras indígenas, e também os investimentos em monoculturas, que exigem amplas áreas de terra, acabam por desrespeitar limites

de terras indígenas, dificultando as demarcações e gerando tensões e conflitos expressivos em determinadas regiões. No governo do presidente Lula, registram-se os maiores índices de lucratividade de empresas, de instituições bancárias, e os menores números de demarcações iniciadas e finalizadas, e tais dados nos informam sobre o lugar que ocupa a temática indígena neste contexto. Também nestes anos verifica-se um crescimento assustador nos índices de violência praticada contra o povo guarani.

### **IHU On-Line - Que lições Sepé Tiaraju deixa para os guarani?**

**Roberto Antonio Liebgott e Iara Tatiana Bonin** - Uma consideração inicial importante se faz necessária quando abordamos essa questão: embora o povo guarani, tal como a maioria dos povos indígenas que conhecemos, não vincule sua história a certos nomes, a certos heróis, a feitos individuais exemplares, como nós o fazemos, na atualidade, pode-se dizer que Sepé Tiaraju<sup>5</sup> é um nome relevante para eles, e isso se explica por diferentes razões. Possivelmente, por ter liderado um movimento de resistência significativo na história desse povo, Sepé seria lembrado, juntamente com outros tantos líderes. No entanto, na atualidade, o nome deste líder traz à memória os acontecimentos de mais de 250 anos, que marcam um processo de luta e de defesa das terras por eles ocupadas. Sepé é então um nome que faz lembrar e celebrar, no canto, na dança, nas palavras dos homens e mulheres de hoje, a histórica resistência de seus antepassados, em defesa da terra e da liberdade.

Assim, quando os guarani dirigem-se para São Gabriel, a cada ano, na data em que ocorreu o massacre de mais de 1500 guarani, no conflito que envolveu os exércitos da Espanha e de Portugal, em disputa pela posse deste território, eles não apenas o fazem para lembrar

<sup>5</sup> Sepé Tiaraju (s/data - 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da IHU On-Line número 156, de 19-09-2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, disponível para download em <http://migre.me/Ksf2>. (Nota da IHU On-Line)

**“Ao longo da história,  
as culturas indígenas  
vão se adaptando,  
criando e recriando as  
maneiras e modos de  
ser e de viver,  
reelaborando saberes,  
convenções, crenças,  
estruturas políticas,  
econômicas, religiosas”**

de Sepé Tiaraju como um herói; eles seguem em caminhada, para lá realizar seus rituais, para proferir suas palavras e aconselhar os jovens. Lá eles também celebram a resistência, reativam o sonho e a esperança de ver garantidas as suas terras. Esta é, portanto, uma ocasião de encontro, e serve para dar materialidade à palavra, recontando acontecimentos marcantes, discutindo os atuais problemas e, especialmente, escutando os discursos proferidos pelos *karai*, que descrevem e, assim, antecipam o futuro desejado.

### **IHU On-Line - Qual a importância da cultura guarani na formação da identidade do povo gaúcho?**

**Roberto Antonio Liebgott e Iara Tatiana Bonin** - A resistência do povo guarani e os duros embates travados contra os exércitos da Espanha e Portugal, em defesa da terra, são muito valorizados por alguns segmentos sociais, intelectuais, militantes das causas populares e indígenas. Em livros de história, são escassas as informações sobre estes enfrentamentos e lutas e, portanto, o que se tem acesso são fragmentos e relatos de histórias. Essas histórias são transmitidas a algumas parcelas da população através da tradição oral e do imaginário mítico, que vem sendo produzido a partir dos simbolismos em torno das representações de Sepé Tiaraju.

O gauchismo tradicionalista acabou incorporando algumas representações

de Sepé nos seus contos, versos, prosas, músicas. Mas essa incorporação, de fato, tende a acomodar os conflitos e tensões históricas e tudo ocorre como se houvesse uma harmoniosa integração cultural. Além disso, em algumas circunstâncias, os sentidos são subvertidos - como, por exemplo, quando o brado “Alto lá, esta terra tem dono”, atribuído a Sepé Tiaraju, é incorporado a discursos de ruralistas, e passa a servir, então, como marca de uma apropriação fundiária que gerou a expulsão e a situação de vulnerabilidade que se encontram hoje os guarani. A expressão “Esta terra tem dono”, no entender guarani e no entender capitalista tem significados radicalmente distintos.

### **IHU On-Line - Como esses subgrupos (ou parcialidades) étnicos guarani se modificaram ao longo do tempo? Que transformações sociais e culturais marcaram a trajetória deles?**

**Roberto Antonio Liebgott e Iara Tatiana Bonin** - No Brasil, existem pelo menos 240 povos indígenas diferentes, étnica e culturalmente falando. As realidades também são distintas em função da geografia, das relações e formas de contato, em função das perseguições, da discriminação, das políticas de estado, das interferências dos grupos econômicos, políticos e do Estado.

Os guarani, assim como os demais povos que convivem cotidianamente com a sociedade envolvente, foram constituindo estratégias e mecanismos necessários para compreender e saber conviver com as demais culturas. As transformações ou modificações culturais são inevitáveis - aliás, não há cultura no mundo que não seja continuamente reinventada, confrontada com novas situações e com novas práticas. Exatamente porque são feitas de práticas cotidianas, e não apenas de um conjunto de aspectos vinculados à “tradição”, que as culturas - inclusive as nossas -, subsistem e se movimentam.

Tal como as culturas ocidentais e nacionais, ao longo da história, as culturas indígenas vão se adaptando, criando e recriando as maneiras e mo-

“Apesar de tantas adversidades e da opressão que lhes é imposta, os modos de ser e de viver dos guarani nos mostram que é possível a existência de um mundo onde sejam respeitadas as diferenças e a pluralidade de culturas e povos. O modo de ser guarani - essa teimosia histórica em viver, em se movimentar num amplo espaço territorial, em proferir sua palavra - nos permite problematizar certas maneiras de pensar e de viver”

dos de ser e de viver, reelaborando saberes, convenções, crenças, estruturas políticas, econômicas, religiosas etc. É uma pretensão um tanto eurocêntrica a que nos leva a supor que ao incorporarmos, por exemplo, o computador, as câmeras digitais, os celulares e tantos outros novos artefatos, estaríamos aprimorando nossas culturas, e que as mudanças nas culturas indígenas seriam signos de “perda cultural”.

Afirmar, no entanto, que as culturas se transformam, não é o mesmo que dizer que isso ocorre da mesma maneira em todos os cantos do mun-

do e para todos os sujeitos. É importante ressaltar que as transformações são também resultantes de relações de poder e de jogos de força que, em muitos casos, resultam na submissão de alguns grupos ao estilo de vida ou aos padrões de outros. É assim que precisamos entender as imposições feitas aos guarani, quando estes são forçados, por exemplo, a viver em condições sub-humanas, e a sobreviver de programas assistenciais e de distribuição de cestas básicas para não morrer de fome, enquanto suas terras tradicionais continuam ocupadas, loteadas, invadidas. É preciso considerar, portanto, que a maior transformação nos modos de vida guarani decorre da não demarcação de suas terras, e da omissão do Estado no que se refere à garantia de seus direitos.

Apesar de tantas adversidades e da opressão que lhes é imposta, os modos de ser e de viver dos guarani nos mostram que é possível a existência de um mundo onde sejam respeitadas as diferenças e a pluralidade de culturas e povos. O modo de ser guarani - essa teimosia histórica em viver, em se movimentar num amplo espaço territorial, em proferir sua palavra - nos permite problematizar certas maneiras de pensar e de viver, nos questionando sobre a estrutura fundiária concentradora, injusta, violenta, as relações com o meio ambiente que se baseiam na lucratividade e não no

#### LEIA MAIS...

>> Roberto Antonio Liebgott e Lara Tatiana Bonin já concederam entrevista para a IHU On-Line. O material está disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

- *Guarani-Kaiowá. Truculência e omissão.* Entrevista especial com Lara Tatiana Bonin, publicada em 5-1-2010, nas Notícias do Dia. Disponível no link <http://migre.me/JeN8>.
- *Morro do Osso: A luta dos Caingangues na capital gaúcha.* Entrevista especial com Roberto Antonio Liebgott, publicada em 7-10-2008, nas Notícias do Dia. Disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/JeJe>
- *Morro do Osso: uma luta dos povos indígenas do RS.* Entrevista especial com Roberto Antonio Liebgott, publicada nas Notícias do Dia, em 5-6-2008. Acesse no link <http://migre.me/JeGc>;
- “Os arrozeiros representam o enclave da violência”. Entrevista especial com Roberto Antonio Liebgott, publicada nas Notícias do Dia, em 3-4-2008. Acesse em <http://migre.me/JeLK>;

equilíbrio. Permite também questionar as formas como se estabelecem as fronteiras nacionais, a segregação e a exclusão geradas por elas, bem como o modelo de produção e as formas de exercício de poder.

#### INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

##### TEXTOS CLÁSSICOS

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MELIÀ, Bartomeu. *La novedad guarani (viejas cuestiones y nuevas preguntas)* Revista bibliográfica (1987-2008). Revista de Índias, vol LXIV, n. 230, 2004 p. 175-226.

NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo: Como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Editora Hucitec-Editora da Universidade São Paulo, 1987.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: E.P.U. - EDUSP, 1974.

##### PESQUISAS ATUAIS

ASSIS, Valéria Soares de. *Análise sobre as populações Guarani contemporâneas: demografia, especialidades e questões fundiárias*. Revista de Índias, vol LXIV, n. 230, 2004 p. 35- 54

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Enquanto o encanto permanece: processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005

BORGES, Luiz C. *Os Guarani Mbyá e a categoria tempo*. Tellus, ano 2, n. 2, 2002.

CHAMORRO, Graciela. *Decir El cuerpo: Historia y etnografía del cuerpo em los pueblos Guarani*. Asunción; Editoria UFGD, 2009.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário, *Revista Mensageiro*, Edição N 154, novembro e dezembro de 2005.

MENEZES, Ana Luiza Teixeira de. *A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem Guarani*. [Tese de Doutorado]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SOUZA, Luiz Antônio Catafesto de. *Crianças Mbyá-Guarani: Práticas pedagógicas & tecnologias de produção da pessoa*. [Dissertação de Mestrado]. Canoas, Universidade Luterana do Brasil, 2010.

PISSOLATO, Elizabeth de Paula. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. 446p.

Ver também: [www.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br)

## Uma história marcada por lutas e resistências

Os mitos e a organização social e econômica são aspectos que diferenciam a cultura guarani das outras populações indígenas, aponta o antropólogo Pedro Ignácio Schmitz

POR PATRICIA FACHIN

“**P**or ser um povo numeroso, agricultor, social e politicamente organizado, mas sem uma estrutura estatal e poder unificado de resistência, os guarani ficaram sujeitos à incorporação nos estados coloniais como escravos, como prestadores de serviço dependente (na encomienda), ou organizados em missões”, assinala Pedro Ignácio Schmitz, à **IHU On-Line**. Com uma trajetória marcada por lutas e resistências, os guarani também cultivam um estilo de vida próprio e, segundo Schmitz, na entrevista que segue, concedida, por e-mail, são considerados, pelos antropólogos, “uma das populações mais religiosas do mundo”. Para ele, essa característica “certamente se aplica aos guarani que hoje vivem no estado e migram em busca da ‘terra sem males’. Quando, em sua peregrinação, eles ocupam uma mata virgem, a primeira construção é um templo, de madeira, ao redor do qual levantam suas casas. Neste templo, se reúnem todas as noites para recitar seus antigos poemas e dançar seus ritmos. Estas rezas noturnas têm hora para começar, mas não têm hora para terminar, podendo entrar manhã adentro. Os velhos poemas, guardados na memória dos rezadores, falam das divindades, da criação do mundo e da natureza do homem”, salienta.

Pedro Ignácio Schmitz é professor, pesquisador e diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da Unisinos e sócio-fundador da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). É graduado em Geografia, História, Filosofia e Teologia e doutor em História. Trabalha, entre outros assuntos, com populações indígenas e missões religiosas na América Latina. Publicou e organizou diversos livros, entre eles, citamos: *Casas subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil* (São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 2002); *Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina* (São Leopoldo: Unisinos, 1999) e *Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999). Confira a entrevista..

**IHU On-Line - A partir de que momento aparecem os primeiros índios guarani no Rio Grande do Sul? Que fatores favoreceram a migração deles para a região?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - A partir do século V ou VI de nossa era, se conhecem aldeias de índios guarani nas matas do centro e noroeste do Estado. Elas são postos avançados de uma colonização, que será sistemática, das matas dos rios Paraná, Uruguai e Jacuí, por uma população da borda meridional da floresta amazônica, que se expande em busca de ambiente semelhante ao que deixa. As razões da migração: o crescimento demográfico regional e a deterioração do ambiente por fatores climáticos e humanos.

**IHU On-Line - O que a arqueologia revela sobre a história do povo guarani?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - A arqueologia pode construir uma história desta população, mostrando suas características culturais, a organização das aldeias com seus espaços e caminhos, o manejo da floresta através do cultivo, da caça e da pesca, a contínua expansão em busca de matas virgens, o exclusivismo do grupo frente a populações não-guarani, a organização das tribos em nível local e regional, sem alcançar uma estrutura superior para a qual teriam gente suficiente e uma cultura homogeneizada.

O relato a seguir não mais se baseia na arqueologia, mas na história e na antropologia. Por ser um povo nume-

roso, agricultor, social e politicamente organizado, mas sem uma estrutura estatal e poder unificado de resistência, os guarani ficaram sujeitos à incorporação nos estados coloniais como escravos, como prestadores de serviço dependente (na *encomienda*), ou organizados em missões. Todos os guarani foram envolvidos num ou noutro destes processos coloniais de busca de mão-de-obra e, nesses processos, se perdeu sua gente e sua cultura. Nas últimas décadas, os poucos sobreviventes se reorganizaram como etnias, cresceram numericamente, mas hoje alcançam bem menos que 10% do que eram ao tempo da colonização europeia. Confinados em postos indígenas, pleiteiam melhoria das condições, que a constituição nacional lhes garante; os do Rio

Grande do Sul, que se vêm infiltrando da Argentina e do Paraguai, migram em busca da mítica “terra sem males”, que talvez lhes dê tranquilidade, mas dificilmente uma saída para o futuro.

**IHU On-Line - O que caracteriza os guarani diante de outras etnias indígenas?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - A cultura guarani é diferente da cultura das outras populações indígenas, que povoaram o Sul do Brasil, nos mitos fundadores, na organização da sociedade, na economia, nas estruturas construídas, nas relações entre as aldeias e com as populações vizinhas.

**IHU On-Line - Como o senhor descreve a arquitetura das casas do povo guarani? E nesse sentido, como se dava a organização social deles nas aldeias?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Os missionários praticamente nada nos dizem sobre a habitação guarani, e, quando um missionário a descreve, fala de um galpão em que estão reunidos índios a serviço pessoal para os espanhóis, já fora de seu habitat natural. Na falta de melhor informação, muitas vezes, usa-se o modelo da casa grande dos índios Tupinambá da costa brasileira, em que chegariam a conviver até duzentas pessoas, sob a coordenação de um líder consensual; as quatro casas da aldeia estariam dispostas ao redor de uma praça retangular com paliçada defensiva. A arqueologia local, ao contrário, mostra casas pequenas, isoladas ou agrupadas sem ordem definida, formando aldeias em que, segundo os missionários, e os dados arqueológicos, haveria de 100 a 200 pessoas, sob a liderança de um cacique de aldeia. As casas estavam construídas com material perecível (trancos, varas e palha), do qual nada sobrou, e tinham um ou dois lugares de fogo (fogões), indicando que, na casa, haveria o correspondente número de mulheres, isto é, uma ou duas. Este número de fogões por casa indica que a poligamia, que tanto escandalizou o missionário, deveria ser bastante restrita; poli-

**“Todos os guarani foram envolvidos num ou noutro destes processos coloniais de busca de mão-de-obra e, nesses processos, se perdeu sua gente e sua cultura”**

gama generalizada seria impossível por falta de mulheres disponíveis.

As aldeias se localizavam, de preferência, na proximidade do rio, em lugar não atingido pelas enchentes, mas perto da desembocadura de um arroio e na proximidade de uma corredeira porque ali havia mais recursos e possibilidade de usar a água para o transporte e locomoção.

**IHU On-Line - Em que era baseada a economia guarani?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - A economia básica do Guarani se baseava no cultivo de numerosas plantas alimentícias de origem tropical como o milho, a mandioca, o amendoim, feijões, a batata doce, o inhame, cultivadas consorciadas em roças abertas na mata, sem cultivar mais adubo que a cinza da queimada. Nelas, também era produzido o algodão para diversas finalidades, inclusive para alguma vestimenta. A caça, a pesca e a coleta de larvas eram as provedoras das proteínas animais. Como não havia animais domésticos, como vacas, porcos, galinhas, cavalos, não se podia contar com provimento regular de carne, não havia leite, nem abundância de gorduras, ovos, estrume para fertilizar as roças, animais para transporte e locomoção. Era uma economia de subsistência frágil e pouco estruturada que dependia da continuada movimentação das aldeias para novas matas em que o processo pudesse ser retomado. Assim, o povoamento cobriu a região toda, degradando a mata original. Este processo não

poderia continuar indefinidamente, e não continuou porque foi interrompido pela conquista e colonização europeia.

**IHU On-Line - Como acontece o processo de liderança entre os guarani? Eles seguem uma hierarquia? Que aspectos a definem?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Da parte da arqueologia, nada conhecemos do processo de liderança guarani. Ao tempo das missões havia muitos caciques de aldeia, mas deles muito pouco sabemos. Os missionários nos falam dos caciques com liderança regional, que eram seguidos por dezenas de anônimos caciques de aldeia. Os caciques regionais do tempo da colonização tinham noção das forças atuantes no continente e usavam estratégias para defender seus seguidores. Por exemplo, no Guairá, PR, um grande cacique resistiu vinte anos ao convite do missionário porque temia que a entrada na missão o sujeitasse ao serviço pessoal aos colonos espanhóis; mas quando os bandeirantes chegaram muito perto da missão, ele foi somar forças com os missionários contra os paulistas. Um outro grande cacique, no Rio Grande do Sul, sentindo avançar para seu território, por um lado, a administração colonial espanhola, e, por outro, as bandeiras paulistas caçadoras de escravos, foi em busca do missionário. Ao tempo da colonização europeia, já havia certa tendência de continuidade nas lideranças regionais, mas elas ainda dependiam do desempenho e da aceitação do candidato. Ao lado dos caciques, por ocasião da instalação das missões, muitas vezes são mencionadas as lideranças religiosas, colocadas como opositoras e inimigas porque defendiam as tradições, que estruturavam a cultura indígena.

Nos guarani que migram pelo sul do Brasil, temos novamente caciques liderando aldeias isoladas e, ao lado deles, líderes religiosos. Até para se tornar cacique é preciso, antes, ser grande ‘rezador’.

**IHU On-Line - Como se constituía a vida familiar entre os guarani? Quais os costumes familiares característi-**

cos desse povo?

**Pedro Ignácio Schmitz** - O homem guarani casava, de preferência, com a sobrinha, filha de sua irmã, que não era considerada parente, porque o parentesco só era transmitido pelo homem, como acontecia entre os antigos judeus. Mas como esta união provavelmente se realizaria tarde na sua vida, ele poderia casar primeiro com uma viúva. Se depois liberasse uma sobrinha, ele teria uma segunda mulher. A mulher era a encarregada da casa e da agricultura, que produzia alimento assegurado da casa; uma mulher na agricultura garantia um mínimo, duas era melhor, uma terceira ainda melhor. A mulher não só cuidava da casa, mas gerava filhas, que criavam genros, que se tornavam os aliados do sogro. O homem cuidava da caça, cujo resultado era menor e aleatório. A educação consistia em introduzir os filhos e as filhas nas tradições do grupo, que pouco mudava em séculos de existência.

**IHU On-Line - Que crenças faziam parte do cotidiano guarani? De que maneira elas revelam a espiritualidade de guarani?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - A arqueologia nada revela sobre suas crenças. Os missionários não estavam

interessados nelas e procuravam extirpá-las. Como qualquer povo, os guarani tinham mitos explicativos das estruturas e dos acontecimentos do mundo e da sociedade e também ritos com os quais procuravam pôr-se em contato com o sobrenatural; sabemos ainda que líderes religiosos, os pajés, procuravam defender suas crenças contra a atuação do missionário. Os antropólogos, que os estudaram, falam que a religião permeava todas as suas atividades, considerando-os uma das populações mais religiosas do mundo. Isto certamente se aplica aos guarani que hoje vivem no estado e migram em busca da 'terra sem males'. Quando, em sua peregrinação, eles ocupam uma mata virgem, a primeira construção é um templo, de madeira, ao redor do qual levantam suas casas. Neste templo, reúnem-se todas as noites para recitar seus antigos poemas e dançar seus ritmos. Estas rezas noturnas têm hora para começar, mas não têm hora para terminar, podendo entrar manhã adentro. Os velhos poemas, guardados na memória dos rezadores, falam das divindades, da criação do mundo e da natureza do homem. "No começo era a Palavra, foi a Palavra que tudo criou, quando uma criança nasce, uma Palavra toma acento". Isto lembra o começo

do Evangelho de São João, mas nada tem a ver com ele.

**IHU On-Line - A que família linguística pertence a língua guarani e quais são suas variedades? Como caracteriza o idioma guarani?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Hoje, os guarani do Brasil, da Argentina e do Paraguai falam três dialetos da língua guarani, que pertence à família linguística Tupi-Guarani, do grande tronco Tupi, espalhado por grandes extensões da América do Sul, tanto no interior do continente como no litoral. Os Tupinambá do litoral brasileiro, depois dos Guarani da bacia do Rio da Prata, são os mais conhecidos. No Brasil, os grupos em maior destaque são o mbyá do sul e do litoral e o kayová do Mato Grosso do Sul. Mas existem numerosos outros grupos com sua identidade renovada e buscando estratégias para sua sobrevivência e seu desenvolvimento.

#### LEIA MAIS...

>> Pedro Ignácio Schmitz já concedeu entrevista à IHU On-Line. Acesse em nossa página eletrônica ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

• *Lição dos índios: sobrevivência é o princípio de qualquer cultura*. Publicada na edição número 257, de 5-5-2008, e intitulada *Em busca da terra sem males: os territórios indígenas*. Disponível no link <http://migre.me/IGou>.

## SEMINÁRIO JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI

DATA DE INÍCIO: 12/08/2010 DATA DE TÉRMINO: 14/10/2010

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

## Os guarani e o território latino americano: uma relação histórica

Os guarani que vivem no Brasil Meridional, no Paraguai Oriental, no Nordeste da Argentina e nas terras baixas da Bolívia somam, segundo o antropólogo Guillermo Wilde, mais de 100 mil indivíduos

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

**G**eograficamente, os guarani habitaram grande parte do leste da América do Sul e, de acordo com Guillermo Wilde, “trata-se de uma das maiores extensões territoriais alcançadas pelos falantes de uma só língua pré-colombiana na América”. Desde meados do século XX, os guarani foram classificados de acordo com a sua instalação nos territórios das diferentes nações Estado, mas a multiplicidade de nomes adotada entre eles não impede que reconheçam “fortes laços pré-existentes com unidades de organização política e de parentesco que transcendem as fronteiras entre países”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, com exclusividade, à IHU On-Line.

Espalhados pela América Latina, os guarani sofreram numerosas adaptações culturais e políticas ao longo de sua trajetória, e elas ajudaram a moldar a “identidade” desse povo, a qual, segundo Wilde, “é muito mais complexa que a nossa”. Para os povos guarani, identidade não significa “falar do nome próprio que aparece em um documento nacional de identidade (o RG) ou de um indivíduo entendido em termos fechados como ‘o idêntico a si mesmo’ e diferente radical do outro e da natureza, ficção da nossa própria modernidade. Para os guarani, a identidade é fundamentalmente um modo de relação (de diálogo) com o entorno visível e invisível (com outros humanos, animais, plantas e seres protetores que compartilham ou não características anímicas com os seres humanos), é o processo de formação da pessoa ao longo da vida (a identidade não está terminada, fechada, mas se transforma, se elabora) seguindo as normas de boa conduta, alimentação e relacionamento de todos os tipos”.

Guillermo Wilde é doutor em Antropologia Sociocultural pela Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, e atualmente é professor na Universidad Nacional de San Martín - UNSAM, na Argentina. Ele participará do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Misioneira: território, cultura e identidade, ministrando uma conferência intitulada Religião e poder nas missões, no dia 28-10-2010. A programação completa está disponível no sítio do IHU, em <http://migre.me/Ksna>. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como o senhor define a trajetória do povo guarani na América Latina? Que países eles habitavam e qual sua relação com os estados nacionais?**

**Guillermo Wilde** - A distribuição geográfica dos guarani abrangeu uma grande porção do leste da América do Sul. Segundo demonstra a arqueologia, trata-se de uma das maiores extensões territoriais alcançadas pelos falantes de uma só língua pré-colombiana na América. Hoje em dia, existem diversos grupos guarani localizados no Bra-

sil Meridional, no Paraguai Oriental, no Nordeste da Argentina e nas terras baixas da Bolívia. Embora não existam dados demográficos precisos, estima-se que a população total nos quatro países supera amplamente os 100 mil indivíduos. Desde aproximadamente meados do século XX, esse conglomerado complexo do ponto de vista cultural e social foi classificado utilizando-se diferentes etnônimos que variam de acordo com sua instalação nos territórios das diferentes nações Estados. Os mbya guarani, junto com

os chiripa (ñandeva ou ava-katú-eté) e os pai-tavyterá (pai ou kaiowá) são reconhecidos como os três subgrupos guarani da área meridional de concentração dos povos que linguisticamente pertencem à grande família linguística tupi-guarani.

Na fronteira entre a Bolívia e a Argentina, existem outros grupos que se autorreconhecem como guarani, como os avá-chiriguano, os tapieté e os izoçoño. Apesar da multiplicidade de nomes que os diferentes grupos guarani adotam e de suas diferenciações inter-

nas, deve-se destacar que sua presença na região antecede a formação dos Estados nacionais. Por isso, eles reconhecem fortes laços pré-existentes com unidades de organização política e de parentesco que transcendem as fronteiras entre países. Esse aspecto foi reforçado por um alto grau de mobilidade territorial que alguns grupos mantêm até hoje, apesar de o território original ter sido reduzido de maneira dramática no último século, em boa medida devido ao avanço dos Estados nacionais e à expansão acelerada da economia capitalista.

**IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a identidade do povo guarani?**

**Guillermo Wilde** - A identidade desse povo não pode ser compreendida em profundidade, se não são considerados os múltiplos ângulos ou escalas a partir dos quais o problema pode ser abordado. Não é a mesma coisa falar dos “guarani” como “grupo étnico” e considerar como alguns grupos experimentam seu próprio pertencimento cultural com relação a um passado ou a um Estado particular. Esta última perspectiva, mais histórica e particular, é a que me interessa.

Não podemos esquecer as numerosas adaptações culturais e políticas que esse povo experimentou ao longo de mais de 400 anos, sobre as quais ainda temos poucos dados. Nem se fala de 2.000 anos atrás. O grande dilema para aqueles que investigam o mundo guarani é, precisamente, determinar os aspectos de unidade na diversidade e de diversidade na unidade, o que, como eu digo, responde a processos e situações históricos específicos.

Se nos movemos para outro nível, como poderia ser o nível de como os próprios guarani percebem e constroem sua própria identidade, estamos diante de situações diferentes. Sua visão da “identidade” é muito mais complexa do que a nossa.

Para eles, falar de identidade certamente não é falar do nome próprio que aparece em um documento nacional de identidade (o RG) ou de um indivíduo entendido em termos fechados como “o idêntico a si mesmo” e diferente radical do outro e da natureza,

ficção da nossa própria modernidade. Para os guarani, a identidade é fundamentalmente um modo de relação (de diálogo) com o entorno visível e invisível (com outros humanos, animais, plantas e seres protetores que compartilham ou não características anímicas com os seres humanos), é o processo de formação da pessoa ao longo da vida (a identidade não está terminada, fechada, mas se transforma, se elabora) seguindo as normas de boa conduta, alimentação e relacionamento de todos os tipos.

**“O grande dilema para aqueles que investigam o mundo guarani é, precisamente, determinar os aspectos de unidade na diversidade e de diversidade na unidade, o que, como eu digo, responde a processos e situações históricos específicos”**

A característica fundamental da pessoa humana, o falar e andar de pé, não está dada, mas é adquirida (existe um ritual específico entre os guarani para obter o nome próprio, que é também a própria palavra, *ñeꞑe*) e é preservada seguindo as normas aprendidas dos mais velhos. Por isso mesmo, o estatuto da humanidade é frágil e está sempre em risco. Todos esses aspectos, dentre muitos outros, são parte do que podemos considerar, de fora, como identidade guarani.

**IHU On-Line - Que análise o senhor faz da relação hispano-guarani no**

**espaço guarani-missionário, desde 1768 até 1800, período estudado em sua pesquisa?**

**Guillermo Wilde** - A dinâmica das relações hispano-guarani depois da expulsão dos jesuítas, em 1768, adquire uma complexidade crescente, em boa parte derivada da intervenção de novos atores políticos e religiosos na região. Depois que os jesuítas partiram para o exílio, foram enviados aos povos guarani sacerdotes de outras ordens religiosas (franciscanos, mercedários e dominicanos), que deviam se ocupar dos assuntos espirituais sem intervenção na economia dos povos, função que foi conferida aos administradores espanhóis, especialmente designados. Isso ocasionou imediatamente muitos conflitos entre esses sacerdotes, dos quais participaram também os membros da elite indígena. O regime de distribuição econômica que havia mantido certo equilíbrio durante a época jesuíta se perdeu, e o clima crescente de desconformidade e decadência econômica levou uma grande quantidade de guarani a fugir de seus povos de maneira temporária ou permanente, tanto para a campanha circundante como para outros povos e cidades da região, onde pudessem ser empregados. Isso estendeu o fenômeno da mescla de população de diferentes origens por toda a campanha.

**IHU On-Line - Como o senhor define os guarani das missões antes, durante e depois da presença jesuítica?**

**Guillermo Wilde** - A categoria “guarani” é uma classificação do processo de colonização iniciado antes da chegada dos jesuítas à região. Os colonizadores necessitavam utilizar etnônimos que lhes permitissem contabilizar e controlar populações diversas enormemente estendidas pela região, cuja pertença se circunscrevia menos em termos étnicos do que políticos e parentais. Isto é, era mais comum que os índios se reconhecessem como parentes do cacique tal ou qual do que como “guarani”, “payagúas”, “mbayas” etc., categorias que, em todo o caso, se referiam mais a um status genérico da “humanidade”, do que lhe é pró-

prio, do que a denominações específicas. Isso é particularmente notório no momento da chegada dos jesuítas ao Paraguai, quando se faz referência a caciques e chefes que dominam amplas regiões e com os quais é necessário negociar a criação de povos de missão.

Com a ação dos jesuítas, aprofunda-se um processo de “etnogênese missional”, que, em parte, já havia sido delineado pelos franciscanos, mas que tinha características próprias. Essa “etnogênese missional” consistia em juntar populações dispersas que antes haviam aceitado a vida cristã, para que vivessem em povos de missão com uma estrutura urbana definida, falassem uma mesma língua, o guarani da missão, padronizada mediante catecismos e vocabulários, e respeitassem o cânone litúrgico.

O “guarani missional” é o resultado de um longo processo que se inicia a princípios do século XVII, com a criação de missões nas regiões do Guayrá, do Itatín, do Tape, em boa parte destruídas nesse mesmo século, e com o traslado de seus restos para o sul, para a região do Uruguai e do Paraná, para formar os 30 conhecidos povos guarani missionários. Essa formação sociocultural particular sobreviveu em muitos de seus aspectos básicos depois da expulsão dos jesuítas e se fragmentou politicamente de maneira definitiva a princípios do século XIX, com a formação dos Estados provinciais primeiro, e nacionais, depois. O interessante é que “o guarani”, nesse período posterior, define uma configuração linguística e cultural que não é propriamente indígena e que será apropriada, mais tarde e de maneira bastante contraditória e ambígua, por Estados nacionais em processo de formação como o Paraguai.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa a evolução histórica da colonização na província de Misiones, na Argentina, e seus efeitos sobre as populações indígenas mbyá-guarani?**

**Guillermo Wilde** - A colonização da província argentina de Misiones ocorreu em várias etapas desde o final do século XIX. Esse processo se inicia

## “A resistência guarani também deve ser inscrita historicamente, na medida em que é uma resposta a condições e variáveis específicas de um contexto”

antes no sul do Brasil e do Paraguai, significativamente depois da guerra da Tríplice Aliança<sup>1</sup> (1865-70). Na Argentina, inicialmente, o processo de colonização foi diretamente impulsionado pelo Estado Nacional argentino, que promoveu a imigração europeia ao país, a criação de colônias e a exploração industrial distribuindo enormes superfícies de terra entre as elites crioulas.

Esse processo foi acelerado durante o século XX com a expansão privada de uma frente agrícola-produtora de gado e florestal de grande escala depois. Essa expansão econômica representou o fim de importantes superfícies da floresta nativa conhecida como “Selva paranaense” ou “Mata atlântica”, onde os mbya-guarani habitam há várias centenas de anos. A selva ficou reduzida a 1% de sua superfície original, literalmente expulsando a população indígena, que não só viu ser diminuída de maneira radical sua capacidade tradicional para a mobilidade, mas também, em muitos casos, experimentou situações de profunda marginalidade econômica e social.

É importante dizer que essa situação alarmante está em curso hoje em dia e é reversível, na medida em que o estado provincial e nacional, seguindo a Constituição nacional, detenha o avanço da indústria madeireira, sojeira e da cana-de-açúcar sobre os terri-

<sup>1</sup> Tríplice Aliança: união entre Brasil, Argentina e Uruguai para lutar contra o Paraguai na Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870. Teve o apoio da Grã-Bretanha. Essa aliança queria impedir o crescimento de uma potência sul-americana, pois os outros países temiam uma possível expansão paraguaia em seu território. (Nota da IHU On-Line)

tórios indígenas e reconheça o direito original dessas populações de habitar e administrar de maneira exclusiva e autônoma esses territórios.

**IHU On-Line - Em que sentido o massacre e a resistência marcaram a trajetória guarani?**

**Guillermo Wilde** - Esses dois aspectos da experiência guarani devem ser considerados em relação a contextos específicos de interação entre os indígenas e as sociedades envolventes desde antes da época colonial até o presente. Por isso, é muito difícil fazer referência de maneira breve às formas guarani de resistência e de adaptação. Podemos também falar, como fizeram alguns autores para outras regiões e períodos, de “adaptação em resistência”. Nesse sentido, inclusive na época colonial, em que é mais comum falar desses termos, não é a mesma a situação dos guarani reduzidos nas missões jesuítas, dos guarani encomendados pelos assuncenhos [de Assunção], dos guarani escravizados pelos bandeirantes, dos guarani artesãos e os peões que fogem para as cidades e estâncias. Cada uma dessas situações expressa formas de adaptação. Assim como determinadas transformações nas lideranças contemporâneas.

A resistência guarani também deve ser inscrita historicamente, na medida em que é uma resposta a condições e variáveis específicas de um contexto. Os movimentos messiânicos e proféticos da época colonial e a ocupação atual das praças exigindo melhores condições de vida ou de títulos de terras são situações de resistência, mas com lógicas completamente diferentes, relacionadas com formas de dominação diferentes, o Estado colonial e as instituições do Estado moderno, e inclusive de certas circunstâncias globais que fazem com que seja possível um espaço para essas modalidades de protesto. Cada uma implica na elaboração de formas singulares de contestação ao regime estabelecido e à opressão. A tarefa da pesquisa social é, precisamente, indagar sobre essas condições históricas de contexto.

**IHU On-Line - Em que consistem as práticas sócio-políticas do povo guarani?**

**Guillermo Wilde** - É correto falar de “práticas sócio-políticas” na medida em que a organização social desse povo não está separada do modo como ela concebe o exercício de poder e inclusive também outras esferas da vida social, como a religião ou a economia, que o nosso pensamento moderno tende a separar. Para dizer de maneira breve, essas práticas giram, tradicionalmente, em torno da figura de um líder religioso e político em torno do qual se aglutinam as famílias que formam a comunidade e residem perto umas das outras. Estas reconhecem a autoridade do líder não só como líder, mas também, frequentemente, como pai ou avô, isto é, como parente. A dinâmica econômica também se sustenta nessa figura, capaz de organizar, com base em relações de parentesco, a produção para a subsistência, ou uma rede de relações para além da aldeia propriamente dita.

Essa lógica, ao mesmo tempo política, social, econômica e religiosa, persiste ao longo de toda a história do povo guarani, adaptando-se a circunstâncias específicas relacionadas com o contato com as sociedades envolvidas. Por exemplo, entre os guarani atuais, costuma existir, além da figura do líder religioso (*opy gua*), a figura do cacique ou representante. Essa divisão de “funções” tem sido útil para as comunidades atuais preservarem o conhecimento tradicional e interagir de maneira crescente com as instituições brancas nos diferentes países onde vivem. Na época colonial, junto com a figura dos caciques guarani que viviam nas missões, também existiam funcionários de cabido<sup>2</sup> que exerciam funções no marco do regime colonial (corregedores, prefeitos, secretários, alferes etc.). Há, então, modulações históricas da organização sociopolítica guarani que constituem a base de sua persistência.

**IHU On-Line - Que simbolismos mar-**

<sup>2</sup> Cabido: corporação dos cônegos de uma catedral. Na língua portuguesa antiga, significa uma assembleia de uma congregação religiosa. (Nota da IHU On-Line)

**“Ao longo de sua história, os guarani foram capazes de elaborar, em contato com a sociedade envolvente, formas de espacialidade próprias. Nesse sentido, não se pode dizer realmente que eles se encontrem em um ‘processo de urbanização’. Mesmo que demandem dos Estados nacionais melhores condições de vida, eles possuem suas próprias formas de conceitualizar o território e o espaço”**

**cam a religiosidade e espiritualidade desse povo? Nesse sentido, qual é a singularidade de seus rituais?**

**Guillermo Wilde** - A religiosidade ou espiritualidade guarani está centrada fundamentalmente na palavra, seja na forma de recitação ou no canto. Esta refere-se a um primeiro tempo originário de formação da pessoa humana e dos seres que povoam o cosmos, que deve ser invocado e atualizado (poderíamos dizer também repetido ou revivido) mediante os rituais que se realizam no local sagrado, o *opy*, no caso dos mbya-guarani. Essa palavra recitada ou cantada costuma ser acompanhada pelo movimento corporal da dança e o uso de determinados instrumentos musicais utilizados de maneira diferenciada pelos homens e pelas mu-

lheres. É importante destacar que, fora dos momentos rituais, os guarani defendem uma concepção espiritualizada da vida cotidiana, em que a ordem terrena, a conduta dos homens e das mulheres da comunidade, emula a boa conduta dos ancestrais divinizados. Esse aspecto, o seguimento das boas normas de convivência, é fundamental para o equilíbrio cósmico e para a preservação do status humano, sempre em risco de ser perturbado pela desordem e pelas impurezas. Por isso é importante também assistir com frequência ao local sagrado, para recordar, por meio da voz do líder religioso, os ensinamentos dos antigos.

**IHU On-Line - Que fatores contribuem para o processo de urbanização dos guarani?**

**Guillermo Wilde** - Ao longo de sua história, os guarani foram capazes de elaborar, em contato com a sociedade envolvente, formas de espacialidade próprias. Nesse sentido, não se pode dizer realmente que eles se encontrem em um “processo de urbanização”. Mesmo que demandem dos Estados nacionais melhores condições de vida, eles possuem suas próprias formas de conceitualizar o território e o espaço, isto é, suas próprias formas de urbanidade, ligadas não exclusivamente a determinado tipo de construção ou de habitação e espaço público ou a formas de se vestir, mas sim a modos de relação e conduta social de acordo com os ensinamentos dos antepassados (humanos e divinos).

É isso o que os guarani contemporâneos denominam de seu “*teko*” ou “*reko*” (costume ou modo de ser). Esse “*teko*” é altamente dinâmico e flexível e, ao longo da história, foi se transformando e incorporando elementos alheios, adaptando-se às circunstâncias que lhe eram impostas, reelaborando elementos tradicionais, sem por isso perder sua identidade. Isso, talvez, nos assinala a tarefa de reelaborar nossa própria noção de urbanidade em termos da noção indígena de “*teko*”.

## Uma trajetória marcada pela Palavra

Segundo Graciela Chamorro, a identidade guarani é fundamenta em eventos que aconteceram no passado remoto e foram protagonizados por seres poderosos como o sol e a lua

POR PATRICIA FACHIN

**D**edicada a estudar a temática indígena desde 1983, Graciela Chamorro pesquisa a religião e a história dos povos guarani do século XVII e de seus contemporâneos. Na entrevista a seguir, concedida, por telefone, à **IHU On-Line**, ela explica que eles mantêm uma relação de respeito com todos os seres vivos, e tal prática é reforçada pela religião. Como não cultuam imagens, suas representações religiosas são imateriais e se manifestam nos cantos, nos mitos e nas rezas. Segundo a pesquisadora, duas vertentes explicam o mundo religioso guarani. “Uma, é mais popular, entendida pelo viés mágico. Essa vertente também está relacionada a temores, por isso, eles rezam antes de caçar para aplacar a ira dos donos daquela caça. Os guarani acreditam que a natureza tem alma, tem vida própria e uma relação com seus seres protetores. Para caçar, precisam pedir licença. Quando colhem uma planta, por exemplo, eles a celebram. É a celebração que permite o consumo da erva”. A outra manifestação de fé se dá de uma maneira mais filosófica. Eles “acreditam em um ser criador, que acaba confundido com a Palavra. Ele cria pela Palavra, mas ele também é a Palavra. (...) A partir desse ser criador, desdobra-se um pensamento que diz respeito a quem são os seres vivos: eles também são palavras e têm de desenvolver a sua palavridade, a sua missão, ou seja, os seres humanos têm de viver como um verbo, desdobrando-se em diversas frações, as quais irão concretizar o bom modo de ser que eles estão incumbidos a realizar”.

Graciela Chamorro cursou mestrado em História pela Unisinos. É doutora em Antropologia, pela Philipps-Universität, na Alemanha, com a tese Aporte Linguístico para uma história e etnografia do corpo nos povos guarani; em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, com a tese intitulada Papa tapia rete marangatu (que os nossos corpos tenham sempre algo bom para contar): a experiência religiosa guarani como ato de dizer-se. Fez pós-doutorado em Romanística, na Universidade de Münster, Alemanha. Atualmente é professora de História Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados, MS. Dedicase também à edição de um Dicionário Etnográfico Histórico dos povos índios reduzidos pelos jesuítas, em contraponto com a atual etnografia guarani (nhandeva), kaiowá e mbyá.

Ela estará na Unisinos, no dia 27-10-2010, participando do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade. Na ocasião, abordará o tema O feminino e o corpo no vocabulário de Montoya. A programação completa está disponível no sítio do IHU, em <http://migre.me/Ksna>. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como define a identidade guarani?**

**Graciela Chamorro** - A identidade guarani é fundamentada em eventos que aconteceram no passado remoto e foram protagonizados por seres poderosos, heróis, como o sol e a lua, o irmão maior e o irmão menor. Eles se identificam como um grupo humano especial, que foi deixado pelos seres criadores na Terra para desenvolver a Palavra e, o que eles chamam de tekoporã, ou seja, seu bom modo de ser.

Os guarani são missionários do bem-viver, mas missionários para si mesmos.

**IHU On-Line - Como caracteriza a espiritualidade e a mística guarani? Em que consistem suas crenças?**

**Graciela Chamorro** - Imaginamos que os povos indígenas adoram o morro, as árvores, um astro. Os guarani não cultuam imagens e, no mundo religioso deles, não existem representações materiais. A representação é imaterial e se manifesta nos cantos, nos mitos,

nas rezas, nos relatos. Eles falam do ser criador, dos consortes, do homem e da mulher no início da criação, que são incumbidos de uma função especial. Então, essa relação do presente com o passado é bastante forte na cultura guarani.

Podemos dizer que duas vertentes explicam o mundo religioso guarani. Uma, mais popular, entendida pelo viés mágico. Nesse sentido, eles acreditam que o divino está presente na natureza, nas plantas, nas pedras e em todos

os seres vivos. Essa vertente também está relacionada a temores, por isso, eles rezam antes de caçar para aplacar a ira dos donos daquela caça. Os guarani acreditam que a natureza tem alma, tem vida própria e uma relação com seus seres protetores. Para caçar, precisam pedir licença. Quando colhem uma planta, por exemplo, eles a celebram. É a celebração que permite o consumo da erva.

Eles também expressam a fé de uma maneira mais filosófica. Acreditam em um ser criador, que acaba confundido com a Palavra. Ele cria pela Palavra, mas ele também é a Palavra. Isso exige de nós uma reflexão mais elaborada para entender esse pensamento filosófico, que implica numa abstração maior do que a de simplesmente observar que eles têm rituais mágicos. A partir desse ser criador, desdobra-se um pensamento que diz respeito a quem são os seres vivos: eles também são palavras e têm de desenvolver a sua “palavridade”, a sua missão, ou seja, os seres humanos têm de viver como um verbo, desdobrando-se em diversas frações, as quais irão concretizar o bom modo de ser que eles estão incumbidos a realizar.

Alguns grupos guarani se expressam mais nessa linguagem filosófica, mas manifestam isso para poucas pessoas, ou seja, para aquelas em que confiam.

**IHU On-Line - Qual é o valor dos antepassados na história de vida desse povo?**

**Graciela Chamorro** - Os ancestrais heróis são seres exemplares e motivo de imitação. Os antepassados mais recentes, avós, tataravós - especialmente se foram rezadores populares - ficam na memória de toda a aldeia. A fala deles chega a ser confundida com a dos irmãos mitológicos, que estão no início da origem guarani. Hoje em dia, professores indígenas tentam incluir rezadores tradicionais no seu plano de aula. Os índios da nova geração, que estão na universidade e têm outras referências da sua formação, ainda valorizam os seus velhos, diferente de nós, que, muitas vezes, desprezamos rapidamente o que nossos pais ensinaram. Não quero dizer com isso que os

**“O morto é bastante temido. Acreditam que existe uma alma elevada que continuará a vida num outro mundo, e outra alma que é bastante apegada à Terra e que permanece no mundo terreno, perturbando a vida dos vivos”**

índigenas não enfrentam crises. Esses velhos representam outra cosmologia, a qual é diferente da cosmologia ocidental, onde a preocupação espiritual e humana é substituída pela tecnologia. Todas as culturas enfrentam esse dilema do velho conflitando com o novo, mas eles vivem isso com mais crueza porque as novas gerações estão mais expostas à liderança do novo.

**IHU On-Line - Qual é o significado da morte para os guarani? Como eles vivenciam o luto?**

**Graciela Chamorro** - A morte em si é encarada com naturalidade. Esse tema é objeto de uma fala serena, e quando a pessoa já atingiu uma idade mais avançada, a morte é objeto de desejo. Os guarani costumam dizer que quando uma pessoa morre, seu protetor vem buscá-la. Os donos da Palavra, que habitam em outros mundos - o que facilmente chamamos de céu -, buscam a Palavra alma e a levam para seu destino.

O morto, por outro lado, é bastante temido. Acreditam que existe uma alma elevada que continuará a vida num outro mundo, e outra alma que é bastante apegada à Terra e que permanece no mundo terreno, perturbando a vida dos vivos. Isso está relacionado com o luto, porque, na medida em que os parentes da pessoa falecida

lamentam a sua morte, essa alma permanece na Terra e se encarna em um familiar. Quando ela encarna em outra pessoa, esta perde a sua identidade e passa a viver a vida do morto. Para que isso não aconteça, eles trabalham para que o luto seja curto. Antigamente, todos os pertences do morto eram queimados. Hoje, isso é raro de acontecer porque representa uma perda material para a comunidade.

**IHU On-Line - O que podemos entender por teologia guarani?**

**Graciela Chamorro** - Teologia, como filosofia e antropologia, são termos derivados do mundo greco-romano. Então, teologia significa o discurso sobre Deus, mas teologia guarani tem de significar outra coisa porque eles não fazem parte desta tradição. Um livro meu se chama *Teologia Guarani* (Quitô: Abyayala, 2004), porque a editora pediu que esse fosse o título.

A teologia indígena circula no mundo dos índios que foram catequizados e se converteram ao catolicismo. Eles estudaram teologia oficial e não-oficial. A partir disso, nos dizem que também têm uma reflexão, a qual não é contemplada nas tradições. Assim, trazem a tradição não-indígena para dentro da teologia. Nesse sentido, a teologia indígena surge para dar espaço a tradições indígenas de espiritualidade que não foram contempladas na teologia cristã. Para outros, a teologia indígena significa outra teologia, a qual foi apagada pela missão cristã.

A teologia não é uma proposta dos indígenas guarani, dos povos indígenas amazônicos. A teologia índia não se preocupa com a teologia não-indígena, mas elabora a si mesma e tenta ser reconhecida assim. Uso o termo teologia indígena ou teologia guarani quando quero dar o testemunho do que eu, como teóloga cristã, conheci intelectualmente do saber indígena, especialmente do saber guarani.

**IHU On-Line - E qual é o significado do casamento para esse povo? Eles valorizam a união matrimonial?**

**Graciela Chamorro** - Existe, entre eles, um discurso sobre o casamento, mas esse não é um ritual com tanto destaque como costuma ser na nossa

cultura. Quando os jovens decidem se casar, eles conversam com a mãe, e ela fala com a outra família. Antes do casamento, o menino deve saber desenvolver alguma atividade como plantar, ou ter um trabalho. Hoje, alguns jovens casam mais tarde porque precisam se estruturar.

Durante a celebração, o casal deita em uma rede e recebe uma comida especial feita à base de milho, a qual comem juntos. Geralmente, os noivos passam a morar próximo da casa da família da noiva. Há outros rituais, que incluem a erva-mate e diversos elementos.

O primeiro casamento nem sempre é eterno. Para eles, as relações começam de forma mais informal. Conforme as pessoas vão se entendendo, o casamento se estabiliza. Do contrário, eles casam novamente. Há uma tolerância, flexibilidade, ou seja, outra matriz para o casamento.

**IHU On-Line - Que vínculos os guarani mantém com a terra? Qual é a importância da natureza para o desenvolvimento da vida social deles?**  
**Graciela Chamorro** - Os guarani não têm um termo para a palavra natureza porque esse termo implica em uma divisão entre os seres. Nós dividimos os seres vivos em pensantes e não-

pensantes. Nessa lógica, a natureza é aquela que podemos usar em serviço do ser pensante. Isso, de certa forma, rege a nossa sociedade e nos diz que somos seres superiores à natureza, que estamos dotados de inteligência e de alma para dominá-la. Na teologia, isso serviu como uma das narrativas da criação, que diz para o ser humano: “Dominai a terra”. Para os indígenas, essa relação não existe. Eles dizem que são parte da natureza e entendem que ela tem alma e Palavra. Cada ser existente hoje tem uma história. A história desses seres são os relatos que eles geraram, ou seja, são os seus mitos. Esses seres têm uma Palavra alma que é a sua fundação, e essa palavra alma tem de se desenvolver e se tornar madura. Viveiros de Castro<sup>1</sup> disse,

<sup>1</sup> Eduardo Viveiros de Castro: antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu uma entrevista à revista IHU On-Line nº 161, 24-10-2005, que tem como tema de capa *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho*. O título da entrevista de Eduardo Viveiros de Castro é “O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife”, disponível em <http://migre.me/s9Y9>. Entre outros, escreveu *Araweté: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI, 1992), *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*. (São Paulo: Cosac & Naify, 2002) e *Métaphysiques cannibales. Lignes d'anthropologie post-structurale* (Paris: Presses Universitaires de France, 2009). (Nota

numa palestra, que os indígenas dão um status social para os seres da natureza, ou seja, os humanizam. Por isso fazem rituais de justificativa para derrubar uma árvore que não poderá amadurecer. Isso tudo acontecia num mundo clássico dos indígenas. Hoje eles não conseguem manter essa tradição porque o ambiente que habitam não propicia tais rituais.

Quando pergunto aos guarani sobre o eucalipto, por exemplo, eles dizem que a árvore não tem história, que é uma planta nova, gerada pelo reflorestamento. Eles acham que o estilo de vida dos brancos não tem um sentido, uma razão de ser. A caça, por exemplo, tem uma explicação histórica, mas o frango comprado no supermercado não faz parte da lógica da caça. Para nós, isso também não tem um significado. A diferença é que somos absorvidos por um cotidiano que não nos dá tempo de pensar e valorizar as mudanças que a indústria alimentícia e as redes de supermercados nos impõem. O pensamento dos indígenas não diz respeito apenas a eles. Se tivermos paciência de observar, perceberemos que eles têm algo a nos ensinar.

da IHU On-Line)



**XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
 IHU - A EXPERIÊNCIA  
 MISSIONEIRA: TERRITÓRIO,  
 CULTURA E IDENTIDADE**

**DATA DE INÍCIO: 25  
 DE OUTUBRO DE 2010  
 INFORMAÇÕES EM  
 WWW.IHU.UNISINOS.BR**

## O idioma guarani e suas variações

Embora o guarani seja considerado um dos idiomas oficiais do Mercosul, ainda não é possível contabilizar o número de falantes, enfatiza Valéria Faria Cardoso

POR PATRICIA FACHIN

A língua guarani e suas variações dialetais como Kaiowá, mbyá e nhandewa pertencem à família Tupi-Guarani. Essa família, por sua vez, “é constituída de um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso, pré-colombiana e não documentada historicamente. Convencionou-se chamar Proto-Tupi-Guarani a língua ancestral da família Tupi-Guarani, sendo sua existência concluída a partir de correspondências sistemáticas entre os sons, as gramáticas e os vocabulários das línguas desta família”, explica Valéria Faria Cardoso, professora de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Valéria menciona que os dialetos guarani falados no Brasil “ainda não possuem uma grafia unificada” e tendem a “acompanhar a grafia do guarani falado no Paraguai”, país em que a língua também é considerada oficial. Valéria Faria Cardoso possui graduação em Licenciatura Plena em Letras e mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. cursou doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a tese Aspectos Morfosintáticos da Língua Kaiowá (Guarani). Atualmente, leciona na Universidade do Estado do Mato Grosso, no Departamento de Letras. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual o significado da palavra guarani?**

**Valéria Faria Cardoso** - O significado corrente para a palavra “guarani” é “guerreiro”. Certamente, aplicado para designar, a princípio, o povo *guarani* - povo *guerreiro* - e não a língua guarani.

**IHU On-Line - Qual a origem do idioma guarani? A que família linguística pertence a língua guarani e quais são suas variações?**

**Valéria Faria Cardoso** - As línguas do mundo são classificadas em famílias linguísticas segundo um critério genético. Entende-se, por família linguística, o grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma mesma origem. No caso, a língua guarani (ou ainda suas variações dialetais: o kaiowá, o mbyá e o nhandewa) é classificada como pertencente à família Tupi-Guarani. Esta família, por sua vez, é constituída de um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso, pré-colombiana e não documentada histo-

ricamente. Convencionou-se chamar Proto-Tupi-Guarani a língua ancestral da família Tupi-Guarani, sendo sua existência concluída a partir de correspondências sistemáticas entre os sons, as gramáticas e os vocabulários das línguas desta família. Por fim, a família Tupi-Guarani e outras nove famílias linguísticas indígenas “são reconhecidas como aparentadas geneticamente num nível mais remoto, constituindo um conjunto adjacente, a que se chama tronco linguístico, neste caso o tronco Tupi.

**IHU On-Line - Em 2007, o guarani recebeu o status de língua oficial do Mercosul. Quantos indígenas falam o idioma atualmente?**

**Valéria Faria Cardoso** - Atualmente, os guarani constituem-se numa população indígena expressiva, ocupando um espaço territorial que abrange vários países da América do Sul. Seguramente, esta é uma das razões pelo qual o guarani recebeu esta condição de língua oficial do Mercosul, juntamente com o português e o castelha-

no. Segundo a Comissão Nacional de Terras Guarani, há, no território brasileiro, cerca de 46.000 índios guarani que vivem nos estados do Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

No que se refere ao número de falantes do idioma guarani, ou de qualquer outra língua indígena brasileira, não há informações precisas, apenas estimativas e aproximações. Entretanto, este quadro será modificado porque o IBGE realizará o XII censo demográfico, ainda em 2010, e, pela primeira vez, fará um levantamento do número de línguas indígenas faladas em nosso país e, provavelmente, o número de falantes para cada uma delas.

**IHU On-Line - Como a senhora caracteriza a linguagem falada entre os guarani?**

**Valéria Faria Cardoso** - A pesquisa linguística que desenvolvo desde 1998 refere-se à linguagem falada pelo grupo kaiowá (guarani) que vive na microrre-

“Sobre as influências linguísticas entre estas línguas,  
considera-se que há uma relação de contato  
linguístico íntimo estabelecido entre o guarani e o  
castelhano no Paraguai, por exemplo, que resultou  
no crioulo linguístico - o Jopará”

gião da Grande Dourados, MS. Em minha tese, para além da classificação genética do guarani, tido como língua, e do kaiowá, tido como dialeto desta língua, considere outros critérios como sendo proporcionalmente relevantes, tendo em vista que estão diretamente ligados à identificação da linguagem dos kaiowá. São eles: a reconquista de terras; a busca da autoidentificação; a valorização de sua cultura e o reconhecimento de sua variedade linguística como língua. Então, a partir destas descrições, propus que a questão da delimitação referente à linguagem falada entre os guarani kaiowá seja entendida como sendo mais uma questão política do que linguística. E assim, concluí que a variedade linguística falada por cerca de 20 mil brasileiros kaiowá é a *língua kaiowá*.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre as modalidades oral e escrita na língua guarani?**

**Valéria Faria Cardoso** - Os dialetos guarani falados no Brasil ainda não possuem uma grafia unificada. Comumente os textos produzidos na modalidade escrita tendem a acompanhar a

grafia do guarani falado no Paraguai, uma vez que, neste país, o guarani também é língua oficial.

**IHU On-Line - Em que consistem os estudos gramaticais da língua guarani? Eles possuem uma gramática própria?**

**Valéria Faria Cardoso** - Sim, a gramática do guarani é tipologicamente bastante complexa. Os estudos linguísticos que tomaram o guarani como objeto de análise, em geral, consistem em descrever e analisar densamente os seus diferentes níveis de linguagem, visando contribuir para o conhecimento de outras línguas indígenas da família Tupi-Guarani, bem como de outra filiação genética, além de procurarmos cooperar com o desenvolvimento de novas formulações teóricas, ou ainda, possibilitar reajustes e/ou reformulações de hipóteses e teorias.

**IHU On-Line - Existe produção escrita na língua guarani? Como obras literárias, por exemplo? O que eles escrevem e leem?**

**Valéria Faria Cardoso** - Essencialmente não. No Brasil, a produção escrita

em língua guarani é ínfima. Em geral, restringem-se à produção de cartilhas escolares prontadas por ONGs, textos curtos sobre a cultura guarani, além de apostilados sobre AIDS, DST, entre outros assuntos relativos à saúde preventiva, produzidos pelo Ministério da Saúde etc. Por fim, é notória a necessidade de elaboração de dicionários, gramática de referência e materiais de leitura que visem a auxiliar trabalhos em escolas de educação bilíngue das comunidades indígenas brasileiras e de outras localidades.

**IHU On-Line - A língua guarani sofreu influências de outros idiomas como o português e o castelhano?**

**Valéria Faria Cardoso** - Sim, sabe-se que, por longo tempo, as línguas europeias e as línguas ameríndias têm coexistido em condições de típica diglossia. Esta diglossia na América Latina está associada a uma complexa estrutura sócio-política existente deste os tempos da colonização.

Sobre as influências linguísticas entre estas línguas, considera-se que há uma relação de contato linguístico íntimo estabelecido entre o guarani e o castelhano no Paraguai, por exemplo, que resultou no crioulo linguístico - o Jopará. Já no Brasil, a situação de contato linguístico entre o guarani e o português resulta em empréstimos linguísticos que apontam também para mudanças linguísticas no guarani, língua receptora.

## Orações Ilustradas.

Acesse em  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)



## O protagonismo indígena guarani ao longo da história

Na visão de Maria Cristina Bohn Martins, não há uma história dos guarani relativamente ao colonialismo e às reduções, mas muitas histórias

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“Os embates contra os espanhóis e as derrotas que sofreram na luta contra estes portadores de armas mais eficientes devem ter repercutido fortemente sobre esta sociedade de guerreiros que valorizava sobremaneira a valentia e o sucesso nos combates”, afirma Maria Cristina Bohn a respeito dos índios guarani. Na entrevista que segue, concedida à IHU On-Line, por e-mail, a professora observa que “enquanto na época colonial as ações do Estado em relação aos índios visavam mediar o problema do uso do seu trabalho, passou-se depois a lidar com a questão das terras que, pelo que podemos observar, continua muito atual. Ela resulta hoje das profundas transformações que o Brasil viveu nas últimas décadas do ponto de vista da ocupação territorial, com um forte movimento de migração para áreas onde os índios vivem. Este processo, iniciado na época da ditadura militar envolveu contingentes muito vulneráveis, como garimpeiros, migrantes pobres, mas também grupos poderosos envolvidos no agronegócio. Na perspectiva destes interesses, os índios são um ‘problema’”.

Professora do curso de Pós-Graduação em História da Unisinos, Maria Cristina Bohn Martins é vice-presidente da Associação nacional de História Núcleo Regional, Seção RÂS (ANPUHRS). Em agosto, ela participará do Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani, pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A programação completa está disponível no sítio do IHU, em <http://migre.me/Ksna>. Entre suas obras, citamos *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII)* (Passo Fundo: Editora da UPF; ANPUH - RS, 2006) e é uma das organizadoras de *Histórias coloniais em áreas de fronteiras. Índios, jesuítas e colonos* (São Leopoldo; Cuiabá: Oikos, Ed. da Unisinos, Ed. da UFMT, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como e quando ocorreram as primeiras ocupações dos povos guarani no sul do Brasil?**  
**Maria Cristina Bohn Martins** - De acordo com Jairo Rogge<sup>1</sup>, investigador do Instituto Anchietano de Pesquisas e professor dos cursos de Pós-Graduação e Graduação em História da Unisinos, apesar de existirem referências a algumas datas mais recuadas (que são objeto de muita controvérsia), as datações mais aceitas para a presença

1 Jairo Henrique Rogge: geólogo brasileiro, graduado pela Unisinos, mestre e doutor em História pela mesma instituição com a tese *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições ceramistas pré-históricas do Rio Grande do Sul*. Escreveu inúmeros artigos especializados e capítulos de livros. É investigador do Instituto Anchietano de Pesquisas e professor dos cursos de Pós-Graduação e de Graduação em História da Unisinos. (Nota da IHU On-Line)

guarani no sul do Brasil situam-se por volta do início da Era Cristã. Uma das datas mais antigas localiza-se no Paraná (2.010 +- 75 AP), na região de Foz do Iguaçu, pesquisada por Igor Chmyz<sup>2</sup> na década de 80. No Rio Grande do Sul, a datação mais antiga que possuímos está no vale do médio/alto Jacuí, na região de Agudo (1.800 +- 100 AP), e feita por Brochado na década de 60.

**IHU On-Line - Como os guarani se relacionaram, ao longo de sua história,**

2 Igor Chmyz: historiador brasileiro, graduado em História e Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutor em Antropologia Arqueológica pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *Pesquisas Paleoetnográficas efetuadas no vale do rio Paranapanema, Paraná-São Paulo*. Leciona na UFPR, no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, e escreveu dezenas de artigos especializados. (Nota da IHU On-Line)

**com os colonizadores, em especial os europeus e os jesuítas? Que marcas eles deixaram na história desse povo?**  
**Maria Cristina Bohn Martins** - Notícias sobre os guarani estão presentes desde as primeiras viagens de exploração e ações para a colonização europeia nestes territórios do sul do continente<sup>3</sup>. Duas obras de autoria de Bartomeu

3 A informação mais antiga que temos sobre os índios guarani pode ser localizada no relato do capitão normando Paulmier de Gonneville, que aportou na costa de Santa Catarina em 1503, onde permaneceu por seis meses. Até meados do século, no entanto, as terras guarani e a baía do Prata foram consideradas apenas uma via de passagem para se atingir as riquezas minerais da Cordilheira dos Andes a partir do Leste. Guiado pelos guarani, o português Aleixo Garcia chegou, em 1524, ao Império Inca, partindo do litoral sul do Brasil. A notícia da expedição levou os espanhóis a intensificarem a exploração da área, ocorrendo em seguida as fundações de Buenos Aires, em 1536, e Asunción, em 1537.

Meliá, aliás, revelam a impressionante dimensão deste conjunto de fontes (e de interpretações) que se produziu sobre eles ao longo destes cinco séculos. Eu me refiro a *O Guarani. Uma bibliografía etnológica*, de 1987 e *Guaranies y Jesuitas en tiempo de Misiones*, de 1995<sup>4</sup>. No primeiro destes livros, o autor afirma que nenhum outro grupo mereceu, tal como os guarani, tanta atenção, a qual se estabelece em uma linha de continuidade que vem do século XVI aos dias atuais. Por conta disto já se referiu a eles como “os guarani de papel”<sup>5</sup>. Nos textos do período colonial, eles aparecem ora como aliados, ora como inimigos dos europeus, assinalando sua presença como “fator” fundamental para especificar a sociedade que ia se constituindo. Foram inimigos temidos, mas também batedores de mata, fornecedores de alimentos e guerreiros para os colonizadores; foram também mão-de-obra disputadíssima por espanhóis e portugueses e, como tal, elemento essencial para as economias dos territórios coloniais dos dois impérios. Aqueles que ingressaram nas “reduções” também desempenharam papéis fundamentais neste âmbito, uma vez que os pueblos participaram ativamente do conjunto das relações econômicas coloniais, por exemplo, através da comercialização da erva-mate. Além disto, prestaram serviços para as autoridades espanholas, inclusive atuando nas milícias que combatiam os portugueses, bem como grupos indígenas “hostis” que ameaçavam as povoações dos colonizadores.

#### IHU On-Line - Que aspectos a senhora destaca na formação e dispersão dos guarani no sul do Brasil?

**Maria Cristina Bohn Martins** - Sabemos que, nos inícios da era cristã, os

(Nota da entrevistada)

4 MELIÁ, Bartomeu, SAUL, Marcos V. de Almeida, MURARO, Valmir F. *O Guarani. Uma Bibliografía Etnológica*. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987. (Nota da entrevistada) MELIÁ, Bartomeu, NAGEL, Liane Maria. *Guaranies y Jesuitas en tiempo de Misiones. Una bibliografía didáctica*. Asunción: Santo Ângelo: CEPAG/URI, 1995. (Nota da entrevistada)

5 MELIÁ, Bartomeu. “La novedad Guarani (viejas cuestiones y nuevas preguntas). Revista bibliográfica (1987-2002)”. Revista das Índias, 64:175-226, 2004. [volume monográfico: “La persistencia Guarani”. Coordenação: Oscar Calavia Sáez]. (Nota da entrevistada)

## “Parte do texto constitucional referente aos direitos indígenas é uma das mais visadas pelos que advogam a necessidade de revisá-lo”

guarani iniciaram um movimento de dispersão, cujo foco inicial é a Amazônia, e que os dirigiu para regiões ao sul do continente. Quando se defrontaram com os europeus, especialmente a partir dos inícios do século XVI, estavam vivendo um processo de expansão em que se contrapunham a outros povos que eles desalojaram ou incorporaram. Eram, como já se disse, “colonos dinâmicos”, buscando terras férteis e bons locais para assentar suas aldeias. Os embates contra os espanhóis e as derrotas que sofreram na luta contra estes portadores de armas mais eficientes, devem ter repercutido fortemente sobre esta sociedade de guerreiros que valorizava sobremaneira a valentia e o sucesso nos combates. A presença cada vez mais intensa de colonos estrangeiros em seus territórios colocou-os diante de algumas alternativas, que variaram do rechaço e oposição (foram muitas as rebeliões em que os guarani se opuseram aos espanhóis), aos acordos e negociações. O ingresso nas reduções, isto é, naquilo que os sacerdotes da Companhia de Jesus definiam como “vida em policia”, foi uma destas opções sobre as quais acredito que os chefes guarani, seus anciãos e guerreiros tenham discutido e avaliado, e que aceitaram sob algumas circunstâncias e recusaram em outras. Não há assim, uma história dos guarani relativamente ao colonialismo e as reduções, mas há muitas histórias. Poderíamos ainda, em uma visão bastante rasa, dizer que ao longo da época colonial distinguiram-se os guarani “monteses”, isto é, aqueles que não foram submetidos à

redução ou ao trabalho servil para os espanhóis, e os demais. Estes últimos vão experimentar um processo que conduziu a uma crescente indistintibilidade entre os guarani das missões e o dos pueblos crioulos, bem como de ambos em relação à população mestiça pobre. Depois da expulsão dos jesuítas, na segunda metade do século XVIII, este processo acelerou-se<sup>6</sup> e houve uma crescente integração da população nativa na economia e na sociedade coloniais e depois naquela dos Estados independentes.

#### IHU On-Line - Como descreve as atuais sociedades guarani? Quais seus desafios e limites?

**Maria Cristina Bohn Martins** - Segundo Carlos Fausto<sup>7</sup>, os guarani somam, hoje, cerca de 100 mil indivíduos divididos em quatro grupos: os Kaiová (ou Paï-Taviterã) com 17 mil indivíduos vivendo no Brasil e no Paraguai; os Mbyá que seriam 12 mil distribuídos pelo litoral brasileiro, pelo Paraguai e Argentina; os Chiripá (ou Nandeva) cuja população de 8 mil pessoas vive no Brasil e no Paraguai, e os Chiriguano, que seriam 60 mil índios e vivem na Bolívia. A edição *online* do *Jornal do Brasil* de dezoito de março deste ano noticiou a denúncia feita por uma “Organização Não Governamental” com sede em Londres, relativa às condições dos guarani que vivem no sul do Brasil. Em um relatório enviado às Nações Unidas por ocasião do Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial (21 de março), a Survival International afirmava que eles estão entre os povos indígenas em pior situação das Américas. Como elementos que justificam sua denúncia, a ONG incluiu as altas taxas de suicídio, a desnutrição e o alcoolismo observáveis nas comunidades guarani,

6 Trinta anos após a expulsão de 1767, a população dos “Trinta Pueblos” da bacia Paraná-Paraguai, a qual girava em torno de 90 mil pessoas, se reduziu pela metade como resultado de migrações e epidemias. Muitos índios se dirigiram para as cidades, outros encontraram ocupação no campo como trabalhadores não qualificados. Outros ainda, sobre os quais pouco sabemos, retornaram à mata, tornando-se uma vez mais *monteses* ou *ca’água*, isto é, “do mato”.

7 FAUSTO, Carlos. Se Deus fosse jaguar. Canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX). *Mana*. v. 11 n.2 Rio de Janeiro, 2005.

que seriam ainda vítimas de detenções arbitrárias e violências diversas cometidas por agentes contratados pelos fazendeiros interessados em suas terras. Embora eu não conheça o referido relatório, nem tenha acesso aos dados da pesquisa que os sustenta, creio que possamos dizer que ele toca em algumas questões fundamentais relativas não só aos guarani, mas de igual forma a outros povos indígenas no Brasil. Entre elas está, sem dúvida, aquela que envolve o direito à terra, assegurado pela Constituição no sentido de permitir a produção e reprodução de suas culturas. O avanço legal, contudo, não reflete exatamente a compreensão de segmentos da sociedade brasileira, não sendo raro encontrarmos posicionamentos que questionam a necessidade de grupos demograficamente pequenos controlarem grandes espaços de terra. Podemos inclusive afirmar que a parte do texto constitucional referente aos direitos indígenas é uma das mais visadas pelos que advogam a necessidade de revisá-lo. Existem muitos projetos de lei tramitando no Congresso Nacional, em que se evidencia uma tendência de redução de proteção jurídica aos povos indígenas.

### Os índios como um “problema”

Não creio que este seja um tema para ser tratado rapidamente e nem me sinto competente para avaliações mais amplas. Contudo observo que enquanto, na época colonial, as ações do Estado em relação aos índios visavam mediar o problema do uso do seu trabalho, passou-se depois a lidar com a questão das terras que, pelo que podemos observar, continua muito atual. Ela resulta hoje das profundas transformações que o Brasil viveu nas últimas décadas do ponto de vista da ocupação territorial, com um forte movimento de migração para áreas onde os índios vivem. Este processo, iniciado na época da ditadura militar envolveu contingentes muito vulneráveis, como garimpeiros, migrantes pobres, mas também grupos poderosos envolvidos no agronegócio. Na perspectiva destes interesses, os índios são um “problema”. Assim é que percebo que o preconceito contra os índi-

## “Várias gerações de brasileiros foram educadas a partir da premissa de que os índios eram um tema do passado”

genas que parecia haver recuado nos anos 80, (como se pode observar nos debates da Constituinte de 88), parece estar voltando na forma de uma “onda conservadora”. Este conservadorismo não deixa de estar ligado ao desconhecimento da realidade indígena que continua sendo apresentada à sociedade na forma de estereótipos. Entre os clichês mais presentes nestas leituras está o de que os índios são “primitivos” e vivem no passado.

### IHU On-Line - Qual a importância de resgatar a história guarani nos dias de hoje?

**Maria Cristina Bohn Martins** - A sociedade dos países americanos tem uma dívida com os povos indígenas que ajudam a conformá-la. Não me refiro aqui aos abusos que impingiram a eles os impérios ibéricos e seus agentes, mas especificamente aos Estados modernos surgidos no século XIX. É claro que não estou negando o repertório de iniquidades que fez parte das práticas coloniais relativamente aos grupos indígenas, mas temo as posturas culpabilizadoras do passado remoto porque elas podem acabar justificando a falta de atitudes concretas no presente. Aliás, várias gerações de brasileiros foram educadas a partir da premissa de que os índios eram um tema do passado. Os dirigentes das Repúblicas americanas (no caso do Brasil, antes disto, os do Império), ainda que, em algumas circunstâncias tenham exaltado o elemento indígena enquanto conformador das nossas sociedades, até como fator de diferenciação das antigas metrópoles, na prática pouco fizeram para corrigir distorções históricas. Por sua vez, umbilicalmente ligada à sociedade cujas expectativas

ela de alguma forma reflete, a historiografia também tem uma dívida para com os guarani e com os povos indígenas em geral. Nossa disciplina por muito tempo desconsiderou a presença dos povos indígenas. Na verdade, alocou-os em um momento “prévio”, em uma “pré-história” do Brasil e das Américas. As últimas décadas, porém, evidenciam uma notável mudança neste panorama, e as pesquisas sobre a história indígena ganham substância e profundidade. Sobre isto quero ainda apontar o fato, até certo ponto surpreendente, de que o ensino escolar não acompanha o avanço da pesquisa acadêmica. Enquanto nas universidades e centros de pesquisa se avulta e se renova o estudo sobre os povos indígenas, os escolares continuam a ser apresentados aos indígenas a partir de certos pressupostos muito ultrapassados (e equivocados). Uma rápida consulta aos manuais escolares (os famosos “livros didáticos”) pode referendar esta afirmação: renovados na forma, eles continuam a veicular uma mensagem persistente: a de que os índios se localizam na “pré-história” do Brasil. Este é um pressuposto perigoso e pernicioso.

### IHU On-Line - Que reflexões Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade propõe sobre a trajetória dos guarani no Brasil?

**Maria Cristina Bohn Martins** - O grupo que assumiu o desafio de planejar este evento buscou garantir, através da cuidadosa escolha de nossos convidados, uma grande pluralidade de vozes e campos de observação da experiência que vamos examinar no Simpósio. Creio que posso afirmar sem riscos que eles contribuirão para trazer ao público todo um conjunto de novas concepções sobre os processos e resultados do encontro da sociedade guarani (e indígena em geral) com o mundo ocidental. Efetivamente, um significativo corpo de investigações produzidas no seio de Institutos de Pesquisa ou dos Cursos de Pós-Graduação do país tem revelado realidades surpreendentes relativas ao protagonismo indígena ao longo da nossa história. Isto é, tem-se buscado apontar que as socie-

dades indígenas também são agentes, e não meras vítimas de um destino traçado pelo colonizador. Ainda que as concepções de algumas décadas passadas, construídas em torno de uma “história dos vencidos”, tenha buscado fazer uma “defesa” dos povos indígenas diante das violências impostas a eles pelo colonialismo, elas acabaram não lhes fazendo justiça, uma vez que colocaram-nos como fadados ao aniquilamento. Contrariamente a isto, uma nova história indígena tem se ocupado em recuperar a dinâmica das negociações, das escolhas e ações tomadas por eles em variados campos e situações. Mesmo que as opções fossem duras e as alternativas que se lhes impunham não fossem fáceis, ou mesmo boas, esta nova postura intelectual reconhece a sua “agência”. A meu juízo isto lhes confere uma dignidade que fica obliterada por uma história que apenas os vitimiza e que não deixa de, paradoxalmente, referendar a ideia da “fragilidade de sua cultura”. No caso dos “30 Pueblos Guaraníes” novas abordagens sobre a história e a antropologia das missões religiosas na América do Sul indígena permitiram recuperar a complexidade do fenômeno e relativizar o mito das reduções jesuíticas. Pessoalmente vejo como muito mais rica e interessante uma história que não se constrói centrada na perspectiva da “utopia”. A ideia de povos ordeiros, prósperos e pacíficos, construídos a partir da excelência da liderança jesuítica e da adaptabilidade dos índios a ela, embora sedutora, é também empobrecedora. Prefiro pensar estes “pueblos de índios” como uma experiência construída nas dificuldades do dia-a-dia, experiência esta repleta de conflitos, incompletudes e arestas, o que, aliás, garante o seu ingresso na história como tal, afastando-a do campo dos relatos de edificação ou detratção.

#### LEIA MAIS...

>> Maria Cristina Bohn Martins já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

\* *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani*. Publicada na IHU On-Line número 324, de 11-04-2010, disponível em <http://migre.me/JGsn>

## O dilema das fronteiras na trajetória guarani

Os guarani são ignorados pelos governos e enfrentam problemas distintos nas fronteiras do continente latino-americano, aponta o historiador Antonio Brand

POR PATRICIA FACHIN

A identidade guarani remete, diretamente, para a ideia de pertencimento e para as relações de parentesco. Daí a importância da concepção de território como espaço de comunicação, com as suas marcas referidas e atualizadas pela memória”, assinala Antonio Brand, em entrevista à IHU On-Line. Nesse sentido, explica, as fronteiras nacionais representam um problema para os guarani porque “dificultam essa comunicação”. Independente da divisão territorial, eles “seguem com noções e conceitos próprios de fronteira, uma ideia mais sociológica e ideológica, que inclui, exclui e define quem pertence e quem não pertence à determinada coletividade”.

Na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, Brand menciona os impactos que as fronteiras nacionais ocupadas por não-indígenas estão representando na vida social deste povo. De acordo com ele, os guarani “são postos à margem dos processos de desenvolvimento que se implantam em cada país, sendo considerados apenas enquanto eventual mão-de-obra e/ou estorvo a ser eliminado pelas mesmas frentes de expansão”. O processo histórico de redução territorial e confinamento tem gerado inúmeras mudanças no cotidiano dessas populações, transformando-as em “dependentes do fornecimento de cestas básicas e de toda a sorte de ajudas externas”.

Antonio Brand possui graduação em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, mestrado e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Sua tese intitula-se *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. Atualmente é professor nos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, MS. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o impacto das fronteiras nacionais na história do povo guarani?**

**Antonio Brand** - Inicialmente, a constituição dos Estados Nacionais, no início do século XIX, ou, a definição das fronteiras nacionais, que atravessaram o território guarani, não provocaram maiores consequências para os guarani, pois a efetiva

ocupação da região por frentes não-indígenas é bem posterior. Quando falo em guarani, refiro-me aos diversos grupos reconhecidos pela antropologia como guarani, em especial aos Mbya, Nandeva ou Ava, que, no Brasil, são os únicos que se reconhecem como guarani, e os Kaiowá ou Pai-Tavyterã, no Paraguai. Vou utilizar, normalmente, o termo guarani

para referir-me a todos eles ou então a autodenominação guarani para referir-me somente aos Nandeva, que junto com os Kaiowá, estão presentes no Mato Grosso do Sul.

Tanto no Paraguai como no Brasil, instalam-se, no final do século XIX, no território guarani, grandes empresas de exploração de recursos naturais (erva-mate e madeiras). Essas empresas não têm interesses diretos na propriedade das terras, mas nos recursos naturais. Por isso, as consequências dessa presença para os guarani são relativamente menores do que as frentes posteriores que se instalam no mesmo território indígena e que disputam com os guarani a posse da terra. Apesar da eventual exploração da mão-de-obra indígena e de contribuírem para o aumento de velhas e novas doenças, que causam grande impacto na população indígena (sarampo, varíola, tuberculose, entre outras), a presença dessas empresas é apontada por diversos pesquisadores como um fator de resguardo de grande parte deste mesmo território, por impedirem a instalação de colonos ou de projetos de colonização, que poriam em risco seu monopólio e, ainda, por não terem um “projeto civilizatório” explícito. Ao impedirem a instalação desse tipo de empreendimento, acabam por contribuir para a preservação do território indígena. Por isso, as comunidades indígenas conseguem, nessa região de fronteira, manter relativa autonomia econômica e cultural, que vai, aproximadamente, no Brasil, até a década de 1950 e, no Paraguai, até a década de 1970. Na Argentina, essa autonomia segue até mais recentemente, quando se intensifica o desmatamento do território indígena. É um período, também, em que os guarani desaparecem dos cenários nacionais.

### Fronteiras impactam a vida guarani

No Paraguai, após a extinção do que ainda restava dos “pueblos de índios”, no governo de Carlos Antonio López<sup>1</sup>, em 1848, o destino dos

1 Carlos Antonio López (1790-1862): político paraguaio, presidente de seu país. Em 1848, decretou o fim das missões no Paraguai e estendeu aos índios a condição de cidadãos. (Nota da IHU On-Line)

**“Os guarani têm sido ignorados pelos governos e pelos programas de desenvolvimento econômico implantados nessas regiões. Muito recentemente, e na medida em que criam problemas para a ocupação territorial, é que os governos de cada país passam a ocupar-se deles”**

Guarani Caaguá (ou Monteses), que viviam na mata, passa a ser decidido no contexto restrito das frentes de expansão interna de cada país. São postos à margem dos processos de desenvolvimento que se implantam em cada país, sendo considerados apenas enquanto eventual mão-de-obra e/ou estorvo a ser eliminado pelas mesmas frentes de expansão.

É um período de grande violência, como atesta a documentação, consequência da omissão dos novos Estados, que na ocupação de seus espaços territoriais e na busca da integração econômica, especialmente no início do século XX, ignoram e se omitem ante os direitos indígenas à terra, apesar da incipiente legislação, que surge, lentamente, a partir do início do século XX, buscando garantir estes direitos. Cabe lembrar, no Brasil, a criação do Serviço de Proteção aos Índios - SPI<sup>2</sup>, em 1910.

2 Serviço de Proteção ao Índio (SPI): parte constituinte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), foi um órgão público criado durante o governo do Presidente Nilo Peçanha, em 1910, com o objetivo de prestar assistência à população indígena do Brasil. O Serviço foi organizado pelo Marechal Rondon, seu primeiro diretor. O SPI foi extinto e substituído pela Funai, em 1967. (Nota da IHU On-Line)

Portanto, no que se refere a essa questão das fronteiras e seu impacto sobre os guarani, cabem alguns destaques:

- O Tratado de Madrid<sup>3</sup>, que define, basicamente, as fronteiras atuais, não traz imediatas consequências para os guarani. As fronteiras nacionais só começam a constituir-se em problema para eles na medida em que são ocupadas por não-indígenas. E, apesar das características comuns, apontadas acima, os processos de colonização são distintos em cada país, em especial no que se refere à intensidade e rapidez dessa ocupação. E, nesse sentido, no que se refere à fronteira Brasil/Paraguai, a ocupação se dá primeiro e de forma mais intensa no lado brasileiro, razão porque a situação de confinamento dos guarani nesse lado é mais radical do que nos demais países;

- Os guarani têm sido ignorados pelos governos e pelos programas de desenvolvimento econômico implantados nessas regiões. Muito recentemente, e na medida em que criam problemas para a ocupação territorial, é que os governos de cada país passam a ocupar-se deles. No Brasil, a partir de 1915, o SPI demarca reservas de terra para o usufruto dos guarani, localizados no atual Mato Grosso do Sul. No Paraguai, esse processo se dá na década de 1970, e na Argentina, creio que seja mais recente ainda. No entanto, na medida em que os governos definem suas políticas indigenistas, buscando atender distintas demandas e interesses econômicos, os guarani passam a enfrentar, também, problemas distintos em cada lado da fronteira.

### IHU On-Line - Que grupos guarani vivem nas fronteiras dos países da América Latina? Quais as suas características?

**Antonio Brand** - Os guarani e populações falantes do idioma guarani, no século XVI, ocupavam um amplo território nas terras baixas da América do Sul, que ia desde o litoral de Santa Catarina, ao longo do Rio Paraguai,

3 Tratado de Madri: firmado na capital espanhola entre D João V, de Portugal, e D Fernando VI, da Espanha, em 13 de janeiro de 1750. Seu objetivo era definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas. (Nota da IHU On-Line)

Paraná, Apa, Miranda e Pilcomayo, chegando até as franjas da cordilheira dos Andes. Encontram-se, hoje, distribuídos pela Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina, sendo esse idioma, em suas diversas variedades dialetais, o único falado em todos esses países. Nesse sentido, podemos considerar a língua guarani como “língua histórica” do Mercosul.

Os guarani com os quais temos maior contato pertencem aos grupos linguísticos Nandeva (os únicos que se autodenominam guarani), Kaiowá e Mbyá, que se encontram na região fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Na Bolívia, Argentina e Paraguai encontramos, ainda, os Guarani-Chiriguano, que assumem, também, diversas denominações.

No ano passado, no âmbito de um projeto voltado para políticas públicas comuns aos guarani, no Mercosul, viabilizamos uma viagem para uma delegação de representantes guarani do Brasil, Paraguai e Argentina, que durante dez dias visitaram aldeias localizadas ao longo das fronteiras desses países. Durante a viagem foi possível constatar que, para os guarani, as fronteiras nacionais seguem não fazendo qualquer sentido, embora percebam cada vez mais que dificultam a sua circulação transfronteiriça.

Eles têm parentes nos diversos países e seguem se visitando regularmente. Aliás, todos os participantes da viagem tratavam-se como parentes. Segundo Meliá, os guarani seguem com noções e conceitos próprios de fronteira, uma ideia mais sociológica e ideológica, que inclui, exclui e define quem pertence e quem não pertence à determinada coletividade, estabelecendo os limites a partir dos quais eles não se sentem “a gosto”. O mesmo pesquisador, ao referir-se à concepção guarani de território, fala em “território de comunicação”, cheio de marcas, caminhos, casas, recursos naturais e acontecimentos (Meliá, 2007)<sup>4</sup>.

### Características

Os guarani, tradicionalmente, ocu-

<sup>4</sup> Relatório da Reunião sobre o projeto Os Guarani no MERCOSUL, Foz de Iguaçu, Novembro de 2007. (Nota do entrevistado)

pavam seu amplo território, de acordo com a disponibilidade de locais com recursos naturais considerados apropriados - preferiam, por isso, estabelecer suas aldeias em áreas de mata e próximas a bons cursos de água. Além disso, teria que ser um local livre de ameaças sobrenaturais e de doenças - pesquisando a história recente dos guarani percebemos que diversas aldeias foram por eles abandonadas em decorrência de doenças - e próximo a parentelas aliadas. Distribuíam-se em pequenos núcleos, constituídos por uma ou mais parentelas, sob a liderança dos ñanderu ou tekoaruvicha, líderes de caráter marcadamente religioso, cujo poder estava apoiado no

**“Na medida em que os governos definem suas políticas indigenistas, buscando atender distintas demandas e interesses econômicos, os guarani passam a enfrentar, também, problemas distintos em cada lado da fronteira”**

prestígio decorrente de seu parentesco, capacidade de convencimento e generosidade, e não na força ou habilidade física.

A identidade guarani remete, diretamente, para a ideia de pertencimento e para as relações de parentesco. Daí a importância da concepção de território como espaço de comunicação, com as suas marcas referidas e atualizadas pela memória. Por isso, as fronteiras nacionais são um problema para os guarani na medida em que dificultam essa comunicação.

**IHU On-Line - Quais as implicações da**

**perda de terra para as comunidades kaiowá/guarani, em especial no que se refere à tradição desse povo que busca a terra sem males?**

**Antonio Brand** - O processo histórico de redução territorial e confinamento no interior das pequenas extensões de terra reservadas aos guarani e kaiowá, no Brasil, gerou inúmeras mudanças no seu cotidiano, em especial, criou desafios novos para a sua organização social e é apontado por pesquisadores e representantes indígenas como causa de inúmeros problemas hoje vivenciados por essa população. O confinamento e a superpopulação no interior das reservas demarcadas reduziram o espaço disponível, provocando o esgotamento de recursos naturais importantes para a qualidade de vida numa aldeia kaiowá e guarani e dificultou a produção de alimentos. Transformou povos que, durante séculos, produziram alimentos não só suficientes, mas abundantes, como atesta a documentação histórica, dependentes do fornecimento de cestas básicas e de toda a sorte de ajudas externas. Povos que foram importante mão-de-obra e contribuíram na implantação de grande parte dos empreendimentos agropecuários e públicos, como ferrovia e estradas, em Mato Grosso do Sul, hoje não conseguem mais prover a sua subsistência e a de suas crianças.

Mas, além das consequências para a economia indígena, esse processo de confinamento criou problemas para a sua organização social. Como já afirmado acima, espalhavam-se em pequenos núcleos macrofamiliares, autônomos, sob a autoridade dos mais velhos, ñanderu ou tekoaruvicha. Quando a situação em determinado espaço, por diversas razões, se tornasse inadequada, buscavam outros espaços, dentro do mesmo grande território. Novas aldeias se constituíam. O processo de confinamento obrigou esses núcleos a buscarem abrigo nas reservas demarcadas pelo SPI, que, para administrar esses “ajuntamentos” de índios e aldeias, criou a figura dos capitães, líderes indígenas mais familiarizados com o modo de vida ocidental, nomeados, arbitrariamente, líderes máximos dentro das reservas. E, para

ajudá-los a exercer o poder e a manter a ordem, sobre quem não tinham poder nenhum, foi criada, também, a polícia indígena. Na medida em que o território indígena tradicional foi sendo ocupado pelas diversas frentes de exploração, os grupos macrofamiliares foram sendo obrigados a se deslocar para dentro das reservas e, dessa forma, além de conviver e disputar lotes cada vez mais reduzidos com outros grupos macrofamiliares, tinham que submeter-se à autoridade de lideranças estranhas.

Durante muitos anos, em decorrência da forte presença repressiva do próprio SPI e depois da FUNAI, e, também, da persistência de “aldeias refúgio” nos fundos das fazendas, até a mecanização da atividade agrícola, na década de 1970, foi possível manter um relativo controle dentro das reservas indígenas.

O aumento, verificado nos últimos anos, da violência entre os próprios índios de uma mesma terra indígena, é, certamente, um indicativo importante para avaliar o grau de tensão e profundo mal-estar dentro das terras indígenas. Essa violência é, inclusive, uma das causas para os deslocamentos de muitas famílias para a beira de estradas e/ou periferias urbanas, percebidas pelos índios como únicos espaços nos quais ainda é possível, embora em condições precárias, deslocar-se, ou desenvolver a prática do oguata (caminhar), em casos de conflitos e/ou tensões de diversas ordens. Outros indicativos desse mal-estar são, certamente, os altos índices de suicídio e mesmo o alcoolismo e consumo de outras drogas, presentes em várias comunidades.

As crescentes dificuldades na viabilização e funcionamento das instâncias organizativas e mecanismos próprios de controle interno manifestam-se, também, nas reiteradas denúncias de violência contra mulheres, crianças e adolescentes. A mulher ocupava um lugar de grande prestígio no interior da sociedade guarani. Hoje, as mulheres guarani, em muitos casos, acabam isoladas e confinadas, em casas e quintais cada vez mais reduzidos e precários e, como consequência, mais

**“A identidade guarani remete, diretamente, para a ideia de pertencimento e para as relações de parentesco. Daí a importância da concepção de território como espaço de comunicação, com as suas marcas referidas e atualizadas pela memória”**

dependentes dos homens e do dinheiro que estes trazem dos contratos nas usinas de produção de açúcar e álcool. Como educar seus filhos nesse contexto? Lembra a pesquisadora Paz Grünberg que a situação desses dois segmentos - mulheres e crianças - decorre e reflete a precarização das condições sócio/econômicas da mulher/mãe, que não encontra mais condições para desempenhar suas funções. Ao referir-se à desnutrição verificada entre os Kaiowá, Paz Grünberg reconhece que, em muitos casos, esta não é decorrente diretamente da falta de comida, mas consequência de outros problemas - um não sentir-se bem por parte da mãe<sup>5</sup>.

**IHU On-Line - Qual é a participação e a inserção dos guarani nos processos de ocupação histórica de seu território? Em que sentido massacre e resistência marcam a trajetória desse povo?**  
**Antonio Brand** - Os guarani sempre se opuseram à entrega de seus territórios, mas foram, de certa forma, atropelados pela força, rapidez e violência desse processo. Resistiram em suas aldeias tradicionais enquanto puderam.

<sup>5</sup> Palestra proferida na UCDB, em 2009.

Mas, sem o apoio de ninguém e tendo contra eles os próprios órgãos públicos, como o SPI e a FUNAI, criados, historicamente, para defendê-los, acabaram tendo que abrir mão de suas terras e transferir-se para os pequenos pedaços reservados pelo Estado para aí alojá-los. É importante destacar sempre que esse processo de confinamento dos guarani e kaiowá, no Mato Grosso do Sul, se deu ao total arrepio da lei, e que a atuação do SPI e da FUNAI foi, sob esse aspecto, totalmente ilegal porque a Constituição de 1934 já reconhecia o direito dos índios às terras que ocupavam. E, na década de 1970, encontramos, ainda, a FUNAI, obrigando esses índios a abandonarem suas terras. É importante destacar esse aspecto legal ou ilegal que marcou o confinamento dos guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul porque hoje utiliza-se contra os índios o fato de não estarem mais nessas terras, em 1988, ano em que é promulgada a nova Constituição. Como poderiam estar nessas terras se de lá foram retirados compulsoriamente e muitas vezes pelos próprios órgãos públicos que deviam protegê-los?

A partir do final da década de 1970, os guarani começam a contar com o apoio em suas demandas por terra de setores da Igreja, através do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, e da sociedade civil, através de ONGs. Verifica-se, na região, a partir de 1980, um movimento ambivalente. Ao mesmo tempo em que ocorre a radicalização do confinamento e o simultâneo crescimento da taxa de suicídios, verifica-se, também, o início da quebra desse mesmo processo histórico de confinamento, mediante o reconhecimento legal de terras como sendo de ocupação indígena fora das oito reservas demarcadas pelo SPI. Retomam, a partir de 1980, um total de 11 terras tradicionais, que somam 22.450 ha, hoje já devidamente demarcadas e de posse dos índios. É importante lembrar que o total de terras demarcadas pelo SPI, até 1928, somava 18.240 ha. Diversas outras terras indígenas, que somam, aproximadamente, 65 mil hectares, seguem em processo de identificação, ou já estão identificadas, estando os

índios, em alguns casos, ocupando pequenas parcelas da terra pretendida. Cabe lembrar que, em 2007, por pressão dos índios, foi assinado um Termo de Ajustamento de Conduta - TAC entre a FUNAI, o Ministério Público Federal e as lideranças indígenas, pelo qual a primeira faria, num prazo determinado, a identificação de mais 32 terras indígenas para usufruto dos kaiowá e guarani.

**IHU On-Line - Que contribuição os estudos sobre a história guarani (enfrentamentos históricos com colonizadores) trazem para o processo de formação dos guarani de hoje? Isso tem contribuído para um desenraizamento da cultura guarani ou para um engajamento?**

**Antonio Brand** - É importante destacar que junto com a perda do território instalam-se, nas comunidades guarani, escolas e igrejas evangélicas, todas preocupadas em “ajudar os índios” a sobreviverem em um cenário no qual o seu modo de vida e seus saberes historicamente acumulados tornaram-se supérfluos e “imprestáveis”. Parte significativa dos professores indígenas kaiowá e guarani que hoje lecionam para suas comunidades estudou em escolas fora de suas aldeias e são filhos de pais integrantes de igrejas evangélicas, sendo eles mesmos ativos participantes dessas igrejas. O modo de vida tradicional dos kaiowá e guarani, sob a ótica do entorno regional, era e é, certamente, não apenas coisa do passado, mas entendido como um empecilho para o seu desenvolvimento.

No entanto, a percepção de parte significativa desses professores - muitos deles buscaram um espaço no entorno, abandonando a vida na aldeia - é que, apesar do estudo, eles não conseguiram e não conseguem superar o preconceito que pesa contra eles pelo fato de serem índios. Ao assumirem as funções como professores nas escolas que atendem as suas comunidades de origem, confrontam-se com um processo novo e desafiador, em curso. O novo texto constitucional de 1988, ao afirmar o direito à diferença e definir o papel do Estado não mais como agente promotor da integração

## “O modo de vida tradicional dos kaiowá e guarani, sob a ótica do entorno regional, era e é, certamente, não apenas coisa do passado, mas entendido como um empecilho para o seu desenvolvimento”

dos índios, mas sim de protetor da diferença, impõe a revisão do sistema educacional no interior das áreas indígenas. De uma escola preocupada em “preparar” a criança indígena para viver fora de sua comunidade, emerge o desafio de uma escola voltada para dentro, ou seja, para a construção de alternativas de futuro a partir da comunidade. E este desafio põe os professores índios diante de um problema complexo.

### O desafio indígena

Cabe destacar que os programas de formação de professores Kaiowá e Guarani, que completam dez anos, deram grande ênfase no estudo e na revisão crítica da história regional, valorizando, especialmente, a memória dos mais velhos. E, este estudo, junto com a abordagem antropológica sobre dinâmica cultural, provocou enorme interesse nos professores indígenas. Perceberam que a história de seus antepassados e a sua história constituíam um recurso poderoso para questionar a “história oficial” regional, em especial, o processo de colonização, no qual perderam suas terras, que passaram, em muitos casos, pela força, para outras mãos. Embora a região sul do estado de Mato Grosso do Sul fosse uma região densamente ocupada por populações indígenas, estas não podiam ser admitidas pelo governo, pelos colonizadores e pelos historiadores como entes de direito, como seres

inteligentes ou como sociedades organizadas e aqui já estabelecidas.

O desafio de pensar uma escola indígena leva-os a perceber o seu passado enquanto continuidade a ser reconstruída, buscando repensar, a partir dos desafios do presente as experiências do passado. Percebe-se claramente a alegria e o potencial de luta que emerge do reencontro e da re-leitura de sua história, que contesta leituras sedimentadas por uma determinada historiografia regional, alinhada ao lado dos colonizadores. Os professores visualizam novas perspectivas de futuro para suas comunidades e passam a ter mais clareza sobre o papel político da escola na construção deste futuro.

Finalizando, podemos afirmar que os kaiowá e guarani vêm atravessando um momento importante de sua história. A par do agravamento dos conflitos em torno da posse das terras e da persistência dos preconceitos e estereótipos, constantemente reafirmados pela imprensa regional, da violência e dos muitos outros problemas, os guarani vêm demonstrando extraordinária capacidade de enfrentamento dessas questões. Preocupados em se capacitar melhor, estão batendo às portas das universidades, buscam acesso a tecnologias, em especial a novas mídias, organizam-se melhor e reafirmam sua identidade guarani, confirmando a grande dinamicidade de sua cultura.

### LEIA MAIS...

>> Brand já concedeu outras entrevista à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

- *Povos Guaranis Kaiowá: Sempre em luta*, publicada nas Notícias do Dia de 8-2-2010, <http://migre.me/Jhmc>;
- *Povos indígenas do Mato Grosso do Sul: a luta está cada vez mais difícil*, publicada nas Notícias do Dia, em 31-3-2009. Acesse no endereço eletrônico <http://migre.me/Jhqb>;
- *A dura luta dos Guarani no Mato Grosso do Sul pela demarcação da terra*, publicada nas Notícias do Dia, em 26-9-2008. Acesse no link <http://migre.me/Jhpg>;
- *O impacto do etanol sobre as populações indígenas*, publicada em 28-8-2007, nas Notícias do Dia. Disponível em <http://migre.me/Jhsd>;
- *A violência contra a população indígena*, publicada nas Notícias do Dia, em 13-6-2006. Acesse no link <http://migre.me/JhsW>.

## São Sepé Tiaraju: exemplo heróico guarani

Segundo Antonio Cechin, não se pode falar de Sepé Tiaraju sem falar constantemente do povo guarani das Missões

POR PATRICIA FACHIN

“Sepé é Santo porque ele nasce num povo organizado e santo. Foi o próprio Jesus Cristo quem disse: ‘Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama’”. É com esta frase que o Irmão marista, Antonio Cechin, define o herói dos guarani e um dos fundadores da Missão de São Miguel, Sepé Tiaraju. Na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, Cechin conta a trajetória do líder guarani e sua participação na guerra guaranítica contra os exércitos da Espanha e Portugal. “No dia em que tombou mártir na Sanga da Bica, hoje cidade de São Gabriel, começaram a invocá-lo como santo protetor junto de Deus e herói maior do povo guarani ao longo de toda a sua história”. Segundo Cechin, a figura de Sepé, além de ser constante inspiração para a luta indígena no Brasil, “funciona como sinuelo que puxa a frente da arrancada do continente para ser também AMÉRÍNDIA e não simplesmente América Latina”.

Antonio Cechin formou-se em Letras Clássicas e em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, onde também foi professor. Fez sua pós-graduação no Centro de Economia e Humanismo, em Paris. Iniciou na Instituição Católica de Paris a especialização em catequese, quando foi chamado para o Vaticano, na Sagrada Congregação dos Ritos, no início da década de 1960. Depois, retornou ao Brasil e iniciou a luta junto aos movimentos sociais. Cechin participará de uma mesa redonda no XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade, onde abordará o tema Sepé Tiaraju. Mito Gaúcho? A programação completa está disponível no sítio do IHU, em <http://migre.me/Ksna>. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a origem de Sepé Tiaraju?

Antonio Cechin - Os pesquisadores anseiam pela descoberta da certidão de batismo do índio guarani Sepé Tiaraju. Como cristão já de terceira ou quarta geração, vivendo em época de cristandade, como, aliás, soía acontecer em todos os países católicos de então, o único documento válido para criar cidadania era o atestado de Batismo. Saberíamos hoje com total fidelidade, o nome dos pais, o ano e o local de nascimento, até mesmo que idade tinha quando sofreu o martírio.

O escritor Alcy Cheuiche<sup>1</sup>, ao lado de

outros, em biografias romanceadas do nosso herói-santo, fazem-no nascer na cidade missioneira de São Luís Gonzaga. Aos oito anos de idade, o menino Sepé teria ficado órfão de pai e mãe, vítimas da peste escarlatina. Já agonizantes, os progenitores teriam confiado o garoto ao Padre Miguel, jesuíta que, pouco tempo depois, teria “enxameado” com um bom número de índios, da Missão de São Luís Gonzaga para fundar a Missão de São Miguel Arcanjo, levando consigo Sepé, que havia adotado como filho. Além de outros títulos, Sepé seria também um dos

mão e também editado em quadrinhos no Brasil. Entre outras entidades culturais a que pertence, é membro vitalício e secretário-geral da Academia Rio-Grandense de Letras e sócio fundador da Associação Gaúcha de Escritores. Nas Notícias do Dia, em 03-08-2006, concedeu o depoimento *Jornal Nacional das Missões Guarani: entre tapas e beijos*, que pode ser conferido em <http://migre.me/KwLL>. (Nota da IHU On-Line)

fundadores da Missão de São Miguel - considerada, por muitos autores, a capital das Missões -, construída para celebrar os duzentos anos de fundação da Companhia de Jesus por Santo Inácio. Daí que a Igreja de São Miguel tenha resultado no monumento mais caprichado das 30 cidades missionárias. De tanto citar a Missão de São Luís Gonzaga como provável cidade natal de Sepé, o povo desta cidade missionária começou a estufar o peito. Nasceu o orgulho de serem concidadãos do grande herói-santo, erigido em modelo para todos os prefeitos do Brasil. Há um par de anos, os briosos são-luizenses concretizaram suas homenagens a São Sepé Tiaraju num monumento de dois metros de altura, erguido na entrada da cidade. Trata-se, a nosso ver, da mais linda representação em estátua, que conhecemos: Sepé está a pé e não a

cavalo como costuma aparecer sempre quando pintado ou esculpido. Quando a cavalo, o animal diminui o cavaleiro em importância visual, além de também estar mais próximo do chamado “gaúcho a pé” que é o pobre, contra o “gaúcho a cavalo” que é o típico latifundiário ou representante da classe hegemônica.

### IHU On-Line - O que Sepé Tiaraju representou e ainda representa para o povo guarani? Qual é a importância dele para a luta indígena no Brasil?

**Antonio Cechin** - Cumpre lembrar sempre que Sepé nasce no povo organizado. Não se pode falar dele sem falar constantemente do povo guarani das Missões. Para os contemporâneos, além de prefeito ou corregedor da cidade missioneira de São Miguel, eleito em votação secreta com participação de todos os moradores, no último dia do ano de 1749, Sepé, que não era cacique, foi também o comandante-em-chefe da guerra guaraníca contra os exércitos de Espanha e Portugal. No dia em que tombou mártir na Sanga da Bica, hoje cidade de São Gabriel, começaram a invocá-lo como santo protetor junto de Deus e herói maior do povo guarani ao longo de toda a sua história.

O historiador Aurélio Porto<sup>2</sup>, em seu livro *História das Missões Orientais do Uruguai* (2ª ed. Porto Alegre: Selbach, 1954, 2 vol.), diz textualmente: “Os assassinos atiraram o corpo de Sepé no mato que margina o rio. À noite, voltaram os índios que o acompanhavam para dar sepultura ao cadáver. Cavaram junto ao rio uma sepultura e o enterraram com a dor correspondente ao amor que lhe devotavam, celebrando suas exéquias com os hinos e cânticos que acostuma a Igreja, embora sem assistência de sacerdote” (Diário do Pe. Enis, pág. 258). Simões Lopes Neto<sup>3</sup> termina seu poema sobre

2 Aurélio Porto: historiador e genealogista gaúcho, autor de *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul* (Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 1996). (Nota da IHU On-Line)

3 João Simões Lopes Neto (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista IHU On-Line dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*, disponível para download em <http://migre.me/Ktmx>. O oitavo número dos Cadernos IHU ideias é intitulado *Simões Lopes*

Sepé dizendo: “E o lunar de sua testa / tomou no céu posição”. A partir daquele dia, o próprio rio foi chamado pelos índios de “Rio São Sepé”, designação que posteriormente se estendeu também para a cidade de São Sepé, que o rio acabou por atravessar quando uma povoação se estabeleceu em suas margens e, depois, virou cidade. O povo guarani apoiado por todos os demais índios do Brasil e pelos movimentos populares acabam de introduzir o nome de Sepé Tiaraju no panteão da pátria. Ao lado de outros 16 heróis, Sepé Tiaraju é o 17º nome entre os mais ilustres brasileiros. Está no Senado Federal um projeto de lei esperando aprovação, com vistas a transformar o dia 7 de fevereiro, data do martírio, em “Dia nacional de Luta dos povos indígenas”. Eis aí, de corpo inteiro o Sepé herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro também. Com isso merecedor de monumento em praça pública. Para os cristãos - índios, negros, movimentos populares etc. - Tiaraju, mais que um simples “Facho de Luz”, que o nome sugere, é um santo protetor, com direito também a um altar nas igrejas.

### IHU On-Line - Qual foi o envolvimento de Sepé Tiaraju com o império espanhol, português e também com o Vaticano?

**Antonio Cechin** - Dentro do jogo aleatório da loteria geográfica a que o Tratado de Tordesilhas<sup>4</sup> deu origem no

*Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Profª Drª Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação está disponível para download em <http://migre.me/Ktoe>, tem como base a apresentação da professora no IHU ideias de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na IHU On-Line número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da IHU On-Line)

4 Tratado de Tordesilhas: assinado na povoação castelhana de Tordesilhas em 7 de Junho de 1494, foi um tratado celebrado entre o Reino de Portugal e o recém-formado Reino da Espanha para dividir as terras “descobertas e por descobrir” por ambas as Coroas fora da Europa. Este tratado surgiu na sequência da contestação portuguesa às pretensões da Coroa espanhola resultantes da viagem de

ano de 1494, os impérios europeus, de consciência tranquila pela aprovação que obtiveram do soberano universal, logo abaixo de Deus, que o papa significava, foram ocupando as terras do recém “descoberto” mundo novo, chamado América. Coube à Espanha invadir as terras que eram habitadas pelo povo indígena guarani do Paraguai e adjacências. A chamada conquista da América pelos impérios europeus causou o maior choque cultural da história, envolvido numa terrível chacina. Basta dizer que, no momento da “descoberta” do Brasil, havia, em nosso país, em torno de cinco milhões de índios. Hoje restam em torno de pouco mais de trezentos mil. Os “terrenos” espanhóis, bem como os portugueses donos de sesmarias, uma vez instalados no continente americano, tornavam-se imediatamente escravocratas. Os índios submetidos a trabalhos forçados ou morriam após sete anos de atividades no máximo, ou ficavam de todo imprestáveis para qualquer trabalho. Os padres jesuítas fizeram, com suas Missões, o contraponto à conquista dos imperialistas pelas armas. Com a cruz simbolizando a Boa Nova do Evangelho, conseguiram através da organização dos índios, primeiro em pequenas comunidades e depois em cidades, torná-los cidadãos livres dentro das reduções. Para tanto obtiveram até decreto do rei da Espanha que proibia a qualquer espanhol a penetração em território missioneiro. Os portugueses bandeirantes ou paulistas foram os mais terríveis inimigos do povo guarani das Missões. Nada menos do que uns 115 mil índios foram roubados das cidades jesuíticas pela força, levados a ferro para São Paulo. Os missionários conseguiram então autorização do rei da Espanha para

Cristóvão Colombo, que ano e meio antes chegara ao chamado Novo Mundo, reclamando-o oficialmente para Isabel a Católica. O tratado definia como linha de demarcação o meridiano 370 léguas a oeste da ilha de Santo Antão no arquipélago de Cabo Verde. Esta linha estava situada a meio-caminho entre estas ilhas (então portuguesas) e as ilhas das Caraíbas descobertas por Colombo, no tratado referidas como “Cipango” e Antília. Os territórios a leste deste meridiano pertenceriam a Portugal e os territórios a oeste, à Espanha. O tratado foi ratificado pela Espanha a 2 de Julho e por Portugal a 5 de Setembro de 1494. (Nota da IHU On-Line)

formar em cada cidade um exército indígena. Aconteceu então a famosa batalha de M'Bororé<sup>5</sup> em que os índios foram vencedores. Os mamelucos paulistas, a partir dessa vitória indígena, deixaram em paz os índios durante 150 anos. Foi o período áureo das Missões. A cobiça dos Sete Povos das Missões por parte dos Portugueses, a cuja frente estava o Marquês de Pombal<sup>6</sup> culminou com o Tratado de Madrid aonde se mancomunaram os dois impérios de Espanha e Portugal. No dia 13 de janeiro de 1750, estabeleceram a troca dos Sete Povos do Rio Grande sob o domínio espanhol, pela Colônia do Sacramento sob o domínio português. Foi aí que se agigantou a figura do Prefeito ou Corregedor de São Miguel, nosso santo-herói Sepé Tiaraju. Tombou como mártir pela justiça, na chamada guerra guaranítica, ao lado de 1.500 companheiros, ao grito de “Esta terra é nossa! Nós a recebemos de Deus e do Arcanjo São Miguel! Somente eles nos podem deserdar!”

### **IHU On-Line - Qual foi a participação de Sepé Tiaraju na Guerra Guarânica?**

**Antônio Cechin** - O corregedor ou prefeito de São Miguel das Missões, Sepé Tiaraju, tomou posse do cargo a que foi eleito no dia 1º de janeiro

<sup>5</sup> **Batalha de Mbororé:** batalha ocorrida em 11 de março de 1641, na América do Sul, vencida pelos guarani. Foi a batalha mais relevante da história da América colonial e constitui um episódio importante na história dos trinta Pueblos (Reduções) do Paraguai. Uma bandeira de escravistas paulistas com três mil homens adentrou o território das Reduções com a finalidade de destruir definitivamente as missões jesuíticas e cortar as vias de comunicação espanholas entre os povoados paraguaios e o Alto Peru. Os guarani, avisados por sentinelas avançadas, prepararam-se para receber os atacantes. Na confluência entre o rio Uruguai e o rio Mbororé, na atual província de Misiones, na Argentina, os bandeirantes paulistas foram derrotados por um exército de guarani - organizado pelos jesuítas - de cerca de quatro mil homens. Morreram na batalha mais de dois mil homens. O episódio foi decisivo para o futuro da província paraguaia que, graças aos guarani, permaneceu assim sob o controle do reino da Espanha. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> **Sebastião José de Carvalho e Melo** (Marquês do Pombal - 1699-1782): nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

**“Além de prefeito ou corregedor da cidade missioneira de São Miguel, eleito em votação secreta com participação de todos os moradores, no último dia do ano de 1749, Sepé, que não era cacique, foi também o comandante-em-chefe da guerra guaranítica contra os exércitos de Espanha e Portugal”**

de 1750. Depois de apenas 13 dias na função - 13 de janeiro de 1750 - Sepé nem podia imaginar que na capital da Espanha estivesse sendo assinado pelos imperialistas o famigerado Tratado de Madrid. Os guarani dos Sete Povos teriam que se bandear para o outro lado do rio Uruguai. O artigo 16 do tratado estabelecia: “Das povoações ou Aldeias que cede Sua Majestade católica na margem oriental do Uruguai, sairão os Missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios para aldear em outras terras de Espanha; e os referidos índios poderão levar também todos os seus bens móveis e semoventes, e as Armas, Pólvora e Munições, que tiverem: em cuja forma se entregarão as Povoações à coroa de Portugal, com todas as suas Casas, Igrejas e Edifícios e a propriedade e posse do terreno.”

O decreto causou um verdadeiro terremoto na República Guarani. Não podemos sequer imaginar o que se teria passado na alma e no coração de Sepé, a partir da responsabilidade que havia assumido como Prefeito da cidade principal dos Sete Povos. Ele

fez de tudo, em comunhão com os Padres, para ver se conseguiam convencer os impérios europeus do crime que significava o Tratado. Tudo se mostrou inútil. Sepé não teve outra saída para garantir terra e pátria para seu Povo do que mover uma guerra contra as duas maiores potências militares da Europa de então. O exército português partiu da Colônia do Sacramento com o fim de tomar as Missões rumo a Santo Ângelo, e o exército espanhol saiu de Buenos Aires em direção à Missão de São Borja. Sepé primeiro seguiu o avanço dos espanhóis na altura de Uruguaiana, unindo-se aos índios charruas, seus amigos. Depois seguiu o exército português na altura da cidade de Rio Pardo. Aqui foi feito prisioneiro quando tentou parlamentar com o comandante português.

Conseguiu fugir e retomar a luta. Portugueses e espanhóis, exércitos separados num primeiro momento, viram que, se Sepé conseguisse o apoio de todos os povos da República que eram em número de 30, a “indiada” se tornaria invencível. Por isso, Gomes Freire de Andrade teve que assinar um armistício com Sepé. Como o papel aceita tudo quando se trata de um forte contra um fraco, esse armistício serviu apenas para que os dois exércitos europeus buscassem mais reforços e se unissem para a luta. Na altura de Rio Pardo, os militares de Espanha e Portugal se uniram e começaram a subir em direção aos Sete Povos. Em São Gabriel, na região chamada Batovi, o exército dos índios lhes faz frente. Sepé, que na Missão havia feito um curso de artes marciais e que se tinha tornado um bom estrategista, logo se deu conta que em guerra tradicional não teria sucesso, por isso, durante todo o tempo em que esteve à frente da luta, organizou uma guerra de pouca intensidade, a chamada guerrilha.

**IHU On-Line - Como o senhor descreve Sepé Tiaraju enquanto líder máximo da causa indígena no país e símbolo de resistência? Antônio Cechin** - Diante da extraordinária figura do herói-san-

to, o índio missioneiro guarani Sepé Tiaraju, nossas gerações do presente e do futuro, a exemplo das passadas, devem se inclinar reverentes. Por isso faço minhas as palavras do escritor rio-grandense Manoelito de Ornellas<sup>7</sup> em seu livro intitulado *TIARAJU* e com o sub-título *O santo e herói das tabas* (Editora Alvorada): “Quando os povos não encontram na História a figura de sua glória imortal ou de sua própria grandeza, vão buscá-la nos mundos mágicos da fantasia. Ainda assim, o historiador não tem o direito de eliminá-la. E se o historiador quiser destruí-la, cabe ao artista restituir-lhe o vigor e a beleza da vida. Foi o conselho de Cassiano Ricardo<sup>8</sup>”. O Rio Grande do Sul não necessita criar uma figura imaginária. Pode oferecê-la ao Brasil, em carne e osso, na sua realidade histórica. Ela é tão grande, que sua grandeza sobressaiu da história para entrar na lenda, e não saiu da lenda para entrar na história. Sepé Tiaraju perece às portas dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, à vanguarda dos índios missioneiros, enfrentando os exércitos imperialistas de Espanha e Portugal, em defesa do território da Pátria natural, ainda quase virgem do pé civilizado do europeu, madrugando para a América; pátria telúrica, politicamente indefinida, mas pátria; terra onde nascera, chão nativo, onde plantara seu rancho e acendera seu fogo. Sepé é o primeiro pronunciamento de uma consciência rio-grandense. Morreu lutando contra a Espanha e Portugal, porque a terra que defendia era sua e de seus irmãos, tinha dono, fora de seus pais e seria de seus filhos. Sepé ensina à mocidade do Brasil que esta terra tem dono e convida os jovens brasileiros a preservar autônoma, livre, soberana e cristã, esta pátria que nós recebemos

<sup>7</sup> Manoelito de Ornellas: historiador gaúcho, autor de *Gaúchos e beduínos: a origem e a formação social do Rio Grande do Sul* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966); *Máscaras e murais de minha terra* (Porto Alegre: Globo, 1966) e *Terra Xucra* (Porto Alegre: Sulina, 1969). (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Cassiano Ricardo Leite (1895-1974): jornalista, poeta e ensaísta brasileiro, representante do modernismo de tendências nacionalistas, esteve associado aos grupos Anta e Verde-Amarelo e foi o fundador do grupo da Bandeira. Pertenceu às academias paulista e brasileira de letras. (Nota da IHU On-Line)

**“O Rio Grande do Sul não necessita criar uma figura imaginária. Pode oferecê-la ao Brasil, em carne e osso, na sua realidade histórica. Ela é tão grande, que sua grandeza sobressaiu da história para entrar na lenda, e não saiu da lenda para entrar na história”**

de nossos maiores. Que a figura de Sepé Tiaraju, morrendo no solo gaúcho, pela terra rio-grandense, trazendo ao peito a cruz de seu rosário, seja uma eterna visão seráfica ao espírito livre da mocidade do Brasil”. (Tiaraju - o santo e herói das tabas. Editora Alvorada - 1966 - Porto Alegre).

**IHU On-Line - Qual é a contribuição de Sepé para a construção do imaginário indígena?** Antonio Cechin - Quando criamos no Rio Grande do Sul a ANAÍ - Associação Nacional de Apoio ao Índio, há 50 anos, as Comunidades Indígenas se apresentavam tão fragilizadas que, em cartazes distribuídos por todo o Estado, tínhamos como lema “O futuro do índio está na consciência do branco!” Se não mobilizássemos o entorno dos índios constituído de maneira esmagadora pelos brancos, o índio não teria salvação. Hoje através da exaltação de Sepé quadruplicadamente herói, e ao mesmo tempo santo, os índios do Rio Grande e do Brasil estão se empoderando mais e mais, partindo para suas lutas de libertação. Haja vista para o que aconteceu com a verdadeira guerra que fizeram e, com sucesso, os índios do extremo norte do

Brasil, em Raposa Serra do Sol<sup>9</sup>. Aqui no extremo sul, por ocasião dos 250 anos do martírio de São Sepé Tiaraju e mil e quinhentos companheiros, no ano de 2006, com o amplo apoio dos Movimentos Populares, os índios conseguiram inscrever seu herói no panteão brasileiro com o número 17 ao lado de Tiradentes, Zumbi dos Palmares<sup>10</sup>, Dom Pedro I e outros. As Comunidades Eclesiais de Base, como autêntica Igreja da Libertação, fizeram no dia comemorativo dos 250 anos do martírio, uma nova canonização popular de São Sepé, desencadeando a ereção de monumentos em praças públicas como está para acontecer na cidade de Canoas. Se com os negros foi criado o lema “ser negro é bonito”, os índios estão pensando em criar o lema “ser índio é nobre”, já que são da estirpe da nobreza de São Sepé Tiaraju. Sepé funciona como sinuelo que puxa a frente da arrancada do continente para ser também AMERÍNDIA e não simplesmente América Latina.

**IHU On-Line - Qual é a influência do povo guarani na constituição da cultura gaúcha?** Antonio Cechin - O Povo de Deus, na Bíblia, num de seus poemas que são os salmos, canta: “Jerusalém foi construída sobre o monte santo... De Jerusalém (Sião), será dito: Todo homem aí

<sup>9</sup> Raposa Serra do Sol: área de terra indígena (TI) situada no nordeste do estado brasileiro de Roraima, nos municípios de Normandia, Pacaraima e Uiramutã, entre os rios Tacutu, Maú, Surumu, Miang e a fronteira com a Venezuela. É destinada à posse permanente dos grupos indígenas ingaricós, macuxis, patamonas, taurepangues e uapixanas. Raposa Serra do Sol foi demarcada pelo Ministério da Justiça através da Portaria Nº 820/98, posteriormente modificada pela Portaria 534/2005. A demarcação foi homologada por decreto de 15 de abril de 2005, da Presidência da República. Em 20 de março de 2009, uma decisão final do STF confirmou a homologação contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, determinando a retirada dos não indígenas da região. Nas *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU é possível ler diversas entrevistas especiais sobre o tema. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> Zumbi dos Palmares (1655-1695): último líder do Quilombo dos Palmares. Foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Aos 15 anos de idade, fugiu e retornou a seu local de origem. (Nota da IHU On-Line)

nasceu!... E cantarão: Em ti se encontram todas as minhas fontes!” O Povo de Deus hoje, do Rio Grande do Sul, que são todas as pessoas de fé, deve também dizer e cantar: “Nas Missões dos Sete Povos, não só nasceu São Sepé Tiaraju, mas também todos nós nascemos!” Aí estão nossas raízes da melhor cidadania com a possibilidade de um projeto de nação eminentemente solidária. A Constituição Brasileira afirma com todas as letras que o nosso Brasil é uma nação multiétnica. O povo-raiz, para grande orgulho nosso, é o povo guarani, o povo missioneiro. Nossos Caminhos vão sendo iluminados por Tiaraju, o “Facho de luz”. É uma lástima que o “gauchismo” que anda por aí substituindo Sepé e as Missões Jesuíticas, nosso glorioso nascimento, pela revolução farroupilha que foi uma guerra entre os grandes fazendeiros em que o povo nada teve a ver, esteja tomando o lugar nobre de nossas origens. Aos poucos, com a força dos movimentos populares, estamos colocando as coisas no seu devido lugar. Se Deus quiser, faremos a reconciliação de nosso Rio Grande consigo mesmo que é a reconciliação com a cultura guarani de nossos primórdios, guarani e missioneira.

**IHU On-Line - Por que Sepé Tiaraju recebeu o título de santo popular? A que o senhor atribui o reconhecimento dele não só pelo povo guarani, mas também pelos gaúchos?**

**Antonio Cechin** - Sepé é Santo porque ele nasce num povo organizado e santo. Foi o próprio Jesus Cristo quem disse: “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama”. Muito bem catequizados pelos padres, os índios, no dia mesmo do martírio de Sepé Tiaraju e seus mil e quinhentos companheiros, os canonizaram no instante mesmo em que haviam derramado seu sangue por amor a todos os habitantes dos Sete

Povos, ansiosos por Terra, Paz, Justiça. Trata-se de mártires dos direitos humanos como os chamaríamos hoje. Como índios, iniciadores da Igreja em nossa terra, nada mais fizeram do que imitar os primeiros cristãos de Roma. Quando os imperadores pagãos martirizavam algum cristão, seus irmãos, em geral, à noite, iam resgatar os corpos dos assassinados pela causa da fé e da justiça, enterravam-nos com todas as honras e imediatamente, em cima das relíquias preciosas, celebravam a Missa e todos os demais sacramentos. Dom Hélder Câmara<sup>11</sup> nosso bispo-profeta, por ocasião do Concílio Vaticano II<sup>12</sup>, promoveu o “pac-

<sup>11</sup> Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria **Memória da IHU On-Line** número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Hélder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara - o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://migre.me/Ktlb>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agos-

to das Catacumbas” em Roma. Quis, com esse gesto, reconciliar a Igreja de hoje, com a Igreja dos começos do cristianismo que foi uma Igreja de escravos, de gente pobre e de mártires. Em nosso Rio Grande, ainda nos falta essa reconciliação entre nossa Igreja-ano-2010 com a Igreja Missioneira. O que falta também é que o tal gauchismo a cavalo, dos grandes, particularmente dos latifundiários se reconcilie com a civilização eminentemente solidária vivida pelo povo guarani de ontem e de hoje.

### LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Antonio Cechin à IHU On-Line.

- *A Páscoa cristã e a Pessach judaica: origens, relação e atualidade*. Entrevista com Guershon Kwasniewski, Cleide Schneider e Antonio Cechin, publicada em 1-4-2010, nas **Notícias do Dia**. Acesse no endereço eletrônico <http://migre.me/JhHN>;
- *“A partir do Natal do Menino Jesus, a Esperança não morre nunca mais, porque seremos imortais”*, publicada em 5-1-2009, nas **Notícias do Dia**. Acesse no link <http://migre.me/JhFi>;
- *Encruzilhada Natalino, 30 anos. O nascimento de um acampamento*, publicada nas **Notícias do Dia**, em 5-8-2008. Disponível no link <http://migre.me/JhGR>;
- *A tragédia da silvicultura em terra Guarani*. Entrevista especial com José Bassegio e Irmão Antonio Cechin, publicada nas **Notícias do Dia**, em 13-5-2008. Acesse em <http://migre.me/JhIX>;
- *‘Querência amada ofende a sensibilidade religiosa dos cristãos sul-riograndenses e brasileiros’*, publicada em 2-11-2007, nas **Notícias do Dia**. Acesse no link <http://migre.me/JhJW>;
- *‘Os pobres me evangelizaram’*, publicada em 10-6-2007, nas **Notícias do Dia**. Disponível no link <http://migre.me/JhLq>;

to a 11-11-2005, o **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas**. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

www.ihu.unisinos.br

## Guarani: um povo em constante transformação

As aldeias indígenas atuais não oferecem mais a possibilidade de os guarani viverem de acordo com seus costumes, destaca Maurício da Silva Gonçalves, ex-cacique e atual coordenador do Conselho de Articulação do Povo Guarani

POR PATRÍCIA FACHIN

**A** convivência com o homem branco transformou o modo de vida das populações indígenas e tem alterado também a estrutura política e social das tribos. O cacique, autoridade máxima nas aldeias, não é mais representado por homens sábios e conhecedores profundos da cultura guarani. Hoje, eles são jovens de aproximadamente 20 anos de idade, entendem de leis e lutam para assegurar os direitos dos seus povos. Essa mudança, segundo Maurício da Silva Gonçalves, índio guarani, vem da necessidade do povo “ter mais conhecimento do mundo dos juruá (homem branco)”. Mas isso, assegura, não tira a autoridade dos integrantes mais experientes. “Os nossos karais ainda são as pessoas mais importantes da aldeia e nos orientam”.

Apesar de as políticas de ocupação terem dizimado as populações indígenas, os guarani conseguiram preservar, além do idioma, alguns aspectos de sua cultura como as crenças e a relação de respeito com o meio ambiente. Na entrevista que segue, concedida, por telefone, à IHU On-Line, Gonçalves descreve algumas peculiaridades do jeito de ser guarani. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como é o cotidiano dos guarani na Aldeia da Estiva, em Viamão, onde você vive?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - As pessoas mais velhas acordam cedo e, por volta das 5 horas da manhã, já prepararam o chimarrão. A partir das 7 horas, quando começa a clarear o dia, inicia a rotina de trabalho. A maioria das famílias vive da agricultura. Nós plantamos batata, aipim, melancia, milho guarani. Muitos também se dedicam ao artesanato, e os jovens aprendem, desde cedo, a confeccionar cestos. Na aldeia, o lazer se manifesta nas reuniões familiares.

**IHU On-Line - Quais são os valores do povo guarani? O que difere seu povo de outras etnias?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Apesar de mantermos contato com os brancos há muito anos, conseguimos preservar a nossa cultura, o nosso jeito de ser guarani e, principalmente, a nossa língua. Os pais contam histórias antigas para os filhos, relembram fatos, falam como

eram as casas. O nosso maior valor hoje é a nossa língua. Nossos antepassados conseguiram fazer com que não perdêssemos esse jeito de ser guarani.

**IHU On-Line - Dos costumes e tradições ensinados pelos antepassados, o que os guarani ainda mantêm?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Conseguimos conservar a religião. Esse é um dos pontos fundamentais para que a gente consiga viver como povo guarani. Em todas as aldeias, tem o Opy, um local parecido com uma igreja, onde os nossos velhos buscam a força de Deus Tupã, o Ñhanderu. Nossa religião continua intacta.

No mundo guarani, realizamos uma celebração de final de ano e festejamos a colheita dos plantios.

Além do nome português, todos os índios também têm um nome guarani, o qual só pode ser dado pelos karais, pessoas que têm o dom de Ñhanderu. A partir do momento em que a criança começa a andar, ela recebe o nome guarani. Essa cerimônia é chamada de

nheemongarai. Esse é um momento de festa e de socialização entre as famílias.

**IHU On-Line - Como são formadas as lideranças do povo guarani atualmente?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Hoje em dia, a escolha das lideranças não ocorre mais como antigamente. Os nossos chefes ou caciques eram mais velhos e tinham bastante conhecimento da nossa cultura. Isso mudou bastante devido à necessidade de o nosso povo ter mais conhecimento do mundo dos juruá (homem branco). A demarcação de terras indígenas, por exemplo, é baseada nas leis da Constituição de 88, por isso, o cacique guarani precisa ter conhecimento das leis brancas. Se um líder não compreende essas leis, como ele irá defender o seu povo? Hoje, os caciques são jovens, têm 20, 22 anos. Os nossos karais ainda são as pessoas mais importantes da aldeia e nos orientam. Mas, para falar com os juruá, precisamos ter conhecimento do mundo deles.

**IHU On-Line - Qual é o significado da busca da terra sem males para vocês? Nesse sentido, qual é importância do meio ambiente e dos recursos naturais na sua tradição?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Para o povo guarani, a busca da terra sem males é muito importante. Nossos karaís, que buscam o poder e o conhecimento de Ñhanderu, acreditam que a terra sem males está em algum lugar do mundo, e que todo o guarani já nasce buscando essa terra. Um dia, alguém a encontrará, mas nem todos estarão prontos para habitá-la; somente aqueles que têm amor e um coração bom encontrarão a terra sem males. Nós temos certeza disso!

Os recursos naturais são essenciais porque é da natureza que retiramos nosso alimento, a matéria-prima para o artesanato, as ervas para fazer chá. A mata também oferece bastante energia para viver bem. Nossos velhos estão sempre dizendo que não podemos derrubar a mata porque ela é muito importante para a vida. Além disso, nas florestas vivem os animais nativos, e devemos respeitá-los. Nós caçamos apenas os animais que vamos comer e procuramos consumir alimentos naturais como as frutas. Para nós, todos os seres têm um espírito. A mata, os rios, o ar, ou seja, toda a natureza criada por Ñhanderu tem um espírito.

**IHU On-Line - Há um intercâmbio entre os guarani e outras etnias indígenas? Como vocês se relacionam com outros povos indígenas? Nesse sentido, estão acompanhando as lutas pela demarcação de terras indígenas em outros estados, como Mato Grosso do Sul?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Hoje não existem mais aldeias que tenham mata, recursos naturais e que ofereçam a possibilidade de vivermos do nosso jeito. Para que nossos direitos sejam reconhecidos, precisamos nos unir a outros povos indígenas. Temos uma organização nacional que se chama Comissão de Terra Guarani e Yvyru-pá. Periodicamente, realizamos encontros do povo guarani e, ao mesmo tempo, nos relacionamos com outros povos, lutando para que as leis existam

sejam cumpridas. Precisamos, naturalmente, do apoio de várias etnias para fortalecer a luta indígena no Brasil.

**IHU On-Line - Como está a luta dos guarani no Rio Grande do Sul?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - A luta guarani no estado é muito difícil porque não temos mais matas que ofereçam condições para que os índios guarani vivam de acordo com seus costumes. Estamos lutando hoje para recuperar as matas que ainda existem. O problema é que essas terras estão na mão de fazendeiros e grandes empresas, o que dificulta a demarcação das terras para o povo guarani. Teoricamente, o governo fala que os índios sempre foram os donos das terras, mas, na prática, existem poucas terras demarcadas. No estado, temos em torno de 32 terras guarani reconhecidas pela FUNAI, e dessas, apenas 7 áreas estão regularizadas pelo governo. Em consequência disso, muitas famílias guarani passam a viver à beira das estradas, sofrendo com o frio e o calor.

Recentemente, o prefeito de Guaíba se manifestou contra a demarcação das terras que estão próximas ao Arroio do Conde, no município. Nós temos estudos que comprovam que essas terras são nossas, mas isso não garante que elas sejam demarcadas.

**IHU On-Line - Como avalia a política praticada pelo homem branco, em especial as atuais políticas públicas em relação ao povo guarani? Como se constituem as lideranças entre o povo guarani?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - A política do branco poderia ser melhorada, principalmente com relação à saúde, educação e a práticas produtivas para que as comunidades sejam sustentáveis. Na FUNAI, não existe uma política definida para os povos indígenas, por isso é difícil reconhecer os nossos direitos e tratar as questões em torno das demarcações de terras indígenas.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Maurício da Silva Gonçalves** - Acho que a escola e a universidade são importantes para conscientizar a sociedade

em relação aos povos indígenas. Alguns professores ainda acham que os índios vivem apenas na Amazônia, e isso não é verdade. Não sei se é possível realizar esse trabalho de conscientização, mas como a universidade educa os jovens juruá, ela poderia esclarecer que a luta indígena no Brasil é de direito porque os índios sempre viveram no país. A discriminação e falta de reconhecimento com as populações indígenas agrava a situação do povo guarani. Nós temos riquezas culturais, as quais nem sempre são valorizadas pelo governo e pela sociedade.

## BAU DA IHU ON-LINE

>> A IHU On-Line já dedicou outras edições à temática indígena.

- *Semana dos povos indígenas*. Edição número 13, de 15-4-2002. Acesse no link <http://migre.me/JfUR>;
- *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*. Edição número 156, de 19-9-2005, disponível no link <http://migre.me/JfJN>;
- *Em busca da terra sem males: os territórios indígenas*. Edição número 257, de 5-5-2008, disponível no endereço <http://migre.me/JfPt>.

>> A IHU On-Line já publicou outras entrevistas e notícias dedicadas à temática indígena, no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

- *Platão e os guarani: uma leitura da obra de José Peramás*. Entrevista especial com Beatriz Domingues, edição nº 329 da IHU On-Line, de 17-05-2010. Acesse no link <http://migre.me/KwX3>;
- *Relatório enviado à ONU revela situação esterecedora em que se encontra o povo Guarani no Brasil*. Notícias do Dia 19-03-2010. Acesse no link: <http://migre.me/Kx1n>;
- *Lula e Lugo na fronteira. E os Guarani onde ficam nessa história?*. Notícias do Dia 04-05-2010. Acesse no link: <http://migre.me/Kx3k>;
- *Guarani Kaiowá, um povo que grita por ajuda*. Notícias do Dia 06-04-2010. Acesse no link <http://migre.me/Kx49>
- *CNBB visita índios Guarani no Mato Grosso do Sul*. Notícias do Dia 23-03-2010. Acesse no link <http://migre.me/Kx4T>;
- *Relatório enviado à ONU revela situação esterecedora em que se encontra o povo Guarani no Brasil*. Notícias do Dia 19-03-2010. Acesse no link <http://migre.me/Kx6Y>;
- *Em 7 anos, apenas três terras Guarani foram homologadas na região sul e sudeste*. Notícias do Dia 10-02-2010. Acesse no link <http://migre.me/Kx8v>;
- *Os guarani num ano decisivo*. Notícias do Dia 04-02-2010. Acesse no link <http://migre.me/Kxar>;
- *Incêndio criminoso na Terra Indígena Guarani Nhu Poty (Flor do Campo) - Rio Grande do Sul*. Notícias do Dia 07-01-2010. Acesse no link <http://migre.me/KxbT>
- *Mais um guarani é assassinado na luta pela terra*. Notícias do Dia 19-12-2009. Acesse o link <http://migre.me/KxD>
- *Fazendeiros do Mato Grosso do Sul ameaçam, com tiros, comunidade Guarani Kaiowá*. Notícias do Dia 27-11-2009. Acesse o link <http://migre.me/KxDZ>.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## Nancy Cardoso Pereira. O papel das mulheres na indústria

Segundo a pesquisadora, a história do movimento operário está diretamente relacionada com as lutas das mulheres trabalhadoras industriais, ainda que tenham sofrido com as contradições e violências das formações do trabalho

POR GREYCE VARGAS

A frase “O proletariado não tem sexo!” dita por Che Guevara marca, ainda hoje, a história das mulheres que atuam na indústria, uma vez que reúne e distribui as “relações históricas de poder desigual que persistem no âmbito da classe trabalhadora”. Essa é a avaliação da pesquisadora Nancy Cardoso Pereira durante a entrevista que concedeu à **IHU On-Line**, por e-mail. Ela relata a trajetória e a luta das mulheres que formaram a classe operária brasileira e diz que “o comprometimento das respostas operárias ao impasse estrutural da questão da terra no Brasil tem tido, ao longo do tempo, consequências importantes que se expressam ainda hoje na falta de um consenso político que priorize a reestruturação da estrutura agrária e agrícola no Brasil, a partir de um projeto popular”.

Nancy Cardoso Pereira é teóloga e filósofa com mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. É pós-doutora pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora na Universidade Severino Sombra, de Vassouras, Rio de Janeiro. Dentre suas obras destacamos: *Remover pedras, plantar roseiras, fazer doces - por um ecossocialismo feminista* (São Leopoldo, RS: CEBI, 2009) e *Por uma hermenêutica das coisas úmidas e molhadas* (São Leopoldo, RS: CEBI, Centro de Estudos Bíblicos, 2004). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como a senhora identifica o papel das mulheres no processo de industrialização no Brasil?**

**Nancy Cardoso Pereira** - Tenho pesquisado sobre a questão agrário-camponesa na formação da classe operária no Brasil. A abolição dos escravos em 1888, entendida como processo/resultado de amplas mobilizações dos/as trabalhadores escravos aliados/as a outros setores reunidos pelos movimentos abolicionistas, tinha uma agenda mais ampla e abrangente para além da “abolição imediata e sem indenização” como pode ser conhecido na pesquisa da professora Cláudia Andrade dos Santos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cláudia Regina Andrade dos Santos: graduada em História pela Universidade Federal Fluminense, com mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutorado em Histoire Moderne Et Contemporaine pela Université de Paris IV.

Entre as questões que estavam colocadas neste momento da história - que se precipitou na consolidação da República como resposta conservadora das elites - a questão da terra e dos/as trabalhadores da terra era central e ocupou boa parte dos debates e esforços dos segmentos mobilizados pelo abolicionismo. A questão da “reforma agrária” estava presente neste debate, assim como as mobilizações pelo fim da “divisão feudal da terra”. Neste mesmo período, foram se consolidando os primeiros cenários industriais no Brasil, e parte das primeiras associações de trabalhadores/as (associações mutualistas) aderiu ao movimento abolicionista em sua agenda. Entretanto, este processo de industrialização, mesmo que vinculado em suas formas de produção e reprodução aos

(Nota da IHU On-Line)

produtos da terra e gestando um novo sujeito social - o/a operário/a -, continuou garantindo a permanência dos padrões de profunda desigualdade da sociedade brasileira.

Este trânsito das identidades de trabalhadores/as neste período (escravo-liberto, livre/escravos das oficinas, artesão/operário) é essencial para a compreensão da classe trabalhadora no Brasil. As possíveis formas de integração e/ou interdição do trabalhador/a negro/a no processo de industrialização se deram sem que as questões do estatuto da terra e das relações de trabalho na terra fossem resolvidas.

O comprometimento das respostas operárias ao impasse estrutural da questão da terra no Brasil tem tido, ao longo do tempo, consequências importantes que se expressam ainda hoje

na falta de um consenso político que priorize a re-formatação da estrutura agrária e agrícola no Brasil, a partir de um projeto popular.

**IHU On-Line - De que forma foi a participação das mulheres na formação da classe operária brasileira? Quais as diferenças na atuação da mulher na indústria têxtil e em outros setores da própria indústria?**

**Nancy Cardoso Pereira** - Neste trânsito que marca as classes que vivem do trabalho no final do século XIX e início do século XX, o fluxo entre trabalho manual/artesanal/industrial vai ser importante de ser estudado. Tomo como ponto de análise as “textilidades”, isto é, os modos de produção têxteis que existiam neste período, porque aí vou encontrar as mulheres. Seja no trabalho manual no âmbito da casa, seja nas oficinas de tecido com trabalho escravo e/ou livre (também organizados em galpões ligados às casas) e até mesmo nas primeiras fábricas: as mulheres trabalhadoras migraram do tear no fundo da casa para o tear na fábrica em pouco tempo, de modo massivo e em situações de extrema exploração.

Desde o século XVIII, que o algodão brasileiro e outras fibras já faziam parte do pacote de exportações da Coroa Portuguesa, em especial para a Inglaterra, que tinha o monopólio dos produtos têxteis. O fortalecimento de um mercado consumidor interno criou as condições para a ampliação dos teares familiares que passaram a assumir um perfil de “pequena indústria” como se documenta em 1768, na região de Barbacena, Minas Gerais. Este processo vai articular o trabalho na agricultura com a produção de algodão, e o trabalho manual/artesanal liderado por mulheres, interferindo nos planos comerciais da Coroa, que chega a proibir com um decreto, em 5 de janeiro de 1785, pela Rainha D. Maria I, a produção de têxteis no país. Os teares foram proibidos e banidos; as oficinas foram fechadas e os/as trabalhadores/as poderiam ser punidos se mantivessem a atividade “subversiva”.

**Uma guerra ao tear**

**“Nos mitos e nas tradições, a tecelagem e a lavoura estão sempre juntas; como se a tecelagem fosse também um trabalho de lavoura, um ato de criação de onde saem, fixados na lã, os símbolos da fecundidade e a representação de campos cultivados”**

Esta guerra aos teares era em especial contra as mulheres e seus processos de trabalho. O modo de vida camponês tem como característica a pluriatividade de base familiar, e as tarefas têxteis eram de vital importância e projetavam técnicas de trabalho e conhecimento das fibras que estavam culturalmente associadas às mulheres camponesas (livres/escravas). Mesmo que pareça uma incorreção falar de campesinato neste período, é importante ressaltar esta simultaneidade das identidades camponesas para que seus modos de vida não se invisibilizem. A guerra contra os teares e suas artesãs dura até 1808, com a chegada de Dom João VI<sup>2</sup> e a abertura

2 D. João VI de Portugal (1767-1826): cognominado O Clemente, foi rei de Portugal entre 1816 e a sua morte. Segundo dos filhos de D. Maria I de Portugal e de seu tio Pedro III, herdeiro da coroa como príncipe do Brasil e 21º Duque de Bragança após a morte do irmão mais velho José, Duque de Bragança em 11 de setembro de 1788, vitimado pela varíola. Em novembro de 1807, D. João VI decidiu pela transferência da corte portuguesa para o Brasil, evitando ser aprisionado com toda a família real e o governo, tornando possível manter a autonomia portuguesa a partir do Rio de Janeiro. Sobre a vinda da família real ao Brasil, leia a *IHU On-Line* número 263, de 24-06-2008, intitulada *A Corte Portuguesa no Brasil. Mitos e verdades*, disponível para download em

dos portos.

As relações comerciais com a Inglaterra continuavam a garantir os privilégios dos produtos ingleses que dificultavam o surgimento de uma indústria têxtil brasileira. Existiam as fibras de boa qualidade, existiam tecnologia e trabalho apropriado, mas a indústria têxtil se consolida no século XIX com este perfil de economia de periferia, dependência tecnológica e manutenção das condições de trabalho explorado. No começo do século XX, já existiam cerca de 50 indústrias têxteis no Brasil, que chegou a representar o setor mais importante da frágil economia nacional.

As mulheres eram, no século XIX e no começo do século XX, maioria na classe operária têxtil (chegando a 90%, segundo os dados do documento “Recenseamentos Gerais do Brasil no século XIX - 1872 e 1890”). Neste sentido, as mulheres estiveram como protagonistas no momento de formação da classe operária no Brasil e sofreram estas contradições e violências das formatações do trabalho e o trânsito do trabalho no modo de vida camponês/doméstico para o mundo da fábrica e suas explorações.

**IHU On-Line - Como a senhora vê a relação entre a divisão sexual do trabalho na fábrica e a divisão de gênero na sociedade atual?**

**Nancy Cardoso Pereira** - As mulheres na fábrica sofriam duplamente por conta das péssimas condições de trabalho, os baixos salários e a pesada jornada que era imposta; sofriam também com as relações de poder dentro do próprio operariado. Mesmo sendo maioria na base do trabalho têxtil, as representações de associações e sindicatos era, desde o início, expressa pelas lideranças masculinas. Estudo as greves no período de 1908/1909, nas Tecelagens no Rio de Janeiro, a partir do *Jornal Voz do Trabalhador da Confederação Operária Brasileira*. Os textos insistem na necessidade de fazer com que as mulheres voltassem para casa (também as crianças!) e sugerem que as fragilidades do movimento se deviam ao caráter das “débeis” mu-  
<http://migre.me/KtFM> (Nota da IHU On-Line)

“Parte dos movimentos feministas reivindica as tecelãs russas como o ponto a partir de onde se tece a luta das mulheres, garantindo a rebeldia e o protagonismo”

lheres. Somente com a importação de tecnologia pesada, a indústria têxtil pôde prescindir do trabalho das mulheres, e, seu conhecimento, acumulado neste campo de produção.

A música de Noel Rosa<sup>3</sup> “Três Apitos” revela bem a situação da operária que sofre com a impertinência do gerente, é controlada pelo guarda noturno, disciplinada pelo apito da fábrica e passa frio corajosamente. Ainda hoje as mulheres são maioria da população contratada com carteira assinada: na pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, feita em 1999, em Santa Catarina, as mulheres eram 63% da mão-de-obra assumindo os postos dos setores específicos da tecelagem (costura, feitura, embalagem).

**IHU On-Line - No início do século XX, as mulheres que trabalhavam na indústria têxtil participavam dos movimentos grevistas, sendo que as conquistas alcançadas beneficiavam mulheres e homens. Como essas conquistas impactaram na atuação das mulheres que trabalham hoje na indústria?**

**Nancy Cardoso Pereira** - A história do movimento operário a nível mundial tem vínculos muito expressivos com as lutas das mulheres trabalhadoras têxteis. Mesmo numa visão mais ampla da história, percebe-se uma recorrência e permanência tanto no mito como nas narrativas de mulheres tecelãs. Este simbolismo do fio/rede/net/web como dinâmica que liga isto com aquilo é culturalmente atribuído às mulheres, podendo assumir contornos passivos ou ativos. Nos mitos e nas tradições,

<sup>3</sup> Noel Rosa: músico brasileiro que teve uma importante contribuição na legitimação do samba entre a classe média e o rádio, principal meio de comunicação em sua época - fato de grande importância, não só o samba, mas a história da música popular brasileira. Morreu em 1937, aos 27 anos. (Nota da IHU On-Line)

a tecelagem e a lavoura estão sempre juntas; como se a tecelagem fosse também um trabalho de lavoura, um ato de criação de onde saem, fixados na lã, os símbolos da fecundidade e a representação de campos cultivados.

Este lugar da mulher nos espaços de textilidades se identifica também nos marcos míticos da classe trabalhadora: a greve, em 1917, das trabalhadoras têxteis, em São Petersburgo, marcou o início do levante popular que desembocou na Revolução Russa. Este fato se confunde com a morte de mulheres trabalhadoras têxteis, em Nova York, em 1909, que motivou manifestações pelos direitos das mulheres trabalhadoras. O atual Dia Internacional da Mulher está baseado nestes acontecimentos e suas narrativas.

Parte dos movimentos feministas reivindica as tecelãs russas como o ponto a partir de onde se tece a luta das mulheres, garantindo a rebeldia e o protagonismo. A versão do incêndio em Nova York tece sua narrativa a partir do sofrimento e do martírio, podendo assumir um caráter mais essencialista e reformista. Anos mais tarde, em 1963, Che Guevara se dirige a uma assembleia de trabalhadores/as em Cuba: uma indústria têxtil chamada Ariguanabo. Che reconhece um problema no processo revolucionário: aquela indústria têxtil tem 4 mil trabalhadores/as, cuja maioria são mulheres. Foram eleitos 197 representantes desta fábrica para a assembleia partidária: só 5 mulheres! O Che reconheceu que a revolução ainda não havia cumprido seu papel e que “o passado continua pesando sobre nós”.

Foi nesta ocasião junto às trabalhadoras têxteis de Ariguanabo que o Che disse sua famosa frase: “O proletariado não tem sexo!” Este slogan reúne e distribui estas relações históricas de poder desigual que persistem no âmbito da classe trabalhadora.

Participe dos eventos do IHU  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# Livro da Semana

## “Novos Princípios de Economia Política”, de Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi

Conforme análise da tradutora Fani Figueira, a obra *Novos Princípios de Economia Política* representa uma reviravolta nas ideias econômicas de Sismondi

POR GRAZIELA WOLFART

A Segesta Editora ([www.segestaeditora.com.br](http://www.segestaeditora.com.br)), de Curitiba, acaba de publicar o nono volume da coleção *Raízes do Pensamento Econômico*. Trata-se da obra clássica de Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi, *Novos Princípios da Economia Política*, cuja primeira edição é de 1819. A segunda é de 1827. Fani Figueira é a tradutora do livro e uma das editoras da Segesta. Na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, ela explica que as conclusões de Sismondi representam divergências fundamentais com relação aos princípios de vários pensadores, que acreditavam que o capitalismo era capaz de criar a sociedade do bem-comum. “Sismondi não nega o potencial revolucionário do capitalismo, sua capacidade quase ilimitada de produzir um volume de riquezas cada vez maior. Nega, no entanto, e por isso seu livro se intitula *Novos Princípios de Economia Política*, que todas as classes se beneficiem com o aumento da riqueza. Afirma - e esta provavelmente é a ideia central de sua obra - que o aumento da riqueza é, ao mesmo tempo, aumento da pobreza. Conclui que o capital é uma riqueza que vive daquilo que o capitalista não paga ao trabalhador. Tendo chegado a este ponto, Sismondi conclui que a atual forma econômica só pode gerar sofrimento e tormentos para a classe trabalhadora”. E Fani dispara: “seu livro pode ser considerado como um alerta para a necessidade de mudanças profundas”.

Fani Goldfarb Figueira é socióloga e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual a principal contribuição de Sismondi para o pensamento econômico clássico mundial?

**Fani Figueira** - Além dos *Novos Princípios de Economia Política*, Sismondi<sup>1</sup> é autor de outras obras em que expõe as teses mais gerais da economia clássica. Os *Novos Princípios*, que ele publica em 1819 e 1827, representam uma reviravolta em suas ideias econômicas. Ele próprio faz referências a essa mudança em suas ideias. Essa mudança significa um rompimento radical

com o pensamento de Adam Smith<sup>2</sup> e

<sup>2</sup> Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A *Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/xQmm>. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Ideias*, de 21-07-2005, intitulado *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago

uma total discordância com relação ao que defendia David Ricardo<sup>3</sup> e seus

Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download em <http://migre.me/xQnc>. Smith foi o tópico número I do *Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009*, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O *Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010*, em seu primeiro módulo, falou sobre *Adam Smith: filósofo e economista*. Para conferir a programação do evento, visite <http://migre.me/xQsg>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> David Ricardo (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas

<sup>1</sup> Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi (1773 - 1842): economista e historiador suíço, cujas pesquisas foram marcadas por sua denúncia dos perigos que considerava inerentes ao processo de industrialização e ao desenvolvimento descontrolado do sistema capitalista. (Nota da IHU On-Line)

seguidores. É uma característica geral da Economia clássica a ideia de que o aumento da riqueza beneficiaria a todas as classes da sociedade. É neste ponto que toma vulto a discordância de Sismondi com relação aos princípios da Economia Política. Por isso é que, se podemos falar da contribuição de Sismondi para entender a economia clássica, muito provavelmente ela estará presente nos termos em que ele organiza o seu pensamento para mostrar que os fundamentos nos quais se baseia aquela ciência carecem de confirmação prática. E, neste sentido, suas conclusões representam divergências fundamentais com relação aos princípios de Adam Smith, Ricardo e todos os pensadores, tanto franceses quanto ingleses, que acreditavam que o capitalismo era capaz de criar a sociedade do bem-comum. Sismondi não nega o potencial revolucionário do capitalismo, sua capacidade quase ilimitada de produzir um volume de riquezas cada vez maior. Nega, no entanto, e por isso seu livro se intitula *Novos Princípios de Economia Política*, que todas as classes se beneficiem com o aumento da riqueza. Afirma - e esta provavelmente é a ideia central de sua obra - que o aumento da riqueza é, ao mesmo tempo, aumento da pobreza. Conclui que o capital é uma riqueza que vive daquilo que o capitalista não paga ao trabalhador. Tendo chegado a este ponto, Sismondi conclui que a atual forma econômica só pode gerar sofrimento e tormentos para a classe trabalhadora. Ele afirma: “O lucro do empresário não é outra coisa senão uma espoliação do trabalhador que ele emprega. Ele não ganha porque sua empresa produz muito mais do que ela lhe custa, mas porque ele não paga

monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. O Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, em seu segundo módulo, fala sobre *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo*. Para conferir a programação do evento, visite <http://migre.me/xQsg>. (Nota da IHU On-Line)

## “As teses defendidas por Sismondi são uma frontal oposição aos economistas políticos”

tudo o que ela lhe custa...”. (p. 81)

### IHU On-Line - O que resume os princípios de economia política de Sismondi?

**Fani Figueira** - As teses defendidas por Sismondi são uma frontal oposição aos economistas políticos. Quando Sismondi afirma a respeito deles “que se suas teorias tendiam a tornar os ricos mais ricos, tornavam, também, os pobres mais pobres, mais dependentes e mais espoliados”, podemos dizer, na verdade, que vem abaixo todo um edifício teórico construído em três séculos pelas cabeças pensantes mais capazes da França e da Inglaterra. Se não podemos esquecer que entre os princípios solidamente estabelecidos por Adam Smith e sua crítica implacável elaborada por Sismondi decorre tão-somente meio século, menos ainda podemos esquecer que apenas dois anos separam a obra-prima de David Ricardo, seus *Princípios de Economia Política e Tributação*, e os *Novos Princípios* de Sismondi.

### IHU On-Line - Em que consiste a crítica de Sismondi à riqueza obtida por meio do trabalho assalariado?

**Fani Figueira** - Já vimos como Sismondi parte da crítica ao modo como a ciência econômica clássica concebe a participação das classes que participam da produção, ou seja, capitalistas e trabalhadores assalariados, no usufruto da riqueza. Cabe aqui lembrar que já Ricardo havia chegado à conclusão de que os resultados trazidos pela industrialização não beneficiavam igualmente as classes sociais. Em passagem brilhante dos seus *Princípios* ele afirma que, ao contrário do que se divulgava então, os benefícios que cabiam aos industriais estavam na ordem inversa daqueles que eram colhidos pelas classes trabalhadoras.

Sismondi se pergunta: “Esta opulência nacional, cujo progresso material nos ofusca a todos, terá, por acaso, trazido, finalmente, alguma vantagem para o pobre?”. E responde: “De jeito nenhum”. (p. 28)

### IHU On-Line - Como definir a posição de Sismondi sobre a revolução industrial e o ingresso das máquinas na produção que antes era mão-de-obra humana?

**Fani Figueira** - Vimos que Ricardo chega a uma conclusão surpreendente, se considerarmos os próprios fundamentos da Economia Política, com relação ao papel da indústria na distribuição da riqueza entre as classes ligadas à sua produção. Indo ainda mais fundo, Marx, em seu estudo sobre a acumulação do capital, nos mostra que a máquina entra na produção para aumentar a parte correspondente ao trabalho não pago. Acusado de se opor ao uso das máquinas, Sismondi se defende, de maneira brilhante, demonstrando que o propalado benefício que elas poderiam trazer para os trabalhadores era uma conclusão a que a organização social existente não permitia chegar. Deixemos que o próprio Sismondi explique suas ideias a respeito das máquinas: “Peço, pois, que me prestem atenção: não é contra as máquinas, nem contra novas descobertas, nem contra a civilização que se voltam as minhas objeções, mas contra a moderna organização da sociedade, organização que, ao despojar o homem que trabalha de toda e qualquer propriedade, com exceção de seus braços, não lhe dá nenhuma garantia contra a concorrência, contra uma competição exacerbada que se faz em seu prejuízo, e da qual ele é necessariamente a vítima. Suponhamos que todos os homens partilhem igualmente entre si os produtos do trabalho para o qual concorreram e que toda nova descoberta na indústria represente, então, um benefício para todos eles, pois, após cada progresso na indústria, eles poderão, sempre, escolher entre ter menos trabalho e um repouso mais longo ou o mesmo trabalho e mais coisas para usufruir. Atualmente, não é uma nova descoberta que constitui um mal, mas

a injusta partilha que o homem faz de seus frutos”.

**IHU On-Line - Em linhas gerais, quem foi Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi? Como podemos entender a afirmação de Marx, de que Sismondi teria sido um pensador pequeno-burguês?**

**Fani Figueira** - Sismondi foi, primeiramente, um adepto da Economia Política. É também conhecido por sua vasta produção como historiador. E, como tal, escreveu uma história da França e outra da Itália, ambas compostas de vários volumes. Sismondi nasceu na Suíça de língua francesa. Viveu vários anos na Inglaterra, onde aprofundou seus estudos econômicos e onde chegou às conclusões que formam o centro de seu pensamento contido nos *Novos Princípios*. Seu rompimento com a Economia Política é um dos fatos mais relevantes de sua trajetória como economista. Segundo os critérios de avaliação de Marx, Sismondi é um pensador ímpar. Classificá-lo como um pensador pequeno-burguês decorre, para Marx, do fato de que ele vê a solução dos problemas inerentes à sociedade capitalista, não numa profunda transformação que supere o próprio capitalismo, mas no papel do Estado. Como, para Marx, o Estado representa a classe capitalista, ele só pode sancionar a sociedade dominada pelo capital. No entanto, ao destacar o fato de que Sismondi considera que “a riqueza sempre tem por pressuposto a pobreza, e só se desenvolve na medida em que promove a pobreza”, Marx faz-lhe um elogio que só reservava àqueles que rompiam o cerco ideológico com que os capitalistas cercam sua visão da sociedade moderna.

**IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre os Princípios de economia política, de David Ricardo e os novos princípios da obra em questão, de Sismondi?**

**Fani Figueira** - Uma relação de oposição radical. Os *Novos Princípios de Economia Política* de Sismondi representam uma crítica direta e profunda a Ricardo e a seus discípulos. Sismondi procura mostrar que os princípios que servem de fundamento à obra de Ri-

cardo são puras abstrações que não resistem à prova da prática. Mostra que um dos pressupostos que serve de alicerce à construção teórica dos economistas, a felicidade de todos, não se realiza no mundo real, mas apenas nas abstrações dos economistas. Desta constatação, nasce a crítica de Sismondi.

**IHU On-Line - Para Sismondi, qual seria a relação ideal entre o progresso e o bem-estar das classes trabalhadoras?**

**Fani Figueira** - Ele não trata da relação ideal, mas da relação existente, aquela que torna os ricos sempre mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres. Para ele, relação necessária em se tratando da “moderna organização da sociedade”.

**IHU On-Line - Em que medida a obra ajuda a pensar nos rumos do capitalismo, considerando a recente crise financeira global?**

**Fani Figueira** - A razão principal pela qual a Editora Segesta resolve publicar os *Novos Princípios de Economia Política* de Sismondi consiste exatamente no fato de que as suas formulações críticas ajudam a entender, num plano bem mais geral e profundo, o funcionamento da sociedade capitalista e as contradições que fazem parte de sua natureza. Como, apesar de todas as transformações por que passou essa sociedade nos últimos dois séculos, ela guarda o que a sua natureza tem de fundamental, ou seja, aquela contradição apontada por Sismondi, seu livro pode ser considerado como um alerta para a necessidade de mudanças profundas.

**IHU On-Line - Qual a importância de publicar, em português, uma obra da envergadura de *Novos Princípios de Economia Política*?**

**Fani Figueira** - Como diz Sismondi, a ciência social deve ter como objetivo a felicidade humana. Esta sua afirmação encerra, na verdade, o conteúdo principal de sua crítica aos economistas clássicos, pois ele cobra dos economistas políticos aquilo que eles próprios anunciaram como razão de ser da ciência econômica, ou seja, a

felicidade de todos. Nós, da Editora Segesta, também tivemos como orientação principal, ao publicar em língua portuguesa os *Novos Princípios de Economia Política* de Sismondi, este objetivo que, segundo ele, deve nortear a ciência social. Pouco menos de dois séculos nos separam da data em que eles foram publicados e, no entanto, suas críticas aos economistas clássicos e aos fundamentos da sociedade capitalista, sobretudo neste momento de crise, são de uma grande atualidade. Sobretudo porque, para Sismondi, o Estado tem um papel relevante na proteção aos trabalhadores frente à ganância do capital. Os trabalhadores, para Sismondi, encontram-se, nesta luta, em uma situação de terrível inferioridade, e, se não forem protegidos pelo Estado, não terão como escapar às condições de vida mais dramáticas. Em poucos períodos da história, como agora, esta foi uma discussão tão premente. Esta é outra forte razão que levou a Editora Segesta a publicar uma tradução daquela obra. Os leitores que se interessarem por nossas publicações poderão acessar o site da editora ([www.segestaeditora.com.br](http://www.segestaeditora.com.br)). Somos uma pequena editora que tem se dedicado com exclusividade à divulgação dos economistas clássicos. Entre os nove livros publicados, podemos mencionar: *Da Moeda*, de Ferdinando Galiani<sup>4</sup>, *Economistas Políticos*, que reúne autores como Benjamin Franklin, David Ricardo, Adam Smith, William Petty<sup>5</sup>, Turgot<sup>6</sup> e outros, e *Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral*, de Richard Cantillon<sup>7</sup>.

4 Ferdinando Galiani (1728-1787): economista italiano. (Nota da IHU On-Line)

5 William Petty (1623-1687): economista, cientista e filósofo britânico. (Nota da IHU On-Line)

6 Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781): economista francês cuja obra é considerada um elo entre a fisiocracia e a escola britânica de economia clássica. (Nota da IHU On-Line)

7 Richard Cantillon (1680-1734): reconhecido por muitos historiadores como o primeiro grande teórico da economia, é uma figura obscura. Isto é tudo o que é sabido sobre ele: era um irlandês com um nome espanhol que vivia na França e fez fortuna de cerca de vinte milhões de libras em um esquema junto com John Law antes de se mudar para a Inglaterra. (Nota da IHU On-Line)

# Memória

## Marcio Rillo (1953-2010)

POR GRAZIELA WOLFART

Faleceu na madrugada da última segunda-feira, dia 24-05-2010, em consequência de causas naturais, o reitor da UNIFEI - Centro Universitário da FEI (Fundação Educacional Inaciana “Padre Sabóia de Medeiros”), professor doutor Marcio Rillo. Natural de Apucarana, Paraná, Rillo tinha 56 anos e estava à frente da instituição desde janeiro de 2002. Formado em Engenharia Elétrica com ênfase em Eletrônica pela FEI e em Economia pela USP, Rillo era mestre, doutor e livre-docente em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, tendo coordenado a pós-graduação e orientado diversos trabalhos de doutorado e mestrado nas áreas de automação industrial e inteligência artificial. Atualmente, Rillo era membro do Conselho Superior de Tecnologia e Competitividade - Contec, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp e também membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de São Bernardo do Campo. O professor deixa duas filhas.

O Centro Universitário da FEI - UNIFEI localiza-se no estado de São Paulo e tem dois campi: um em São Bernardo do Campo e outro em São Paulo.

A UNIFEI, juntamente com a PUC-Rio, a Unicap, de Recife, a FAJE, de Belo Horizonte, e a Unisinos, são Instituições de Ensino Superior, no Brasil, confiadas à Companhia de Jesus.

A IHU On-Line ouviu os depoimentos de dois vice-reitores da UNIFEI - Centro Universitário da FEI, que falaram sobre o legado pessoal e intelectual de Marcio Rillo. Confira:

“Marcio foi um líder tanto no aspecto pessoal quanto profissional. Primeiro, porque ele soube preparar sucessão, soube formar possíveis substitutos - lógico, não imaginando uma saída agressiva -, e como um bom líder, ele soube, nessa década em que ele esteve à frente da FEI, delinear caminhos e orientações. Isso alcançou uma maturidade tal que poderia caminhar sem a presença dele. E o próprio Marcio externou isso na sexta-feira antes do falecimento. Eu fui a última pessoa que desci com ele, quando ele me disse que estava muito feliz com tudo o que tem visto, e que a instituição hoje caminhava sem a sua presença. Isso resume para mim o que é um líder. Aquele que não sabe deixar substitutos ou preparar uma sucessão não é um líder, porque a instituição precisa continuar evoluindo, sem dependências. A instituição deve estar acima de pessoas. Então, estou hoje como vice-reitor de ensino e pesquisa no exercício da reitoria e muito tranquilo. A instituição não teve nenhum abalo por conta desses caminhos que já estavam muito bem orientados. Pessoalmente, defino Marcio Rillo pela sua mansidão. Ele era uma pessoa bastante espiritualista, que se aprofundava muito em estudos bíblicos, de forma geral, como leigo, e sabia transmiti-los. Tinha o Marcio como um grande amigo, uma referência, uma pessoa que conseguia articular humildade e serenidade. Ele era duro com muita elegância e, ao mesmo tempo, muito

humilde. O respeito com o ser humano era uma das coisas fundamentais que o Marcio deixou, e as pessoas em torno dele viam isso com muita clareza”.

**Fábio do Prado, vice-reitor de ensino e pesquisa do Centro Universitário da FEI, no exercício da reitoria.**

“O Márcio foi aluno formado aqui na FEI, seguiu carreira acadêmica e foi uma pessoa de bastante destaque no meio acadêmico. Era uma pessoa de grande cultura, muito estudioso, muito dedicado em diversas áreas, não só à área técnica, mas com uma conduta exemplar do ponto de vista ético e de respeito ao outro. Era alguém que, como ser humano, deixou muito ensinamento e exemplo para quem conviveu com ele muito próximo. Como reitor e professor da FEI, ele teve um papel muito importante na condução de uma transformação. Ele participou de um projeto institucional, que certamente daremos prosseguimento, onde foi um grande líder e veio para uma proposta de participar da articulação de quatro faculdades, que hoje compõem o Centro Universitário da FEI. Eram quatro escolas academicamente isoladas, autônomas, mantidas pela mesma mantenedora, que é a Fundação Educacional Inaciana. O objetivo era de transformação em uma futura universidade focada nas áreas de administração, computa-

ção e engenharia. Marcio foi fundamental nessa mudança, tanto que ele deixou nossa comunidade com os objetivos bastante claros, sempre olhando que todos os passos que a gente dê e continue dando seja no sentido de qualidade para a construção de uma futura universidade nessas áreas. Ele veio para a instalação do Centro Universitário, foi seu primeiro reitor e exerceu da melhor maneira possível e de forma plena esse papel. Deixa para nós o legado de uma construção, com uma base muito sólida, para darmos continuidade a esse trabalho. Era uma pessoa muito segura em diversos aspectos, seguro dos valores, dos objetivos, da importância do passo que a instituição estava

dando, sempre de forma a transmitir para todos essa segurança, tanto segurança de gestão quanto de objetivos. Ele conseguiu convencer a toda a instituição, durante a transição, de que a mudança era positiva, necessária. Ele frisava o papel de responsabilidade social que tínhamos como universidade, de que temos uma responsabilidade muito grande na construção do país. Ele conduzia sempre seu trabalho com a visão do que é ser universidade, nos seus diversos aspectos, tanto do ponto de vista econômico como da formação humana”.

**Rivana Basso Fabbri Marino**, vice-reitora de extensão e atividades comunitárias do Centro Universitário da FEI.

# SIGA O TWITTER DO IHU

Home Profile Find People Settings Help Sign out

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

**ihu**

That's you! Lists

Orações interreligiosas. O homem humano de Adélia Prado <http://bit.ly/9hMXWc>  
41 minutes ago via web

Dom Dadeus e o debate sobre pedofilia. A desautorização da CNBB. <http://bit.ly/9JW2je>  
about 2 hours ago via web

A violência institucionalizada: ausência do Estado e do poder público. Entrevista especial com Julio Jacobo Waiselfisz <http://bit.ly/d9RozW>  
about 2 hours ago via web

**Si Sampaio** Chegaram as peças, para última revisão, do Simpósio O (des)governo Biopolítico da vida humana.

**Name** IHU  
**Location** São Leopoldo  
**Web** <http://www.ihu.un...>  
**Bio** O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...

69 following 598 followers 64 listed

**Tweets** 1,900

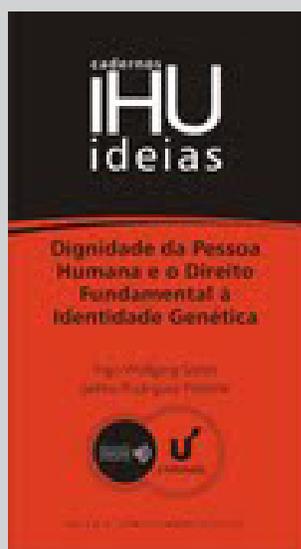
**Favorites**

**Lists**  
educa-o  
parceiros  
contatos  
equipe-ihu  
organiza-es  
leitores  
View all

**Following**

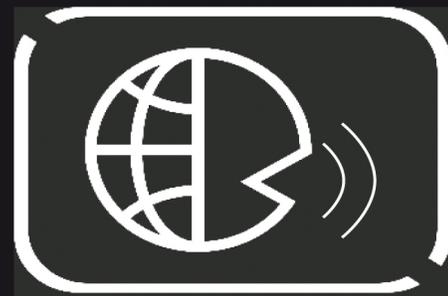
[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## Televisão e violência simbólica

POR ANDRES KALIKOSKE\*

A indústria televisiva atinge milhões de brasileiros todos os dias, sendo que muitos a utilizam como única fonte de informação. Seu discurso, inserido na lógica capitalista, pode gerar consequências irreparáveis.

O capitalismo é um sistema econômico paradigmático em constante mutação. Desde seu advento, diferentes desdobramentos de seus modelos têm sido praticados nos mais diversos regimes societários, sobretudo em sentido favorável às nações dominantes. Segue-se uma espécie de regência global do oligopólio, na qual um reduzido número de empresas, líderes em seu respectivo setor, exercem controle sobre a oferta de determinado produto ou serviço. Numa particular aproximação com a indústria da mídia, cuja lógica é análoga, têm-se a televisão como principal veículo de comunicação, e a TV Globo como maior difusora deste produto no território nacional. Sua penetração atinge milhões de brasileiros, sendo que grande parte deste coeficiente a utiliza como única fonte de informação.

Perifraseando Adorno em sua concepção sobre *indústria cultural*, pode-se afirmar que a TV Globo atinge hoje o mais alto nível produtivo de seu segmento, com muita competência empenhada na transformação de elementos nacionais em mercadoria. Seguindo uma dialética de homogeneização-diferenciação, a empresa reafirma sua imagem de socialmente responsável ao

utilizar gramáticas televisuais esteticamente diferenciadas (como no caso das minisséries *Hoje é Dia de Maria*, *A Pedra do Reino* e *Capitu*, ou ainda, dos programas ecológicos ou educativos como o *Telecurso*). É importante considerar também que, desde os anos 70, a TV Globo modelou um padrão tecno-estético capaz de gerar unidade entre seus programas. O desenvolvimento desta operação mesclou fortes doses de paisagismo natural com elementos genuinamente brasileiros, num posicionamento de consolidação como empresa partidária ao nacionalismo. Na contemporaneidade, com o avanço das mídias digitais, esta estratégia se maximizou, como bem identificou Herscovici, a partir do conceito *estrutura tecno-estética*.

Esta rápida análise reforça a ideia de que o discurso inserido nos produtos da TV Globo está subordinado à dimensão estética e ideológica do capital, reforçada por uma lógica onde a midiatização de determinados temas caminha em curso com a sociedade. Em outras palavras, isso significa eliminar ideias, opiniões ou pensamentos que não estão em absoluto acordo com o admissível. Posicionamento preocupante e gerador de consequências irreparáveis, especialmente

\* Doutorando em Ciências da Comunicação na UNISINOS e coordenador do NAT (Núcleo de Análise da Teledramaturgia). E-mail: <kalikoske@hotmail.com>.

quando potencializado por narrativas que incorporam o cotidiano, acionando e vendendo modelos de vida que não condizem com a realidade.

Entre as múltiplas formas de violência (física, sexual e psicológica), a televisão atua no sentido de acionar o imaginário popular, uma vez que princípios éticos e morais são confrontados pelo visível. Na esfera acadêmica, esta questão tem sido discutida a partir de diversas perspectivas, dentre as quais podem ser referenciados os conceitos de *banalidade do mal* (Hannah Arendt), *estado de exceção* (Walter Benjamin), *violência simbólica* (Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron), *violência estrutural* (Philippe Bourgois, Nancy Scheper-Hughes, Paul Farmer), *biopoder* (Michel Foucault), *doença social* (Kleinman Arthur), *zona cinza* (Primo Levi), e *cultura do terror* (Michael Taussig). A contribuição de Bourdieu, um dos mais difundidos pensadores desta geração, eleva categorias marxistas ao instrumental de sua análise. Sob o ponto de vista da sociologia da educação, compreende o ambiente escolar como facilitador da construção de elementos hierárquicos, necessários para que indivíduos aceitem ideias sociais dominantes como representações naturais. Nesta perspectiva, a autoridade seria exercida pela instituição de ensino e seus agentes, então ditadores das relações hierárquico-pedagógicas. Numa abordagem macro das correlações de poder que entranham a psique, pode-se avançar a contribuição bourdieusiana, tencionando os discursos do principal

**“Entre as múltiplas formas de violência (física, sexual e psicológica), a televisão atua no sentido de acionar o imaginário popular, uma vez que princípios éticos e morais são confrontados pelo visível”**

produto da TV brasileira, a telenovela.

Neste segmento em específico, não equivocadamente, pode-se afirmar que a TV Globo tem sido um obstáculo para o desenvolvimento da diversidade no país. Para citar apenas alguns exemplos, a novela *Páginas da Vida* (2006), ao abordar a pandemia da AIDS, mostrou um personagem doente em estado terminal: magro, abatido e com manchas na pele. Este quadro foi suficiente para que o médico Diogo (Marcos Paulo) o diagnosticasse como soropositivo, sem sequer realizar o exame anti-HIV. Descuido que alimenta o preconceito e não condiz com a conjuntura atual da doença. A reação não tardou: gerou polêmica entre ativistas, críticas do Ministério da Saúde, da Sociedade Brasileira de Infectologia e de

ONGs que amparam pessoas que vivem com HIV/AIDS. Outro caso ocorreu em *Dois Caras* (2008), novela com alto grau de carga ideológica que questionou pejorativamente o trabalhador autônomo Benoliel (Armando Babaioff), pelo fato de não ter sua carteira de trabalho assinada. Ainda que o emprego informal seja sinônimo de barreiras ao crescimento da economia e carência de assistencialismo ao trabalhador, mais de 52% dos brasileiros, desfavoravelmente ignorados pela novela, encontram-se nesta condição. Por último, o caso mais recente aconteceu em *Viver a Vida*, onde se tentou incumbir uma menina de oito anos ao papel de vilã. Para que os prejuízos fossem diminuídos - uma vez que a personagem Rafaela (Klara Castanho) já colecionava uma série de pequenas maldades -, o Ministério Público enviou notificação à TV Globo, exigindo rumos mais brandos para a menina. A intenção era evitar manifestações de hostilidade por parte do público, já que se entende que uma criança desta idade não comporta discernimento e formação psicossocial para separar ficção da realidade.

**REFERÊNCIAS**

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodoro W. *Dialética do esclarecimento*. São Paulo: Ática, 1975.

HERSCOVICI, Alain. *Economia da cultura e da comunicação*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

**PPGCC UNISINOS**

Especialização - Mestrado - Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22  
Ramal 1356

*Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia*



NÚCLEO DE ANÁLISE DA  
**TELEDRAMATURGIA**

[www.grupocepos.net/nat](http://www.grupocepos.net/nat)

**Contatos:**

[nat@grupocepos.net](mailto:nat@grupocepos.net)

[Val.bri@terra.com.br](mailto:Val.bri@terra.com.br)

[Kalikoske@hotmail.com](mailto:Kalikoske@hotmail.com)

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 15-5-2010 a 30-5-2010.



**Dívida pública e juros. Quem paga a conta?**

Entrevista com Maria Lucia Fattorelli

Confira nas **Notícias do Dia** de 25-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/JEBd>

“No último ano, os gastos com a dívida consumiram 380 bilhões de reais, que correspondeu a 36% de todo o orçamento da União, sendo disparado o maior gasto. Enquanto isso, foram destinados, em recursos, 4,8% para a saúde, e 2,8%, para a educação”, revela a auditora.



**Degradação ambiental na sociedade do risco. Até onde podemos ir?**

Entrevista com Carlos Machado

Confira nas **Notícias do Dia** de 26-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/JECq>

“Cada um de nós consome hoje, em média, uma quantidade muito maior de água, alimentos, energia etc. Nesta lógica, não temos como ter crescimento econômico sem gerar uma crise. A questão é até onde podemos ir”, questiona o doutor em Saúde pública.



**Worklover x Workaholic: quem é quem no mundo do trabalho hoje?**

Entrevista com Silvia Osso

Confira nas **Notícias do Dia** de 27-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/JEFO>

“Os workaholics e os worklovers são os perfis que representam a tipologia de quem está no mundo do trabalho hoje”, explica a psicóloga.



**Violência contra a criança: uma ferida aberta.**

Entrevista com Ana Maria Drumond

Confira nas **Notícias do Dia** de 28-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/JEft>

“Se observarmos o disque denúncia nacional, o Ligue 100, mais de 80% das denúncias de abuso sexual acontece dentro de casa, por pessoas conhecidas da criança”, constata a diretora-executiva da Childhood Brasil.



**O terço católico e as materialidades da devoção**

Entrevista com Paola Lins de Oliveira

Confira nas **Notícias do Dia** de 30-05-2010

Disponível no link <http://migre.me/KwJN>

A relação entre o catolicismo e o amplo consumo de terços e rosários corresponde a uma “destraditionalização religiosa”, o que ameaça a aura sagrada dos objetos, segundo a pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER).

**Leia as Notícias do Dia  
no sítio do IHU  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Dia 31/5/2010</b>
Evento: EAD - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS (5ª Edição)
<b>Dia 1/6/2010</b>
Evento: Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Alfredo Veiga-Neto - Unisinos Foucault e a questão do sujeito Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 19h30min às 22h
<b>Dia 7/6/2010</b>
Evento: Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010 Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo - Max Weber, 1864-1920 Inscreva-se em <a href="http://migre.me/JEMx">http://migre.me/JEMx</a>
<b>Dia 9/6/2010</b>
Evento: Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana Prof. Dr. Roberto Machado - UFRJ A geografia deleuziana do pensamento Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros Horário: das 19h30min às 22h

## Max Weber é tema de debate no Ciclo de Economia do IHU

No próximo dia 07-06-2010, inicia um novo módulo do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O autor a ser estudado será Max Weber (1864-1920), a partir de sua principal obra A ética protestante e o espírito do capitalismo.

O professor José Rogério Lopes, do PPG em Ciências Sociais da Unisinos, fez uma breve reflexão acerca da contribuição sociológica da obra de Max Weber e enviou à IHU On-Line. Confira:

“Desde a perspectiva das teorias sociais, a obra de Weber inaugura

uma rica tradição teórica, cuja principal proposição foi reconhecer que as sociedades ocidentais modernas produziram um processo de racionalização crescentemente instrumental, que se expressa como cultura e impõe sacrifícios ao pensamento, à convivência comunitária e às formações políticas. Afirmando-se sobre um despojamento do mundo da magia, denominado por Weber de ‘desencantamento do mundo’, essa racionalização se impõe sobre as ações e relações sociais, as decisões, os propósitos da vida associativa, que passam a ser condicionados pela lógica do cálculo e da burocratização. Essa compreensão do processo de ra-

cionalização se compõe, na obra de Weber, em um conjunto amplo de investigações e reflexões sobre a ação social, as formas associativas (economia, política e religião) e organizacionais da modernidade. O escopo teórico dessas investigações e reflexões deve ser inscrito no quadro da chamada Escola de Sociologia Alemã que, do final do século XIX até a metade do XX, era composta também por Ferdinand Tönnies e Georg Simmel”.

Para saber mais sobre o Ciclo, ou sobre o módulo Max Weber, que vai até o dia 26 de junho, acesse <http://migre.me/JE6V>

# Eventos

## A geografia deleuziana do pensamento

Um pensamento que privilegia a constituição de espaços ou tipos. Assim é a filosofia de Gilles Deleuze, destaca Roberto Machado

POR MÁRCIA JUNGES

**M**ais uma geografia do que uma história, “no sentido de que ela considera o pensamento em suas diversas formas, privilegiando a constituição de dois espaços: os espaços da diferença e da representação”. Assim o filósofo Roberto Machado define a filosofia de Gilles Deleuze na entrevista que concedeu com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. Debatendo aspectos que irá aprofundar em sua conferência *A geografia deleuziana do pensamento*, no Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana** (Confira a programação em <http://migre.me/Jzn2>), Machado pontua que “a questão central da filosofia deleuziana é o pensamento tal como se exerce não só na filosofia, mas também nas ciências, nas artes, na literatura”. Além disso, “a filosofia de Deleuze, em vez de supor que o pensamento tem uma história linear e progressiva, como em Hegel, ou até mesmo uma história descontínua, como em Foucault, privilegia a constituição de espaços ou de tipos”. A influência de Espinosa, Nietzsche e Bergson também é objeto de análise nessa entrevista.

Roberto Machado é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), mestre e doutor pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, com a tese *Science et savoir. La trajectoire de l'archéologie de Foucault*. cursou pós-doutorado na Universidade de Paris VIII, na França. É autor de *Nietzsche e a verdade* (2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *Deleuze e a filosofia* (Rio de Janeiro: Graal, 1990); *Zaratustra, Tragédia Nietzscheana* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997); *Foucault, a filosofia e a literatura* (Rio de Janeiro: Graal, 2000); *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006) e *Deleuze, a arte e a filosofia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2009). É um dos autores de *Danação da Norma. Medicina Social e A Constituição da Psiquiatria no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1978). Em 01-04-2004, Machado abriu o evento Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU), com a palestra Foucault, a filosofia e a literatura. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - O que é a geografia deleuziana do pensamento?

**Roberto Machado** - Publiquei no final do ano passado um livro chamado *Deleuze, a arte e a filosofia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2009) porque, apesar da importância que as ideias e as atitudes de Deleuze tiveram para mim, e muitos outros, considero seu pensamento extremamente difícil e ainda profundamente enigmático. Procurei, então, investigar em que consiste sua filosofia tomada em

conjunto, o que é o sistema deleuziano de pensamento, ou, ainda melhor, qual é o procedimento que lhe possibilita criar seus conceitos filosóficos. Para responder a essa questão, parti da ideia de que a explicação da expressão “geografia do pensamento” é o melhor caminho para expor do modo mais elementar, ou mais geral, como Deleuze constrói sua filosofia, ou cria os conceitos de sua filosofia da diferença, e intitulei a introdução de meu livro “A geografia do pensamento”. Com isso

quis dizer: primeiro, que a questão central da filosofia deleuziana é o pensamento tal como se exerce não só na filosofia, mas também nas ciências, nas artes, na literatura, de modo que todos esses saberes estão no mesmo nível, nenhum é superior ou inferior ao outro do ponto de vista da criação; segundo, e mais fundamentalmente, quis dizer que a filosofia de Deleuze, em vez de supor que o pensamento tem uma história linear e progressiva, como em Hegel<sup>1</sup>, ou até mesmo uma história

<sup>1</sup> Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão

descontínua, como em Foucault, privilegia a constituição de espaços ou de tipos.

Se digo que a filosofia de Deleuze é mais uma geografia do que uma história, é no sentido de que ela considera o pensamento em suas diversas formas, privilegiando a constituição de dois espaços: os espaços da diferença e da representação. Assim, para pensar filosoficamente, ele parte sempre do pensamento de determinados filósofos ou não-filósofos que privilegia, sem, no entanto, privilegiar de que época eles são. O importante para ele é se esses pensadores expressam a representação ou a diferença.

**IHU On-Line - Em que medida essa geografia pode ser caracterizada como um espaço ontológico e trágico?**

**Roberto Machado** - Não é a geografia que é um espaço. A geografia é um modo de pensar que privilegia o espaço, ou, no caso específico de Deleuze, que propõe a constituição de dois espaços não apenas diferentes, mas antagônicos. Isto é, ao privilegiar determinados filósofos, cientistas, literatos, cineastas e pintores para constituir sua própria filosofia, o objetivo de Deleuze é sempre contrapor dois tipos de espaços: um espaço do pensamento que ele chama “sem imagem”, no sentido de que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético, trágico, e um espaço da imagem do pensamento que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral, racional, que ele chama “pensamento da imagem”. O espaço do pensamento sem imagem é o espaço da diferença; o da imagem do pensamento é o da representação. O que interessa a Deleuze em todos seus estudos é construir um espaço onde seja possível

idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zaon>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zaox>. (Nota da IHU On-Line)

criar – a partir de pensamentos passíveis de entrar em relação – conceitos que expressem um pensamento da diferença, ontológico e trágico, que funcione como alternativa ou como resistência ao pensamento da representação concebido como aquele que privilegia a identidade em detrimento da diferença. Assim, além de sua filosofia estar sempre criticando a subordinação da diferença à identidade, o que ele chama de “pensamento da representação”, o procedimento filosófico deleuziano pretende fundamentalmente dar conta da identidade da diferença, subordinar a identidade à diferença.

**IHU On-Line - Analisando a obra de Deleuze como um todo, é correto falar em uma centralidade da geografia do pensamento? Por quê?**

**Roberto Machado** - Considero a geografia do pensamento – no sentido que estou lhe dando de constituição de dois espaços antagônicos onde Deleuze situa os grandes pensadores – central no modo deleuziano de pensar porque acredito que é possível encontrá-la em todos os livros que escreveu. Pois essa posição de dois espaços antagônicos não se reduz ao pensamento filosófico. Ela serve para situar, de um lado, Platão<sup>2</sup>, Aristóteles<sup>3</sup>, Descartes<sup>4</sup>, Hegel etc.,

2 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

3 Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

4 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filoso-

filósofos que não são importantes para a constituição da filosofia deleuziana, e, de outro, Hume<sup>5</sup>, Espinosa<sup>6</sup>, Nietzsche<sup>7</sup>,

fiando, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

5 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

6 Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou o *Tractatus Theologico-Politicus*, e a *Ética* e deixou várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

7 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvg>. (Nota da IHU On-Line)

Bergson<sup>8</sup>, Foucault<sup>9</sup> etc., filósofos a partir dos quais ou com os quais ele pensa, e sobre os quais escreveu livros importantes. Mas essa maneira de pensar privilegiando espaços não é uma exclusividade de sua análise da filosofia; é uma propriedade da maneira como ele investiga o pensamento em geral, ou os mais variados saberes. É assim que

8 Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/Jzy0>. (Nota da IHU On-Line)

9 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMjZ>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjD> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyaH>. (Nota da IHU On-Line)

ele privilegia, na literatura, Artaud<sup>10</sup>, Blanchot<sup>11</sup>, Beckett<sup>12</sup>, Proust<sup>13</sup>, Kleist<sup>14</sup>, Kafka<sup>15</sup>, Melville<sup>16</sup>, Fitzgerald<sup>17</sup>, no cinema, Ozu<sup>18</sup>, Orson Welles<sup>19</sup>, Renais<sup>20</sup>, Godard<sup>21</sup>, Duras<sup>22</sup>, Straub, na pintura,

10 Antonin Artaud (1896-1948): poeta, dramaturgo, diretor e ator francês, Artaud tem como proposta despertar as forças inconscientes do espectador, para libertá-lo do condicionamento imposto pela civilização. Não há separação rígida entre palco e platéia. Parte de sua teoria está exposta no livro *O Teatro e Seu Duplo* (1936). (Nota da IHU On-Line)

11 Maurice Blanchot (1907-2003): filósofo, romancista e crítico literário francês, autor de *O espaço literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987), *Pena de morte* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *El paso (no) más Allá* (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

12 Samuel Beckett (1906-1989): escritor e dramaturgo irlandês. Autor de uma obra bilingüe (francês e inglês), por vezes designada como “literatura da angústia”, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1969. À espera de Godot é a sua peça mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

13 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

14 Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist (1777-1811): poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão. É conhecido por sua comédia *O Jarro Quebrado*, pela tragédia *Pentesiléia* bem como por seu conto *Michael Kohlhaas*. (Nota da IHU On-Line)

15 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acaba transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

16 Herman Melville (1819-1891): romancista norte-americano, ensaísta e poeta. Sua obra principal é *Moby-Dick*. (Nota da IHU On-Line)

17 Francis Scott Key Fitzgerald (1896-1940): romancista americano. Sua primeira obra, *Este Lado do Paraíso* (São Paulo: Cosac & Naify, 2003), publicada em 1920, obteve sucesso imediato. Foi marcado como o expoente da “geração perdida”, o ídolo da juventude insatisfeita de seu tempo. (Nota da IHU On-Line)

18 Yasujiro Ozu (1903-1963): influente realizador de cinema Japonês. (Nota da IHU On-Line)

19 George Orson Welles (1915-1985): cineasta estadunidense. Também foi diretor, roteirista, produtor e também ator. Iniciou a sua carreira no teatro em Nova Iorque, em 1934. (Nota da IHU On-Line)

20 Alain Resnais (1922): cineasta francês conhecido por suas obras-primas de ficção poética (Nota da IHU On-Line)

21 Jean-Luc Godard (1930): cineasta francês, reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas e assumiu como forma, de maneira ágil, original e quase sempre provocadora, os dilemas e perplexidades do século XX. Além disso, é também um dos principais nomes da *Nouvelle Vague*, assim como Truffaut. Um de seus filmes é *Vivre sa vie* (1962). (Nota da IHU On-Line)

22 Marguerite Donnadieu, também conhecida como Marguerite Duras (1914-1996): escritora

Cézanne<sup>23</sup>, Francis Bacon. E, para ele, o antagonismo entre duas maneiras de pensar existe até mesmo nas ciências, e o leva, por exemplo, a contrapor uma linguística do significante, de Saussure<sup>24</sup>, e uma linguística dos fluxos, de Hjelmslev<sup>25</sup>, que faz uma teoria puramente imanente da linguagem. É possível, portanto, dizer que essa ideia de geografia do pensamento existe desde seus primeiros livros, como *Nietzsche e a filosofia* (Lisboa: Edições 70, 1985) e *Proust e os signos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987), do início da década de 60, é aprofundada no seu livro mais importante e mais sistemático, *Diferença e repetição*, de 68, e retomada nos dois grandes livros das décadas de 80 e 90, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (São Paulo: Ed. 34, 1995-2004. 5 Vol) e *O que é a filosofia?* (Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993-1996)

IHU On-Line - Por que sua filosofia é classificada, muitas vezes, como uma filosofia do desejo, no sentido de vontade de potência nietzschiana? Em que Deleuze fundamenta a sua crítica à psicanálise freudiana?

Roberto Machado - Sua pergunta situa Deleuze em relação a Nietzsche e a Freud<sup>26</sup>, um filósofo e um cientista.

e diretora de filmes. (Nota da IHU On-Line)

23 Paul Cézanne (1839-1906): pintor francês. (Nota da IHU On-Line)

24 Ferdinand de Saussure (1857-1913): linguista suíço, cujas elaborações teóricas enriqueceram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX. (Nota da IHU On-Line)

25 Louis Hjelmslev (1899-1965): linguista dinamarquês. (Nota da IHU On-Line)

26 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a*

Isso é interessante, pois me parece que o modo como Deleuze pensa a psicanálise mostra que a relação com os outros saberes ou outras formas de pensamento, embora constitutiva, não é o aspecto determinante da inter-relação conceitual por ele realizada. Quer dizer, acredito que, embora não haja superioridade ou preeminência de um saber sobre os outros, do ponto de vista do exercício de pensamento de Deleuze há prioridade da filosofia sobre os outros domínios, ou que o apelo aos saberes não filosóficos – onde funções científicas, perceptos e afetos artísticos lhe suscitam conceitos – funciona fundamentalmente como extensão ou prolongamento de uma problemática definida conceitualmente pela filosofia. Por exemplo, *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (Rio de Janeiro: Imago, 1976) critica a psicanálise por ela reduzir e até mesmo destruir o desejo ao ligá-lo intrinsecamente à representação, à lei, à falta, à privação, e defende que o desejo não se liga à lei nem se define por uma falta essencial; em vez de representação ele é máquina, processo de produção – máquina desejante, produção desejante, processo de autoprodução do inconsciente. Em suma, o livro defende que o inconsciente produz, é uma fábrica, e não uma cena de teatro onde se representa um drama, e que Édipo é o efeito da repressão social sobre a produção desejante.

**Desejo como processo de produção**  
Mas como *O anti-Édipo* faz isso? Primeiro, ele não é uma rejeição ou uma crítica radical da psicanálise, pois grande parte do aparelho conceitual a partir do qual a análise é feita vem justamente da psicanálise: libido, inconsciente, desejo, esquizofrenia, objeto parcial... O mais importante, porém – e daí minha hipótese sobre o privilégio da filosofia no pensamento deleuziano –, é que a relação de Deleuze com a psicanálise só pode ser totalmente esclarecida a partir

religião, disponível para download em <http://migre.me/s8jF>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8jU>. (Nota da IHU On-Line)

## “Lembro de Deleuze dizendo numa aula que filosofar é passear com um saco e, ao encontrar alguma coisa que sirva, pegar”

da relação que sua atividade filosófica estabelece com a própria filosofia. Neste sentido, penso que sua concepção do desejo como processo de produção – que lhe permite criticar não apenas a posição psicanalítica, mas até mesmo as concepções filosóficas do desejo como falta, como as de Platão e Hegel – tem como condição de possibilidade as filosofias de Espinosa e, sobretudo, de Nietzsche, interpretadas de uma perspectiva que os aproxima bastante, basicamente os conceitos espinosistas de afecção e afeto e o conceito nietzschiano de vontade de potência. Assim, se a esquizofrenia, descrita positivamente, isto é, apreendida como processo, é interpretada em termos de experiência intensiva, grau de intensidade, limiar de intensidade, como Deleuze o faz nesse e em outros livros, é a potência de Nietzsche e Espinosa que – não exclusivamente, mas em última análise – torna isso possível.

**IHU On-Line - Quais são os filósofos que tiveram maior influência na filosofia deleuziana?**

**Roberto Machado** - Quando se lê Platão, Descartes, Espinosa ou Kant,<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e

não se encontra referência a outros pensadores, mesmo que esses autores estejam sempre dialogando com o passado. A meu ver, foi Hegel quem iniciou esse estilo de filosofia em que não há praticamente diferença entre filosofia e história da filosofia ou do pensamento. Apesar das diferenças evidentes, Heidegger<sup>28</sup> e muitos outros estão em continuidade com esse estilo filosófico. Deleuze também está nesse caso. Creio ser possível dizer que atrás de todo pensamento deleuziano há sempre o pensamento de um outro. É nossa falta de cultura que não permite ver isso, e Deleuze é copioso nas referências de pé de página. A ideia de pensar a partir de intercessores é essencial para ele. Mas evidentemente nem todo pensador é um bom intercessor, nem todo pensador lhe serve. Lembro de Deleuze dizendo numa aula que filosofar é passear com um saco e, ao encontrar alguma coisa que sirva, pegar. Essa “alguma coisa” é essencial, pois mostra que

pelos categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>28</sup> Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

é preciso um critério para integrar o pensamento de um outro ao seu próprio modo de pensar. Esse critério é a diferença. Se sua geografia do pensamento agrupa os filósofos em espaços antagônicos tomando como critério a representação e a diferença, é porque considera que, além dos filósofos que estão excluídos do espaço em que ele pretende situar seu pensamento, existem filósofos ao lado de quem ele pensa. Ora, mesmo entre esses, alguns, mais do que outros, lhe fornecem instrumentos para pensar a diferença. Penso, portanto, que é sobretudo através de uma repetição diferencial de alguns filósofos por ele privilegiados que sua filosofia se constitui como um pensamento da diferença. Esses filósofos são Espinosa, Nietzsche e Bergson. E os principais conceitos a partir dos quais Deleuze elabora sua filosofia são: univocidade, imanência, intensidade, de Espinosa; vontade de potência, niilismo, eterno retorno, de Nietzsche; multiplicidade, tempo puro, diferença de natureza, gênese, virtual, atual, atualização, de Bergson.

#### Afirmação da diferença

Mas isso não significa dizer que, quando Deleuze retoma conceitos de outros pensadores, como no caso desses três grandes filósofos, ele esteja buscando sua identidade; o que ele está querendo é afirmar sua diferença. Coerente com o privilégio da diferença que sua filosofia institui, essa repetição se caracteriza por uma retomada criadora de pensamentos que ele relaciona e agencia por expressarem, em maior ou menor grau, a diferença. É, inclusive, esse procedimento de apropriação e modificação das ideias dos pensadores que ele toma por aliados que permite dar conta do diferencial próprio ao seu pensamento, ou do que constitui sua singularidade como filósofo. Neste sentido, a filosofia de Deleuze não só é uma filosofia da diferença; ela também é feita diferencialmente, sempre privilegiando a diferença em relação à identidade.

**IHU On-Line - Quais aspectos fazem da filosofia deleuziana uma filosofia**

**“Os principais conceitos a partir dos quais Deleuze elabora sua filosofia são: univocidade, imanência, intensidade, de Espinosa; vontade de potência, niilismo, eterno retorno, de Nietzsche; multiplicidade, tempo puro, diferença de natureza, gênese, virtual, atual, atualização, de Bergson”**

**da diferença? O que seria uma filosofia desse tipo?**

**Roberto Machado** - Analisando todos os livros de Deleuze, meu livro *Deleuze, a arte e a filosofia* procura mostrar que ele se insere especificamente nesse espaço do pensamento sem imagem de uma maneira bem precisa: privilegiando a questão da relação entre termos ou entre séries, ou seja, que é sempre a questão da relação que permite esclarecer a leitura deleuziana dos filósofos e dos não filósofos que ele utiliza como intercessores. Mas eu procuro, sobretudo, mostrar que para dar conta do que há de mais singular na sua maneira de pensar isso não basta, porque além de haver no pensamento de Deleuze um privilégio da relação em detrimento dos termos, há também o privilégio de um tipo de relação, a relação disjuntiva. Penso, portanto, que a filosofia de Deleuze é um pensamento da diferença porque, ao procurar responder à questão central de sua filosofia: “O que significa pensar?”,

ele sempre privilegia a disjunção, ou, utilizando uma expressão que Kant usa para caracterizar o sublime, o “acordo discordante”. Em *Diferença e repetição*, por exemplo, quando se refere ao exercício superior das faculdades – que se opõe a seu uso representativo –, é a um exercício disjuntivo que Deleuze apela. O que ele chama de exercício superior é aquele em que, ao comunicar a uma outra faculdade a violência que a leva a seu limite próprio – a seu máximo de potência ou limiar de intensidade – cada faculdade produz um acordo discordante que exclui o privilégio da identidade. No exercício superior ou transcendente das faculdades é a diferença que articula ou reúne. O lugar onde essa ideia aparece elaborada com mais rigor e criatividade é *Diferença e repetição* – seu livro mais importante, sem a leitura do qual é impossível compreender sua filosofia. Mas esse é o tema de todos os seus estudos: sobre filósofos, artistas ou literatos. Assim, enquanto o aspecto crítico de sua filosofia tem sempre como alvo um tipo de relação que subordina a diferença à identidade, o procedimento filosófico deleuziano é fundamentalmente o projeto de afirmar a divergência ou a disjunção das séries para dar conta da identidade da diferença. Por isso, o objetivo mais ambicioso de meu livro *Deleuze, a arte e a filosofia* é apresentar a diferença como o invariante capaz de esclarecer as principais interpretações de filósofos, literatos, pintores e cineastas realizadas por Deleuze, para dar conta do que constitui a singularidade dessa filosofia instigante e sugestiva.

#### LEIA MAIS...

Roberto Machado já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira:

• *Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária*. Revista IHU On-Line, número 203, de 06-11-2006, disponível para download em <http://migre.me/Jzcr>

# IHU Repórter

## Ana Boessio

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Ela é formada em Letras, mestre em literatura italiana, especialista em Poéticas Visuais e Doutora em Literatura Inglesa, professora de língua estrangeira, tradutora e artista plástica. Seu nome é Ana Boessio e ensina italiano e inglês no Instituto de Idiomas Unilínguas, da Unisinos. Amante das artes e da cultura italiana, Ana fala sobre sua trajetória pessoal e profissional, sobre a forma como lida com grandes perdas já sofridas e sobre sua crença na doutrina espírita. Confira:

**Origens** - Nasci em Porto Alegre, mas moro aqui, em São Leopoldo, há 12 anos. Sou de origem italiana.

**Línguas** - Sempre tive interesse por línguas estrangeiras. Comecei a estudar inglês com 10 anos de idade. Depois, na adolescência, comecei a estudar francês. Sempre tive uma relação com a cultura italiana muito forte porque a família do meu pai é italiana, e lembro de minha avó contando histórias sobre eles vindo para o Brasil, histórias que vemos até em novelas. Ela nasceu aqui, mas os irmãos todos vieram da Itália. Tem uma carga cultural muito forte em nossa família, e me sinto muito vinculada a ela. Aliás, antes de estudar Letras, eu estudava Arquitetura. Mas só fui realmente me sentir satisfeita e feliz quando fui para a faculdade de Letras. E quando eu comecei a estudar italiano, lembro que houve uma espécie de encaixe da questão cultural, das minhas raízes, com essa linha de trabalho. A partir daí, as coisas foram acontecendo. Ainda, na faculdade, fui monitora de uma professora que desenvolvia um projeto de implantação da língua italiana em centros de língua, o que, na época, não existia. Esse projeto se uniu a um trabalho da secretaria estadual, de pluralismo de idiomas. Com isso, desenvolvemos um trabalho em escola pública, onde trabalhei por dez anos,

com o ensino de língua italiana.

**Vida na Itália** - Morei um tempo na Itália, onde estudei literatura comparada na Universidade de Roma, e essa experiência foi muito forte, até porque há um processo de contraste. Nós temos uma italianidade aqui que não existe lá. Tudo o que nós chamamos de italiano, cultura italiana, que tem a ver com a nossa região, na verdade, está muito distanciado da cultura italiana atual. Na Itália hoje, encontramos um povo extremamente urbano, americanizado, tanto na linguagem quanto nos hábitos. Essas diferenças são marcantes para quem vai à Itália pela primeira vez. O princípio que alimentamos da cordialidade, da simpatia italiana se choca com Roma, que é uma cidade grande e com os mesmos conflitos de qualquer cidade grande do mundo.

**Vida nos EUA** - Em 1990, minha família e eu fomos para os Estados Unidos, onde fiz meu mestrado em Literatura Italiana. Lá, retomei um projeto antigo, que era estudar artes. Quando voltei ao Brasil, comecei a reconectar essas questões.

**Família e projetos pessoais** - Sou viúva há nove anos. Meu marido, José Pedro Boessio, era o maestro da Orquestra Unisinos e diretor cultural da universidade. Ele trabalhou muitos

anos aqui. Houve um acidente, onde ele faleceu juntamente com dois dos nossos três filhos. Esse foi um momento de zerar todos os relógios, onde foi preciso redimensionar a vida toda, porque ficamos eu e minha filha mais velha, que, na época, tinha nove anos de idade. Essa experiência tem definido todas as minhas escolhas desde então. Meu primeiro projeto pessoal nesses nove anos foi meu doutorado em Literatura Inglesa, realizado na UFRGS, que recém concluí. É uma proposta interdisciplinar na qual trabalho com uma peça de um autor irlandês, Samuel Beckett, e proponho uma poética visual, que é um método de pesquisa utilizado em artes visuais e, dessa forma, partindo dos elementos pictóricos presentes na obra, construo interfaces entre artes visuais, cinema e teatro para analisar o espaço/tempo na obra e suas relações com o leitor-espectador. Uma das coisas mais bonitas que aconteceu no processo de pesquisa foi descobrir os vínculos teóricos de Beckett com a literatura italiana e também com a arquitetura, o que fez com que eu resgatasse saberes de vários momentos da minha vida acadêmica e profissional.

**Unilínguas** - Sou professora de língua inglesa e italiana no Instituto Unilínguas, onde desenvolvemos uma gama de atividades. O Unilínguas ofe-



sustentação muito importante na minha vida.

**Sonhos** - É meu projeto e espero poder, muito em breve, desenvolver um trabalho numa linha interdisciplinar, tanto em sala de aula quanto em pesquisa, onde possa principalmente estabelecer um dialogismo entre as várias linguagens artísticas. Como a minha filha é americana, é também um projeto fazermos outra viagem para lá e também para a Europa. São projetos que estão no meu horizonte mais próximo. Em termos de sonhos e desejos da alma, o que eu mais quero é ver minha filha feliz.

rece serviços *in-company* para empresas dentro e fora do campus, serviços de tradução e interpretação e eu trabalho, muitas vezes, nesse tipo de projeto. Além disso, há sempre projetos dos quais o Instituto se torna parceiro da universidade, sendo que eu tive a oportunidade de participar de alguns deles. Também trabalho como tradutora autônoma.

**Produção com arte visual** - No momento, minha produção pessoal com arte visual está mais parada; acho que em razão de ter ficado muito mergulhada na questão teórica da arte visual em função do doutorado. Mas é uma das minhas paixões.

**Ser professora** - Gosto muito de ser professora e de realizar as atividades que desenvolvo. Não há nada mais importante e desafiador do que conseguir ser um educador. Aí não depende do que se ensina. A grande questão é a carga que nós, enquanto professores, trazemos e que afeta o aluno, às vezes, indireta e inconscientemente. O grande desafio é sair da condição de um mero instrutor, para a condição de professor, de educador.

**Horas livres** - Amo ir ao cinema. De tudo, é o que eu mais gosto de fazer. Sou cinéfila. Gos-

to também de passeios alternativos, de ir para a natureza. Não sou muito agitada. Pelo menos um dia do final de semana gosto de passar em casa. Adoro de ter minha filha por perto. Ela estuda aqui na Unisinos, faz o curso de Design.

**Filme** - *Orgulho e preconceito* e *A Festa de Babete*. São filmes que tratam de questões relacionadas ao universo feminino, e que não canso de ver. O último filme que vi e gostei realmente foi *O segredo dos seus olhos*, um filme argentino maravilhoso.

**Religião** - Sou espírita. Tenho um trabalho, há muitos anos, numa sociedade espírita em Porto Alegre, e honro muito essa atividade. Seja o que for que eu faça, sempre reservo e preservo esse tempo, porque ele é altamente nutridor. Nem tenho a presunção de achar que vou lá ajudar aos outros. Com certeza, em primeiro lugar, estou me ajudando. A doutrina espírita tem sido o grande diferencial na minha vida, até para administrar essas perdas todas. Foi fundamental nesse processo de renascimento. Eu venho de família espírita, comecei a assumir algumas tarefas na casa por volta dos 20 anos. Desde então, tenho mantido isso. É um elemento de

**Unisinos** - A Unisinos representa muitas coisas para mim. Primeiro, pela minha história pessoal, pois a Unisinos foi o espaço de trabalho do meu marido, e ele tinha um vínculo de profundo amor com a universidade e com o trabalho que ele desenvolvia aqui. Isso gera em mim um sentimento de gratidão pela instituição. Até mesmo pelo apoio que me deram naquele momento, que foi muito importante. Além disso, a Unisinos tem sido o meu espaço de trabalho, que eu honro, com certeza. Além da facilidade de morar a 7 minutos de distância, e do campus ser um espaço físico extremamente agradável, não tiro daqui apenas meu salário no final do mês, obtenho aqui um ganho e um crescimento pessoal muito grande.

**IHU** - É um projeto desafiador para os tempos atuais. Pelo que entendo, a grande função do IHU é o resgate da dimensão humana em todos os níveis do espaço acadêmico, na questão da diversidade, da inclusão, mas também no nível das inter-relações. O trabalho que o IHU desenvolve na área do diálogo inter-religioso, por exemplo, é algo maravilhoso. Qualquer espaço onde se possam oxigenar os muitos saberes é fundamental.



## Empresariamento da educação

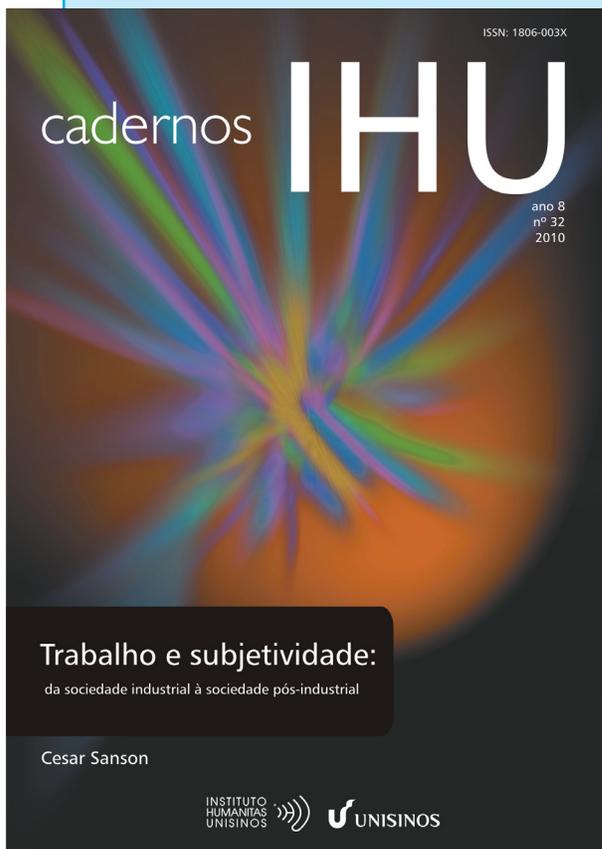
*Inclusão e o empresariamento da educação* é o tema que será apresentado pela Profa. Dra. **Maura Corcini Lopes**, **Morgana Domênica Hattge**, ambas da Unisinos, e **Viviane Klaus**, da UFRGS. A atividade acontece no próximo dia 10 de junho, das 17h30min às 19h, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, e é um pré-evento do XI **Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Para saber mais acesse <http://migre.me/KudH>

## Trabalho e subjetividade. Da sociedade industrial à pós-industrial

*Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial* é o tema dos **Cadernos IHU** número 32, que acaba de ser lançado. A publicação é uma síntese da tese de doutorado de Cesar Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, parceiro estratégico do IHU. Ele também é o coordenador do Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social de Curitiba - PR. O trabalho se constitui de três partes:

- 1.- Trabalho e subjetividade na sociedade industrial
- 2.- Trabalho e subjetividade na sociedade pós-industrial
- 3.- Produção biopolítica

Trabalho imaterial, multidão, produção do comum, biopolítica e subjetividade são alguns dos conceitos fundamentais desta publicação. A versão em PDF estará disponível a partir do dia 25 de junho no sítio do IHU. Os **Cadernos IHU** podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no Campus da Unisinos, ou pelo endereço [livrariacultural@terra.com.br](mailto:livrariacultural@terra.com.br). Para conhecer esta e outras publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU acesse o link <http://migre.me/Ksc0>



Apoio:

